

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA – PPGH**

MILTON APARECIDO AZEVEDO

**A CONSTRUÇÃO DA CULTURA CAPITALISTA NA RELIGIÃO
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: DÉCADAS DE 1980 A 2020**

Marechal Cândido Rondon

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA – PPGH

MILTON APARECIDO AZEVEDO

A CONSTRUÇÃO DA CULTURA CAPITALISTA NA RELIGIÃO
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: DÉCADAS DE 1980 A 2020

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi.

Marechal Cândido Rondon
2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Azevedo, Milton Aparecido

A construção da cultura capitalista na religião Adventista do Sétimo Dia: décadas de 1980 a 2020 / Milton Aparecido Azevedo; orientador Antônio de Pádua Bosi . -- Marechal Cândido Rondon, 2022.

120 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Marechal Cândido Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2022.

1. Adventismo. 2. Capitalismo. 3. Prosperidade. 4. Ética protestante. I. , Antônio de Pádua Bosi, orient. II. Título.

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE **MILTON APARECIDO AZEVEDO**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 8 dia(s) do mês de abril de 2022 às 14h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) **Milton Aparecido Azevedo**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Antonio de Padua Bosi, Paulo Roberto de Almeida, Nilceu Jacob Deitos. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Antonio de Padua Bosi. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "A construção da cultura capitalista na religião Adventista do Sétimo Dia: décadas de 1980 a 2020". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Paulo Roberto de Almeida, Nilceu Jacob Deitos. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. De acordo com o que está previsto nos § 8 e § 9 do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de Defesa de **Dissertação** foi realizada contando com a participação de membros via utilização de tecnologia de Webconferência. Diante desta circunstância, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História assina esta Ata e atesta a conformidade da Comissão Examinadora em relação ao resultado da Defesa de Dissertação e ao conteúdo dos pareceres descritivos anexados:

Orientador(a) - Antonio de Padua Bosi
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Nilceu Jacob Deitos

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE **MILTON APARECIDO AZEVEDO**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Paulo Roberto de Almeida
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Milton Aparecido Azevedo
Aluno(a)

Carla Luciana Souza da Silva
Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, EM 8 DE ABRIL DE 2022

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO DE MILTON APARECIDO AZEVEDO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof. Dr. **Antonio de Pádua Bosi**, declaro que participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência, da banca de defesa de mestrado em História do candidato **Milton Aparecido Azevedo**, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, A CONSTRUÇÃO DA CULTURA CAPITALISTA NA RELIGIÃO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: DÉCADAS DE 1980 A 2020, e a apresentação e a arguição dos membros da banca examinadora, formalizo como membro desta banca de defesa de mestrado, na condição de Orientador, para fins de registro, por meio desta declaração, a decisão da banca examinadora de que o candidato foi considerado **APROVADO** na banca realizada na data de 8 de abril de 2022.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

A banca sugere que o autor realize adequação do 3º capítulo ao restante do texto de modo a estabelecer maior coerência com a argumentação central que esta dissertação expõe e defende.

Atenciosamente,



Prof. Dr. Antonio de Pádua Bosi (Orientador)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, EM 8 DE ABRIL DE 2022

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO DE MILTON APARECIDO AZEVEDO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof. Dr. Nilceu Jacob Deitos declaro que participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência, da banca de defesa de mestrado em História do candidato **Milton Aparecido Azevedo**, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, A CONSTRUÇÃO DA CULTURA CAPITALISTA NA RELIGIÃO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: DÉCADAS DE 1980 A 2020, e a apresentação e a arguição dos membros da banca examinadora, formalizo como membro desta banca de defesa de mestrado, na condição de Orientador, para fins de registro, por meio desta declaração, a decisão da banca examinadora de que o candidato foi considerado **APROVADO** na banca realizada na data de 8 de abril de 2022.

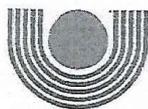
Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

As sugestões da banca foram encaminhadas ao candidato para avaliar o uso de cada uma delas.

Atenciosamente,



Prof. Dr. Nilceu Jacob Deitos
Universidade Estadual do Oeste do Paraná



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, EM 8 DE ABRIL DE 2022

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO DE MILTON APARECIDO AZEVEDO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida declaro que participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência, da banca de defesa de mestrado em História do candidato **Milton Aparecido Azevedo**, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, A CONSTRUÇÃO DA CULTURA CAPITALISTA NA RELIGIÃO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: DÉCADAS DE 1980 A 2020, e a apresentação e a arguição dos membros da banca examinadora, formalizo como membro desta banca de defesa de mestrado, na condição de Orientador, para fins de registro, por meio desta declaração, a decisão da banca examinadora de que o candidato foi considerado **APROVADO** na banca realizada na data de 8 de abril de 2022.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

As sugestões da banca foram encaminhadas ao candidato para avaliar o uso de cada uma delas.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida
Universidade Federal de Uberlândia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

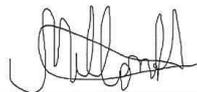
**DECLARAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA DE MESTRADO PARA
BANCA EXAMINADORA REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA,
POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, discente Milton Aparecido Azevedo _____, declaro que realizei a minha DEFESA DE MESTRADO à distância, de forma síncrona e por videoconferência do trabalho intitulado: A construção da cultura capitalista na religião adventista do sétimo doa: décadas de 1980 a 2020.

_____, para banca examinadora realizada na data de 08 de abril _____ 2022.

Atenciosamente,

Milton Aparecido Azevedo



nome e assinatura

Programa de Pós-Graduação em História Universidade
Estadual do Oeste do Paraná

Aos meus filhos, Vítor Gabriel e Maria Eduarda, que me doaram o melhor incentivo; à minha mãe Maria Aparecida, exemplo de doação e superação; à Jaqueline Pereira, minha fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por ter me concedido a oportunidade de concluir essa pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi, que antes mesmo dessa pesquisa acreditou no meu potencial e durante a execução da mesma fez sugestões pontuais e imprescindíveis para a obtenção do êxito almejado.

Às professoras Dra. Sandra Célia Coelho e Dra. Cíntia Fiorotti Lima, pela leitura e sugestões ao projeto de pesquisa.

Aos meus familiares, mãe, irmãos, sobrinhos, primos, tios, por darem sentido às minhas conquistas.

Aos meus filhos, Vítor Gabriel e Maria Eduarda, cuja presença me motiva a galgar novos horizontes.

À minha amada Jaqueline Pereira, por sua companhia, inspiração e apoio incondicional, mesmo distante.

Aos meus amigos, ex-alunos, alunos e colegas servidores do Instituto Federal do Paraná.

Aos professores Dr. Nilceu Jacob Deitos e Dr. Paulo Roberto de Almeida, pela avaliação e sugestões pontuais para a realização da pesquisa.,

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em História da UNIOESTE que contribuíram diretamente para a realização da pesquisa.

Ao pastor Flávio Souza, por ter disponibilizado uma rica bibliografia para a confecção dessa pesquisa.

À comunidade Adventista do Sétimo Dia de Assis Chateaubriand - Igrejas Central, Jardim Progresso e Jardim Araçá -, por contribuir significativamente para a execução da pesquisa: *“Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus”* (Apocalipse 14:12).

RESUMO

Esta pesquisa pauta-se no tema do surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia e como seus ensinamentos podem ter contribuído para moldar, em seus membros, uma cultura capitalista e uma visão competitiva e individualista, tipicamente característica da economia de mercado. O surgimento do *adventismo* no século XIX ocorreu em paralelo à consolidação da ordem capitalista e, conseqüentemente, essa religiosidade se comportou muito mais do que uma mera sociedade religiosa. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa foi identificar e analisar a relação de valores ligados à mentalidade capitalista, como o individualismo e o progresso econômico, que passa pela referida Igreja e chega aos seus membros. Para tanto, realizou-se uma revisão teórico-metodológica, tendo como principal referência a obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Max Weber, e coleta de dados e entrevistas com os sujeitos do *adventismo* de três igrejas existentes na cidade de Assis Chateaubriand (PR). O confronto da parte empírica com o quadro teórico-metodológico weberiano permitiu identificar a relação entre os adventistas, ou a grande maioria deles, e a mentalidade capitalista na atualidade. Assim, foi possível compreender a inserção dos adventistas na economia de mercado em Assis Chateaubriand - PR, que o trabalho e a resiliência foram elementos notáveis entre eles, levando-os ao mercado de trabalho e ao empreendedorismo.

PALAVRAS-CHAVE: Adventismo; Ecletismo; Materialismo; Prosperidade; Trabalhismo.

ABSTRACT

This research aims to be based on the theme of the emergence of the Seventh-day Adventist Church and how its teachings may have contributed to shaping in its members a capitalist culture and a competitive and individualistic vision, typically characteristic of the market economy. The emergence of Adventism in the 19th century occurred in parallel with the consolidation of the capitalist order and, consequently, this religiosity behaved much more than a mere religious society. The objective of the research is to identify and analyze the relationship of values linked to the capitalist mentality, such as individualism and economic progress, which passes through the said church and reaches its members. This work was possible through a theoretical-methodological review, having as main reference "the Protestant ethics and the spirit of capitalism" of Max Weber, and the collection of data and interviews with the subjects of adventism of the three churches existing in the city of Assis Chateaubriand/PR. The confrontation of the empirical part with the Weberian theoretical-methodological framework allowed us to identify the relationship between Adventists, or the vast majority of them, and the capitalist mentality today. Therefore, it was possible to understand the insertion of Adventists in the market economy in Assis Chateaubriand/PR, as well as that work and resilience were remarkable elements among them and that this drove them to the labor market and entrepreneurship.

KEYWORDS: Adventism; Eclecticism; Materialism; Prosperity; Labor.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. O progresso americano	44
FIGURA 2. O fim do mundo previsto para 22 de outubro de 1844	45
FIGURA 3. Guilherme Miller	46
FIGURA 4. Profecia dos 2.300 dias/anos.....	50
FIGURA 5. Profecia dos 2.300 dias/anos.....	51
FIGURA 6. Organograma da Igreja Adventista	71
FIGURA 7. Divisão sul-americana com as respectivas Uniões	72
FIGURA 8. Projetos da Divisão Interamericana – 1º Trimestre 2018	73
FIGURA 9. As 13 regiões ou Divisões da IASD no mundo	74
FIGURA 10. Região de origem dos migrantes de Assis Chateaubriand (PR)	79
FIGURA 11. Primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia de Assis Chateaubriand	81
FIGURA 12. Membros da Igreja Adventista Central de Assis Chateaubriand na década de 1970.....	82
FIGURA 13. Gráfico das ocupações profissionais dos adventistas da Igreja Central de Assis Chateaubriand (PR)	85
FIGURA 14. Gráfico das ocupações profissionais dos adventistas do Jardim Progresso de Assis Chateaubriand (PR)	86
FIGURA 15. Gráfico das ocupações profissionais dos adventistas do Jardim Araçá de Assis Chateaubriand (PR)	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil dos membros da Igreja Adventista Central de Assis Chateaubriand (PR)	84
Tabela 2. Perfil dos Adventistas da Igreja do Jardim Progresso de Assis Chateaubriand (PR)	86
Tabela 3. Perfil dos membros Adventistas da Igreja do Jardim Araçá de Assis Chateaubriand (PR)	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 RELIGIOSIDADE, PRAGMATISMO RELIGIOSO E SUAS INFLUÊNCIAS AO LONGO DO PROCESSO HISTÓRICO-ECONÔMICO	17
1.1 A RELIGIÃO DURANTE A IDADE MÉDIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ECONOMIA	23
1.2 O PENSAMENTO ECONÔMICO DOS REFORMADORES PROTESTANTES.....	31
1.2.1 O pensamento econômico e a ética protestante em João Calvino	35
2 SURGIMENTO DA IGREJA ADVENTISTA E SUA CORRELAÇÃO COM O CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO.....	42
2.1 “ATÉ DUAS MIL E TREZENTAS TARDES E MANHÃS E O SANTUÁRIO SERÁ PURIFICADO”: ESPERANÇA, DESAPONTAMENTO E O SURGIMENTO DO ADVENTISMO	45
2.2 INSERÇÃO E READAPTAÇÃO DO ADVENTISMO A CULTURA CAPITALISTA OITOCENTISTA.....	59
3 REALIDADES EMPÍRICAS DO ADVENTISMO EM ASSIS CHATEAUBRIAND: TRABALHO, INDIVIDUALISMO, PROGRESSO ECONÔMICO, COMPETITIVIDADE, DISCIPLINA RÍGIDA, CONSUMISMO E CULTURA CAPITALISTA	76
3.1 DISCIPLINA, DETERMINAÇÃO, RESILIÊNCIA: MODO DE VIDA DOS ADVENTISTAS CHATEAUBRIANDENSES	88
3.2 COM OS PÉS NA TERRA E OS OLHOS NO CÉU: DESAFIOS E PARADOXOS DAS REALIDADES DO ADVENTISMO CHATEAUBRIANDENSE.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS.....	117

INTRODUÇÃO

Desde o início da presença do homem na Terra, as práticas religiosas estiveram presentes nas diferentes esferas da humanidade, especialmente na economia. Apesar dos progressos ao longo do processo histórico, observa-se também que os legados das religiões e das religiosidades impactaram significativamente toda essa trajetória. Acrescenta-se ainda que a convivência com crises sociais, econômicas, guerras, epidemias, tragédias, dentre outras intempéries, contribuiu para fortalecer as práticas religiosas e fizeram da religião a bússola para guiar povos e civilizações. Nesse sentido, quando se analisa o desenvolvimento do capitalismo, com suas crises e contradições, nota-se como esse modo de produção esteve umbilicalmente ligado à própria evolução do Cristianismo em suas matrizes Católica e Protestante. A história do capitalismo, da religião e das religiosidades cristãs é marcada por tragédias e crises bem singulares. Conforme declara Chesneaux (1995), “os povos felizes não têm história” porque a história não passa, em última análise, de abalos e de rupturas. Assim, deduz-se que o capitalismo e a religião cristã têm muita história porque estão recheados de crises e de rupturas.

A evolução do capitalismo é muito semelhante à história do Cristianismo. Como ocorrera com os modos de produção que lhe precederam, o capitalismo teria atingido um grau máximo de realização e, segundo a perspectiva do materialismo dialético marxista, entraria em contradição antes mesmo das relações ossificarem-se – “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Entretanto, o que se tem visto é a exímia capacidade do capitalismo de se reinventar, enriquecer, reproduzir e de se desenvolver com as crises em um processo antropofágico da sua própria autodestruição. Na “seleção natural das espécies”, dos modos de produção, o capitalismo sobrevive porque melhor se adapta ao meio e às crises que o cercam. Esse capitalismo *camaleônico* usa os próprios desafios para um processo de depuração que se torna necessário para reproduzir o próprio sistema, configurando uma espécie de *darwinismo de mercado* em que predomina a máxima *crescer para não desaparecer*.

Essa questão permite um paralelo com a própria evolução das religiões, de um modo geral, e da religiosidade adventista, de forma específica, sendo o objeto de estudo desta pesquisa. Na gênese do *adventismo*, em 1844, ocorreu uma grande expectativa seguida por desapontamento, crise e dispersão dos sujeitos do grande evento. Soma-se a isso a inclusão no corpo doutrinário dessa denominação religiosa de um dia da semana que deveria ser separado unicamente para a santificação e dedicação à espiritualidade. O repouso sabático em relação ao trabalho intramundano vai contra uma das primícias do capitalismo, a qual advoga que

tempo é dinheiro. De certa forma, o *adventismo* estaria na contramão da história. Contudo, semelhantemente ao capitalismo, essa religiosidade tem se reinventado, se adaptado, se reproduzido e se inserido na economia de mercado. Os óbices, à primeira vista, foram transformados em estímulos para o progresso e para o crescimento econômicos dos Adventistas do Sétimo Dia, aspectos que podem ser observados no capítulo 2, quando se apresenta o surgimento dessa religiosidade no final da primeira metade do século XIX, capítulo 2, e na explanação empírica do último capítulo desta pesquisa.

A presente pesquisa pauta-se no tema do surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia e como seus ensinamentos podem ter contribuído para moldar nos seus membros uma cultura capitalista e com valores como a competitividade, o consumismo, o trabalhismo, a disciplina rígida, o individualismo, entre outros, tipicamente característicos da economia de mercado. O processo de construção dessa cultura capitalista adquire certas especificidades entre os diferentes agentes e apresenta singularidades de acordo com as circunstâncias socioeconômicas. A Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu no século XIX, paralelamente à consolidação da ordem capitalista e, na ótica de Maxwell (1982), desde “seu remoto início, o adventismo do sétimo dia tem sido mais do que uma mera sociedade religiosa.”

A respeito da cultura capitalista, as práticas típicas de um determinado grupo social, com costumes e hábitos comuns e que, geralmente, são muito marcantes em se tratando de religião e de religiosidades, seriam, então, uma conduta de vida identificada no *adventismo*. Nessa perspectiva, é possível recorrer à conceituação de Thompson (1998, p. 17) quanto à crítica ao conceito de cultura popular e à ampliação e à noção da própria palavra:

Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”.

Pensando nesses aspectos, o objetivo desta dissertação foi identificar e analisar a relação dos valores vinculados à mentalidade capitalista, como o individualismo, a competitividade, o consumismo, o trabalhismo, a disciplina rígida, o progresso econômico, entre outros, que passa pela referida Igreja e chega a seus membros. Para tanto, buscou-se entender os fundamentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia e a sua relação/contribuição com a cultura capitalista. Para a consecução desse objetivo, procurou-se também, sem antes deixar de historicizar a visão da religião Católica, perceber a cultura capitalista no âmbito das

religiões protestantes, uma vez que o *adventismo* bebeu na mesma fonte dessas. Finalmente, objetiva-se reconhecer o contexto socioeconômico do surgimento do *adventismo* e como a mentalidade capitalista de hoje condiciona a ação dos seus membros. Esse conjunto de objetivos está articulado ao problema da pesquisa: *é possível identificar a construção de uma cultura capitalista na religião Adventista do Sétimo Dia e em seus membros desde sua origem até os dias atuais?*

A hipótese é de que há uma relação entre os adventistas, ou a grande maioria deles, e a mentalidade capitalista na atualidade. Essa relação ocorre mediante a conexão entre valores morais, religiosos, éticos e econômicos com a mentalidade capitalista, o que pode ser identificado com muitos adventistas e a própria Igreja. Acrescenta-se a isso o fato de que o trabalho e a resiliência são elementos marcantes entre os adventistas, impulsionando-os para o mercado de trabalho e para o empreendedorismo, a fim de se adaptarem ao “darwinismo de mercado”. O empreendedorismo se explica, em grande parte, como sendo uma alternativa para a restrição ao mercado de trabalho na iniciativa privada por causa da questão da guarda do sábado.

Na abordagem teórico-metodológica, parte-se da compreensão do pensamento de Weber (2004), que analisa as implicações religiosas na conduta econômica dos homens, procurando avaliar a contribuição da ética protestante no desenvolvimento do sistema econômico capitalista. O autor entendia o capitalismo como um “espírito”, ou seja, uma cultura, uma conduta de vida em que os fundamentos morais e simbólicos estavam enraizados no seio religioso dos povos de tradição protestante puritana. Outros autores também dão suporte ao objeto da pesquisa, tais como Marx (1969), Durkheim (1983), Smith (1985), Le Goff (1996), Marshal (1996), Thompson (1998), Wood (2003) e Benjamin (2013), que conceitua o “capitalismo como uma religião”. As noções de resiliência e de pragmatismo religioso foram abordagens muito úteis para compreender o objeto da pesquisa.

Às provocações de Wood (2003), com História ou teleologia? Marx versus Weber, em seu livro *Democracia contra capitalismo*, acrescentaram-se, para um melhor entendimento do pensamento weberiano, as noções de *afinidades eletivas*, discutidas por Lowy (2014) em seu livro *A jaula de aço*. Para Lowy (2014), Weber (2004) definia afinidades eletivas como sendo uma coesão entre os aspectos de caráter *material* e os aspectos de caráter *espiritual*, possibilitando o surgimento e a consolidação do capitalismo. Em *A jaula de aço*, o autor defende que o conceito de *afinidades eletivas* (*wahlverwandtschaft*, em alemão) remontava à alquimia da idade média, sendo utilizado para explicar a atração e a fusão dos corpos,

passando, posteriormente, pela literatura romântica de Goethe para falar dos casais que se atraem para, finalmente, chegar às ciências sociais com Max Weber, que usa o termo para explicar as relações entre a religião e o capitalismo. “Foi na Alemanha, portanto, que ele passou por uma terceira metamorfose: a transmutação, por obra desse grande alquimista da ciência social chamado Max Weber, em conceito sociológico.” (LOWY, 2014, p. 63).

Lowy (2014) chama atenção para o fato de Weber (2004) utilizar o termo *afinidades eletivas* apenas três vezes em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, embora apareça mais vezes em outros escritos do sociólogo. Weber (2004) tinha como questão proeminente compreender como as instituições religiosas poderiam acelerar ou retardar o desenvolvimento econômico, isto é, o nível de racionalidade e o pragmatismo religioso e suas *afinidades eletivas* com o capitalismo. De acordo com o autor,

Em face da enorme barafunda de influxos recíprocos entre as bases materiais, as formas de organização social e política e o conteúdo espiritual das épocas culturais da Reforma, procederemos tão-só de modo a examinar de certo se, e em quais pontos, podemos reconhecer determinadas “afinidades eletivas” entre certas formas da fé religiosa e certas formas da ética profissional. Por esse meio e de uma vez só serão elucidados, na medida do possível, o modo e a direção geral do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material. (WEBER, 2004, p. 83)

Nessa análise, Weber (2004) observou que o espírito do capitalismo não está, necessariamente, presente em toda economia capitalista. As *afinidades eletivas* entre a ética Católica e o capitalismo na visão weberiana seriam negativas e, por isso mesmo, a história do catolicismo ocidental foi desconsiderada. Lowy (2014) aponta as pretensões de Weber (2004) com o conceito de *afinidades eletivas*, de modo que as observações contidas em *A jaula de aço* harmonizam-se com o objeto desta pesquisa: *A construção da cultura capitalista na religião Adventista entre as décadas de 1980 e 2020*. Ainda com relação ao conceito de *afinidades eletivas*, Lowy (2014, p. 64) argumenta:

O que Weber tenta mostra com o conceito de *Wahlverwandtschaft* é, em primeiro lugar, a existência de elementos convergentes e análogos entre uma ética religiosa e um comportamento econômico: o ascetismo puritano e economia do capital, a ética protestante do trabalho e a disciplina burguesa do trabalho, a valorização calvinista do ofício virtuoso e o ethos do empreendimento burguês racional, a concepção ascética do uso utilitário das riquezas e a acumulação produtiva do capital, a exigência puritana da vida metódica e sistemática e a busca racional do lucro capitalista. É a partir dessas analogias profundas, desses “parentescos íntimos”, que na Holanda,

na Inglaterra e nos Estados Unidos, do século XVII ao XIX, vai se desenvolver uma relação de afinidade eletiva entre a ética protestante o espírito do capitalismo, graças à qual a concepção puritana da existência favorece a tendência a uma vida burguesa economicamente racional – e vice-versa.

Essas *afinidades eletivas* estão em graus e níveis diferentes e necessitam ser potencializadas para a coesão perfeita. Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, percebe-se, como já foi dito, que a potencialização das *afinidades eletivas* estava diretamente proporcional às condições históricas em que se encontravam os grupos sociais e religiosos. Por fim, o pessimismo de Weber, descrito no final da sua obra, estava relacionado ao fato de que o capitalismo hodierno acabou levando os indivíduos a uma espécie de trabalho escravo, em que todos estavam submissos a regras impostas pelo sistema que acabou despersonalizando os sujeitos. Ao se submeterem às regras imperativas do mercado, os indivíduos acabaram sendo aprisionados em habitáculos ou jaulas de aço. Essa é também a percepção de Wood (2003, p. 153): “para ele, a ascensão do capitalismo representou certamente o progresso da razão, mas “racionalização” era uma faca de dois gumes: de um lado, o progresso e a prosperidade material; de outro, a gaiola de ferro”.

Além das obras de teóricos renomados, durante a etapa da pesquisa documental, algumas dissertações e teses foram bastante úteis no processo de construção das ideias para a elaboração do texto final desta dissertação, tais como: a dissertação de mestrado de Galdino (2015), realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociedades, Culturas e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), *campus* de Foz do Iguaçu (PR), com o título *A irradiação do adventismo do sétimo dia no oeste do Paraná*, que apresenta espaço geográfico semelhante *A construção da cultura capitalista na religião Adventista entre as décadas de 1980 e 2020*; a dissertação de Silva (2014), intitulada *O protestantismo de Missão brasileiro e a formação da primeira igreja Presbiteriana de Cascavel (1952-1966)*, realizada no Programa de Pós-Graduação em História, da Unioeste, *campus* de Marechal Cândido Rondon; e a tese de doutorado intitulada *A miséria da Teologia: um estudo sobre práticas e praticantes da religiosidade pentecostal*, produzida por Lopes (2016) no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ainda é possível ressaltar a tese de Kolln (2018), intitulada *O Adão prometeico - Mundo do trabalho nos Estados Unidos em fins do século XIX e início do XX a partir da literatura de Sherwood Anderson e Jack London*, produzida no Programa de Pós-Graduação em História Econômica –

da Universidade de São Paulo (USP), a qual auxiliou no entendimento do contexto da cultura capitalista estadunidense na época do surgimento do *adventismo*.

Após a etapa da pesquisa documental, incluindo a bibliografia específica sobre o *adventismo*, realizou-se o trabalho de campo para coletar informações e se produzir a parte empírica da pesquisa. Foram realizadas visitas a três igrejas Adventistas de Assis Chateaubriand (PR), a fim de se inteirar com os sujeitos do objeto do trabalho, o que foi feito, inicialmente, por meio de uma pesquisa, com o escopo de conhecer melhor o perfil e a ocupação profissional dos membros. Todavia, essa etapa ficou um tanto quanto comprometida por causa das restrições sanitárias impostas pelas autoridades competentes, incluindo o isolamento social e a limitação de pessoas nas igrejas, para fazer frente à pandemia causada pelo surto do Coronavírus que afligiu o mundo em 2020 e 2021. Ainda assim, as fichas que foram preenchidas deram significativa noção para compreender partes do modo de vida dos Adventistas. Em seguida, foram feitas entrevistas agendadas com os membros das três igrejas, sendo ao todo nove entrevistas, abrangendo sexo, faixa etária e posição econômica diferentes.

No decorrer da elaboração desta dissertação, foram surgindo elementos novos que exigiram intervenções pontuais nos rumos da pesquisa sem, entretanto, descaracterizar o objetivo principal e a problemática discutida. É muito instigante querer compreender a resiliência do capitalismo e dos movimentos religiosos em meio às crises e rupturas sociais. E isso fica ainda mais interessante e desafiador quando se propõe entender a realidade do *adventismo* em um espaço geográfico e temporal como o da cidade de Assis Chateaubriand (PR), que foi marcada por um intenso fluxo e refluxo de pessoas desde a sua fundação nos anos 60 do século XX, sem, contudo, deixar de apontar os nexos com a história do *adventismo* em sua totalidade.

Para apresentar as discussões e os resultados, a dissertação foi organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, o objetivo foi historicizar a importância da religião e as suas relações para com a economia no mundo cristão, dando-se ênfase aos embates entre a Igreja e os comerciantes durante o período medieval e a posterior ruptura de paradigmas com o movimento reformista, na transição do feudalismo para o capitalismo, tendo no *calvinismo* o coroamento dos ideais burgueses. Nesse capítulo, confrontam-se as abordagens teórico-metodológicas com as ideias weberianas. Ressalta-se que a formação da Igreja Adventista no século XIX ocorreu a partir da junção de várias ramificações do *calvinismo*, como presbiterianos e metodistas, observando que o *calvinismo* tinha uma maior afinidade eletiva

com o capitalismo. O recuo no tempo foi imprescindível para fazer o nexos com o ecletismo religioso que foi uma das características mais marcantes do *adventismo*.

No segundo capítulo, destacou-se o surgimento da Igreja Adventista no século XIX, após uma frustração profética, e seu vínculo com a consolidação do capitalismo na nação norte-americana. Para tanto, foi feito um nexos com os acontecimentos marcantes na história dos Estados Unidos naquele período, com destaque para a Marcha para o Oeste, a Guerra Civil, o abolicionismo e a nova ordem econômica. A profecia *milerita* sobre o iminente *advento* de Cristo à Terra ocorria em um contexto de muitas tensões sociais e crises econômicas. Nesse capítulo, utilizaram-se imagens e gráficos para um melhor entendimento do contexto e sua conexão com o *adventismo*. A imagem *Progresso Americano* (Figura 1), de Gast (1872), foi muito útil para mostrar como a fé e o trabalho estavam enraizados no espírito norte-americano e que, de certa forma, também refletia o ideário do incipiente movimento adventista. Por fim, destaca-se a organização da Igreja Adventista nos moldes das multinacionais, o que fez desse movimento uma religião com atuação globalizante, as doutrinas identitárias do *adventismo* e a propagação desse movimento religioso para outras regiões do mundo, como o Brasil, em um período de expansão do próprio capitalismo monopolista ou financeiro.

No terceiro capítulo, tratou-se empiricamente do modo de vida dos membros adventistas da cidade de Assis Chateaubriand, região Oeste do Paraná, a fim de verificar a possível identificação desses com a mentalidade e os valores capitalistas, tais como o individualismo, o progresso econômico, a competitividade, o trabalhismo, a disciplina etc. Esse trabalho é precedido por uma rápida análise sobre a vinda do *adventismo* para o Brasil e o Oeste do Paraná, especificamente. A ideia central foi compreender como a mentalidade capitalista atual estimula o consumismo, a acumulação e os demais valores entre os membros do *adventismo*. Os resultados levantados com o material de pesquisa foram confrontados com as ideias weberianas para identificar a existência de um “espírito do capitalismo” entre os membros, ou parte deles. A conclusão, após o tratamento desses materiais, permitiu mostrar, em uma escala menor, o modo de vida dos adventistas chateaubriandenses e que poderá servir de compreensão sobre os adventistas em âmbito mundial.

1 RELIGIOSIDADE, PRAGMATISMO RELIGIOSO E SUAS INFLUÊNCIAS AO LONGO DO PROCESSO HISTÓRICO-ECONÔMICO

O capitalismo hodierno, dominando de longa data a vida econômica, educa e cria para si mesmo, por via da seleção econômica, os sujeitos econômicos – empresários e operários – de que necessita. [...] para que essas modalidades de conduta de vida e concepção de profissão adaptada à peculiaridade do capitalismo pudessem ter sido “selecionadas”, isto é, tenham podido sobrepujar outras modalidades, primeiro elas tiveram que emergir, evidentemente, e não apenas em indivíduos singulares isolados, mas sim como um modo de ver portado por grupos de pessoas. (WEBER, 2004, p. 48)

Neste primeiro capítulo, discute-se como a religião e as diversas religiosidades marcaram a vida econômica das pessoas ao longo da história. Inicialmente, mobilizam-se os referenciais teórico-metodológicos e suas contribuições para elucidação do objeto da pesquisa. Em seguida, realiza-se uma historicização dos posicionamentos do catolicismo sobre o tema e, por último, os posicionamentos dos reformadores do século XVI, Lutero e Calvino, enfatizando-se a importância da ética protestante para a evolução do capitalismo.

Ao longo da história, a religião e a religiosidade exerceram influências sobre temas como política, trabalho e, principalmente, economia, estando embricadas no desenvolvimento dos diferentes modos de produção. Nesta pesquisa, por religião subentende-se o cristianismo e a sua matriz Católica, e por religiosidades as fragmentações oriundas do movimento reformista do século XVI e suas variantes, como o *adventismo*, objeto de estudo. Sabe-se que religião e a religiosidade têm permeado várias temáticas, deixando em si marcas indeléveis. Povos e civilizações tiveram seus valores e costumes moldados pela religião. A economia tem sido uma das áreas mais interligadas às crenças religiosas. Na verdade, economia e religião influenciam-se reciprocamente e, concomitantemente, foram se adaptando no decorrer do processo histórico.

É inegável o quanto a religião foi utilizada para justificar o poder político e sujeitar os indivíduos aos poderes constituídos, além de moldar o pensamento desses com relação às suas práticas econômicas e sociais. Nesse sentido, “a religiosidade é um caminho no qual milhões de pessoas, em grande parte trabalhadores, em diferentes momentos se organizam para responder a demandas estabelecidas no cotidiano” (LOPES, 2016, p. 20). As diferentes religiões têm, nos seus corpos doutrinários, variados temas que perpassam a mera questão espiritual. Não se pode ignorar que no bojo dessas doutrinas há uma ponte com as realidades

históricas e econômicas de seu tempo cronológico e geográfico. Dessa forma, as religiões deixam marcas profundas no tocante à conduta de seus membros. Para Weber (2004, p. 80), “só o poder dos movimentos religiosos – não somente ele, mas ele em primeiro lugar – criou as diferenças que sentimos hoje”.

Esse autor analisou as implicações religiosas na conduta econômica dos homens e procurou avaliar a contribuição da ética protestante no desenvolvimento do sistema econômico capitalista. Nesse sentido, contrapõe-se ao determinismo econômico e aponta que ideias, valores éticos e concepções de mundo podem desempenhar um papel significativo na produção da vida material. Com isso, Weber (2004) destacou a significativa participação dos protestantes, por exemplo, nos negócios empresariais, bem como no domínio dos trabalhadores mais especializados habilitados técnico e comercialmente nas empresas modernas, em uma porcentagem superior na população total. Considerando-se que o capitalismo tem por princípios a readaptação e a reinvenção a ordem vigente, percebe-se no pensamento de Weber (2004) uma ampliação teórica e empírica para a religião na vida dos homens. Conforme argumenta Bosi (2020, p. 03), em seu artigo *Saúde, Política e Vida Acadêmica: um ensaio sobre Max Weber*:

[...] o interesse de Weber esteve em compreender articuladamente religião e economia de modo que as religiões entravam como uma chave sociológica para identificar empiricamente e entender teoricamente as dinâmicas de racionalização da vida. Por isso também, suas primeiras reflexões foram sobre história econômica comparada, possíveis coligações entre comportamentos econômicos e éticas religiosas e racionalidade e formas de dominação.

Diante disso, é possível entender que o modo como as pessoas se relacionam com a economia, com a Terra e com o trabalho tem a ver com a religião. Os sujeitos, movidos por suas crenças religiosas, ao longo da história humana, promoveram mudanças, adaptações e, assim, transformaram os obstáculos e as realidades que vivenciavam. Uma das características marcantes da religião na vida das pessoas e que impulsiona a economia é a *resiliência*. Por *resiliência* subentende-se a capacidade dos sujeitos de lidar, de adaptar e de transpor adversidades e óbices impostos ao longo de sua jornada na Terra. Movidos pela fé em alguma crença, os sujeitos conseguem resistir, enfrentar e superar as adversidades, como as crises econômicas. No dicionário da língua portuguesa, o termo resiliente é definido como sendo

a capacidade de voltar à sua forma original, depois de ser alvo de deformação ou choque; flexível; qualidade de que tem capacidade de se

adaptar às intempéries, às alterações ou aos infortúnios; característica da pessoa que se recupera ou supera com facilidade os problemas que aparecem. (RESILIENTE, 2022)

O *adventismo* e os adventistas têm uma história caracterizada pela resiliência. A propósito, *A força da resiliência* foi o tema principal da Revista Adventista, órgão geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, do mês de abril de 2021, a qual, em seu editorial, definiu deste modo a resiliência:

É ser jogado na lona pelos golpes da vida, levantar, limpar o sangue do nariz e nocautear o “inimigo”, figuradamente. É voltar à lona e boiar quando os pesos da vida tentam submergir a gente no mar das dificuldades. Entre as imagens mais comuns desse fenômeno, temos o elástico que volta ao normal depois de ser esticado, a planta que nasce num solo hostil, a árvore inclinada pelo vento sem se quebrar, a fênix que renasce das cinzas. [...] Você não pode controlar as circunstâncias, mas pode trabalhar suas reações. (REVISTA ADVENTISTA, 2021, p. 02)

Nesse sentido, não se pode ignorar *o poder transformador da cruz*, como bem ressaltou Thompson (1987, p. 232) em *Formação da classe operária inglesa*, obra em que ele descreve a resiliência dos metodistas e seu líder John Wesley no contexto da revolução Industrial. “O Metodismo obteve maior êxito em servir simultaneamente como religião da burguesia industrial [...] e de amplos setores do proletariado”. Thompson (1987) descreve os aconselhamentos constantes de Wesley para que todos “adaptassem seus princípios às suas necessidades”. Nota-se aqui uma ponte entre resiliência e pragmatismo religioso em um contexto de profunda transformação na economia e no mundo do trabalho. O próprio termo Metodismo, como bem lembrou Weber (2004, p. 127), tem em seu bojo a ideia de sistematização “metódica” da conduta de vida a fim de alcançar a *certitudo salutis* (certeza da salvação).

A convivência dos sujeitos em sociedade exige uma maior interação como condição para sobrevivência. A religião, nesse ínterim, procurou controlar o modo de viver, de pensar e de agir da sociedade. Os preceitos religiosos costumam ser carregados de outros interesses que perpassam a esfera da religiosidade. Para Smith (1996), as pessoas se aproximavam das outras movidas, sobretudo, por interesses pessoais, e uma ordem social baseada na liberdade individual geraria muitos benefícios para todo o tecido social. O amor-próprio e o bem-estar de cada homem ocorreriam a partir de sua propensão em cambiar, permutar e trocar uma coisa pela outra, criando, dessa forma, dependências mútuas entre os indivíduos. O mesmo autor continua:

[o ser humano] terá maiores chances de conseguir o que quer se puder interessar o amor-próprio deles [seus semelhantes] a seu favor e convencê-los de que terão vantagem em fazer o que deles pretende. [...] é dessa maneira que nós obtemos uns dos outros a grande maioria dos favores e serviços de que necessitamos. Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro e do padeiro que esperamos o nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelos próprios interesses [o amor-próprio]. Apelamos não a humanidade, mas ao amor-próprio, e nunca falamos de nossas necessidades, mas das vantagens que eles podem obter. (SMITH, 1996, p. 19)

A religião, para Durkheim (1983), tem como função agregar os indivíduos à sociedade e servir de instrumento de controle social, de manutenção da ordem e de modelo a ser seguido por seus adeptos. No contexto social e histórico desse pensador, as complexidades e as pluralidades das sociedades industrializadas estavam sujeitas a conflitos que poderiam desencadear relações exacerbadas entre os indivíduos e gerar um caos social, denominando pelo autor de *anomia*. Esse estado social de ausência de regras e normas resultaria em caos, porque os indivíduos não se sujeitavam às regras da sociedade. O afastamento da anomia, por um lado, e o fortalecimento de laços de solidariedade entre os indivíduos, por outro, seriam condição imprescindível para alcançar a coesão social. Nesse sentido, a submissão a valores e costumes morais e religiosos poderia impedir a anomia social. Além disso, para Durkheim (1983, p. 222),

A verdadeira função da religião não é fazer-nos pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar às representações de outra origem e de outro caráter, mas a de fazer-nos agir, auxiliar-nos a viver. O fiel que se comunicou com seu Deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-los.

Marx (1969), por sua vez, defendia que o modo de produção da vida material condiciona, em geral, o processo de vida social, política e intelectual. Assim, a religião servia apenas como um sedativo e aqueles que a ela se aderem são alienados, fracos e incapazes de enfrentar as suas dificuldades. Contudo, ao criticar a religião, o autor deixa implícita sua importância para o capitalismo e a sua conveniência para o mundo burguês: “Já na transformação que faz de quase todos os dias feriados em dias úteis, o protestantismo desempenha um importante papel na gênese do capital” (MARX, 1969, p. 59).

Assim, a religião, apesar de ser uma simples forma de “produção espiritual”, tem uma história que não pode ser desvinculada do desenvolvimento econômico e global da sociedade. Ainda, segundo o autor,

A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de ilusão sem alma. A religião é o ópio do povo. A abolição da religião, enquanto felicidade ilusória dos homens, é a exigência de sua felicidade real. [...] A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não circula em torno de si mesmo. (MARX, 2005, p. 146-147)

Parece muito claro que, ao escolherem determinadas religiões, os homens levaram em consideração vantagens pessoais e colocaram a racionalidade como principal critério, isso porque, na sociedade capitalista, a religião acaba se apresentando como uma mercadoria, um bem ou um serviço dentro do chamado mercado da fé. Essa escolha racional também pode ser vista como aquela que potencializa e maximiza a *utilidade* dos sujeitos. Para muitos teóricos, é assim que a religião é vista: uma mercadoria. Em 1921, Benjamin (2013) publicou o texto *O capitalismo como religião*, que sugere o capitalismo como uma religião que está a serviço da resolução dos problemas, das angústias, das aflições e das inquietações, e as religiões, nesse caso, quiseram oferecer uma solução. Para o autor, o modo de produção capitalista usou a religião, especialmente o cristianismo, para a sua reprodução como sistema. Nesse sentido, o texto de Benjamin (2013) aproxima-se bastante do entendimento de Marx (1969, p. 74) e de sua crítica à religião:

O mundo religioso não passa de reflexo do mundo real. Uma sociedade em que o produto do trabalho toma a forma de mercadoria [...] tal sociedade encontra no cristianismo, com seu culto ao homem abstrato, e sobretudo em seus tipos burgueses, protestantismo, deísmo, etc., o complemento religioso mais conveniente.

A historiadora Hermann (1997), no capítulo História das religiões, publicado no livro *Domínios da História*, afirma que Marx e Engels contribuíram pouco para a valorização da história das religiões. A autora analisa que, para Marx e Engels,

[...] o estudo das religiões ‘só’ poderia ser feito atrelado à luta de classes, na medida em que percebiam a religião como uma ilusão destinada a mascarar e a justificar as desigualdades entre as classes sociais, cuja origem tinha bases ‘ eminentemente ’ sociais. (HERMANN, 1997, p. 334)

Diferentemente dessa visão da historiadora, identifica-se no pensamento de Marx um superdimensionamento do papel da religião no desenvolvimento do capitalismo – objeto desta pesquisa – e que, por isso mesmo, seria um fator deletério para a luta de classes, segundo o sociólogo. A visão crítica e negativa de Marx à religião é, paradoxalmente, a confirmação da relação recíproca entre religião/religiosidade e capitalismo.

Nota-se que a religião e a economia são duas instâncias imprescindíveis que lapidam o comportamento humano ao longo da história. Desde a antiguidade, o florescimento de civilizações teve na religião sua base principal de sustentação, pois as religiões fornecem bens e serviços valiosos desejados pelos sujeitos. O economista neoclássico Marshall (1996, p. 77), ao escrever sobre a economia e a religião ao longo da história humana, afirmou:

Pois o caráter do homem tem sido moldado pelo seu trabalho cotidiano e pelos recursos materiais que busca por esse meio, mais do que por outra influência qualquer, à parte a dos ideais religiosos. Os dois grandes fatores na história do mundo têm sido o religioso e o econômico. Aqui e ali o ardor do espírito militar ou artístico predominou por algum tempo; mas as influências religiosas e econômicas nunca foram deslocadas do primeiro plano, mesmo passageiramente, e quase sempre foram mais importantes do que as outras todas juntas.

Mais uma vez, recorre-se aqui a Weber (2004, p. 61), em seu estudo sobre a *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, obra que contribui para compreender a maneira pela qual as ‘ideias’ adquirem força na História, uma vez que “[...] o espírito do capitalismo estava presente antes do desenvolvimento capitalista.”. Esse espírito do capitalismo pode ser compreendido como uma cultura, uma conduta de vida e um “puro produto de adaptação” (WEBER, 2004, p. 64). Novamente nota-se o espírito de resiliência e o *entrosamento* ao estabelecer a relação do modo de produção com uma religião.

Quando se analisa a história das religiões, percebe-se que os obstáculos serviram muito mais como incentivos para o crescimento dos sujeitos do que para seu fracasso. Hebreus e muçulmanos tiveram que transpor mares e desertos; cristãos tiveram que enfrentar as arenas e as suas bestas feras; judeus tiveram que superar cruzadas religiosas contra a atividade comercial. Em todos esses momentos, a religião serviu como um estímulo para o triunfo desses povos.

Na religião judaica, berço do cristianismo, foi preciso superar a “*maldição de Adão*”. Antes do pecado, a ausência do trabalho pesado, conforme descrito no livro de Gênesis – primeiro livro do Pentateuco –, era a característica marcante do *paraíso* onde viviam os

primeiros homens. A convivência do homem com a natureza era marcada pela completa harmonia e pela ausência de explorações de mão de obra e dos recursos naturais. A antítese da vida no *paraíso* foi a penitência do trabalho árduo após a entrada do pecado – “*Do suor do teu rosto comerás o teu pão*”. Assim, conforme o relato de Gênesis, o trabalho árduo foi o resultado da desobediência e um castigo para o homem. A partir desse momento, até mesmo os recursos naturais e os frutos da Terra seriam obtidos por meio de condições severas, uma vez que “maldita é a Terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida. Ela produzirá também espinhos e abrolhos, e comerás das ervas do campo” (GÊNESIS 3: 17-18). Essa visão da maldição do trabalho, ou a “maldição de Adão”, deixou marcas duradouras no cristianismo e se constituiu, por um certo período, em um óbice para o desenvolvimento econômico, tendo em vista que o trabalho era um castigo ou uma penitência por causa do “pecado de Adão”.

Diante de tudo o que foi dito até aqui, constata-se que a religião e suas relações com outras áreas, em especial a economia, foram objetos de análise de economistas, sociólogos, historiadores, dentre outros, e ocuparam um espaço significativo em seus pensamentos e ações. Na próxima seção, abordam-se as influências da religião cristã em sua matriz Católica a partir da Idade Média e como a Igreja predominante foi moldando as suas concepções em meio às transformações socioeconômicas daquele período.

1.1 A RELIGIÃO DURANTE A IDADE MÉDIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ECONOMIA

A partir do século III da era cristã, o mundo assistiu à ruína do Império Romano e do modo de produção escravista e, concomitantemente, à gênese de um novo modo de produção. Esse processo foi marcado pela ruralização da sociedade por meio da fundação de propriedades agrícolas autossuficientes, as vilas, e da paulatina substituição do trabalho escravo pelo *colonato*, embrião do trabalho servil do período medieval. De acordo com Wood (2013, p. 13),

A “Idade das trevas” representou uma regressão tanto em termos materiais, já que a economia retornou aos princípios de subsistência, quanto na cultura, já que a racionalidade dos antigos deu lugar mais uma vez às forças da irracionalidade e da superstição.

Além disso, não se pode esquecer que foi nesse período de desintegração do Império Romano que ocorreu a estruturação da instituição mais poderosa da Idade Média – a Igreja Católica Apostólica Romana. As perseguições aos cristãos em Roma foram gradativamente cessando e dois acontecimentos específicos contribuíram para a hipertrofia do cristianismo. O primeiro foi o *Edito de Milão*, de 313 d.C., em que o imperador Constantino concedeu a liberdade de culto para os cristãos e, em uma jogada política, procurou mesclar princípios e doutrinas do cristianismo com o paganismo romano. Observa-se, nesse caso, a política utilizando-se da religião para se fortalecer. O próprio imperador Constantino havia se convertido um ano antes ao cristianismo. O segundo fato relevante ocorreu 67 anos depois do *Edito de Milão*, quando, em 380 d.C., o imperador Teodósio tornou o cristianismo a religião oficial do Império Romano, permitindo, desse modo, a institucionalização do *catolicismo*.

Em meio ao mundo fragmentado politicamente na Idade Média, a Igreja Católica conseguiu se impor como uma instituição sólida e fortemente hierarquizada. Ela monopolizava o conhecimento e se colocava como a única intercessora entre os homens e Deus. Segundo Hilário Franco Júnior (1986, p. 55-56), cabia à Igreja:

[um] Papel que extravasava, em muito, sua atividade sacerdotal. Sendo a Igreja a única instituição organizada da época, de atuação realmente católica, quer dizer, universal, a ela cabia a função cimentadora, unificadora, naquela Europa fragmentada em milhares de células.

Em uma sociedade agropastoril, a Igreja Católica passou a exercer seu poder máximo e a não tolerar os dissidentes. O bispo Adalberão, de Laon, no século XI, sintetizou bem a estrutura e a função de cada classe na sociedade medieval:

A sociedade dos fiéis forma um só corpo; mas o Estado compreende três. A lei humana impõe duas condições: o nobre e o servo não estão submetidos ao mesmo regime. Os guerreiros são protetores das igrejas. Eles defendem os poderosos e os fracos, protegem todo mundo, inclusive a si próprios. Os servos, por sua vez, têm outra condição. Esta raça de infelizes não tem nada sem sofrimento. Fornecer a todos alimentos e vestimenta: eis a função do servo. A casa de Deus, que parece uma, é, portanto, tripla: uns rezam, outros combatem e outros trabalham. Todos os três formam um conjunto e não se separam: a obra de uns permite o trabalho dos outros dois e cada qual por sua vez presta seu apoio aos outros. (LE GOFF, 1984, p. 257-258)

Tudo que fugia dessa tripartite organização social era considerada uma infâmia pela Igreja Romana. Em uma sociedade tipicamente agrícola e rural, a Igreja justificava a divisão

societária como uma ordenação divina, e o trabalho dos camponeses era a penitência para o “pecado de Adão”. A *maldição de Adão* acompanhou os servos ao longo da Idade Média por meio dos pesados trabalhos agrícolas e impostos que recaíam sobre eles. Essa seria a cruz dessa infeliz classe. O bispo Eadmer de Canterbury, retransmitindo os ensinamentos de Santo Anselmo, do século XI, foi até mais didático que Adalberão de Laon ao estabelecer as atribuições das três classes medievais:

A razão de ser dos carneiros é fornecer leite e lã; a dos bois é lavrar à Terra; e a dos cães é defender os carneiros e os bois dos ataques dos lobos. Se cada uma dessas espécies de animais cumprir a sua missão, de proteja-la-as. Desse modo, fez as ordens, que instituiu em vista das diversas missões a realizar neste mundo. Instituiu uns - os clérigos e os monges - para que rezassem pelos outros e, cheios de doçura como as ovelhas, sobre elas derramassem o leite da pregação e com a lã dos bons exemplos, eles inspirassem um ardente amor de Deus. Instituiu os camponeses para que eles - como fazem os bois com o seu trabalho - assegurassem a sua própria subsistência e a dos outros. A outros, por fim, os guerreiros, instituiu-os para que mostrassem a força na medida do necessário e para que defendessem dos inimigos, semelhantes a lobos, os que oram e os que cultivam à Terra. (LE GOFF, 1984, p. 10)

Nessa sociedade, com suas classes e funções bem definidas, não havia espaço, especialmente na alta Idade Média, para os comerciantes. Era muito comum associar o comércio à perdição da alma dos seus praticantes, cujo destino seria o inferno. Havia um adágio que dizia que *Deus fez os clérigos, os nobres e os camponeses, e o diabo fez o comerciante*. Acrescenta-se a isso que o trabalho, na Idade Média, seria apenas o necessário para expiar os pecados, a *maldição de Adão*. Assim, era vedado e amaldiçoado o trabalho que visasse ao enriquecimento. A atividade financeira e comercial foi execrada pela Igreja Católica, que detinha o poder político e econômico na época. Santo Tomás de Aquino sublinhara que “o comércio, considerado em si mesmo, tem um certo caráter vergonhoso” (LE GOFF, 1991, p. 71), acrescentando ainda que o comércio “é condenado com toda razão porque satisfaz por si mesmo à cobiça do lucro, que, longe de conhecer qualquer limite, se estende ao infinito” (LE GOFF, 1991, p. 72). O mercador foi rebaixado pela Igreja, uma vez que a atividade monetária era um corpo estranho ao modo de produção feudal e, mais ainda, ameaçava o poder da Igreja e seu controle na sociedade. A teoria do justo preço defendida pela Igreja era um exemplo claro da sua posição em relação às atividades mercantis. A monetarização da economia seria, desse modo, incompatível com os velhos e *sólidos* valores

do cristianismo. Resumindo, a Igreja impregnou uma mentalidade de consolidação da hierarquia social que se chocava com os interesses da incipiente classe burguesa.

Entretanto, a partir da baixa Idade Média (XI-XV), houve o renascimento comercial e urbano que abalou os alicerces dos ensinamentos da Igreja Católica. O aumento da produção devido à utilização de inovações na agricultura, como o arado de ferro (charrua) que substituiu o de madeira, e a elevação da força motriz com a técnica de atrelamento de animais e o cultivo nos mansos comunais (florestas, pastagens, pântanos) resultaram no aparecimento de excedentes que quebraram a tendência de uma economia, até então, de autossuficiência. Esses excedentes começaram a ser comercializados nas feiras, inicialmente periódicas, que atraíam pessoas das diferentes regiões. Com a intensificação desses locais para comercialização, houve a necessidade de erguer muralhas de proteção contra os salteadores, e esses locais de comércio passaram a receber o nome de *burgos*, atraindo da zona rural tanto camponeses quanto os filhos mais novos da nobreza. Um adágio popular da época dizia que “*o ar da cidade é o ar da liberdade*”. Assim, o ressurgimento comercial estimulou o renascimento das cidades, e a Igreja assistiu o seu castelo de ideias aos poucos se desmoronar, tendo em vista uma incompatibilidade de uma mentalidade agrícola e rural com a nova ordem emergente. Para Le Goff (1991, p. 95),

Quando se desenvolve a revolução comercial, que só chegará ao seu apogeu nos séculos XII e XIII, a Igreja, por sua posição econômica, por seus vínculos políticos, por seu recrutamento social, está intimamente ligada ao mundo feudal e rural. [...] A Igreja se espanta ou se escandaliza quando vê um membro dessa sociedade entregar-se aos negócios.

O deslocamento do centro econômico do campo para as cidades alterou significativamente a correlação de forças no período. Nas feiras, embriões das cidades, eram realizadas não somente transações de mercadorias, mas também operações de créditos. Logo, esses locais se transformaram, conforme explica Pirenne (1982, p. 10), em “sede cambial de toda Europa”. O comércio por si só era algo que solapava os alicerces doutrinários da Igreja. Contudo, surgiu um fator mais deletério ainda para a Igreja, a *usura*, que era uma cobrança de juros sobre empréstimos de dinheiro ou mercadorias, algo muito debatido entre a Igreja e seus teólogos, de um lado, e os mercadores e banqueiros, de outro. Para a Igreja, a remuneração somente poderia ocorrer mediante o trabalho, entendido como a penitência pelo pecado – a *maldição de Adão*. A cobrança de juros era algo totalmente estranho para a mentalidade eclesiástica da época. Matematicamente, tem-se a fórmula: $J = C \times I \times T$: 100, em que **J** é

igual a juros, **C** é o capital, **I** é a taxa e **T** é o tempo, tudo isso dividido por 100. Os juros, nesse caso, nada mais seriam do que a remuneração do capital que foi emprestado ou aplicado por um determinado *tempo*; é o *tempo* que determina o valor dos juros do capital emprestado. Desse modo, o *usurário* receberia uma remuneração não do seu trabalho, mas sim do *tempo* que o dinheiro ficou emprestado. Para a Igreja, porém, o *tempo* pertence unicamente a Deus, o qual estaria, dessa forma, sendo roubado pelos *usurários*. De acordo com Le Goff (1991, p. 74),

O empréstador, em primeiro lugar, não realiza um verdadeiro trabalho, nem cria e transforma uma matéria ou objeto, mas explora o trabalho alheio, o do devedor. Ora, a Igreja, cuja doutrina se formou no meio rural e artesanal judaico, só reconhece esse trabalho criador como fonte legítima de ganho e de riqueza.

A Igreja Católica e seus teólogos concentraram seus esforços em condenar a usura e orientar a conduta dos fiéis na baixa Idade Média concernentes a essa prática. Os vários concílios da Igreja, como os três de Latrão, o segundo de Lyon e o concílio de Viena, dos séculos XII, XIII e XIV, respectivamente, não mediram esforços em barrar a prática da usura. Conforme cita Le Goff (2004, p. 24), Tomás de Aquino afirmava categoricamente: “É pecado receber dinheiro como recompensa pelo dinheiro emprestado?”. Resposta: “Receber uma usura pelo dinheiro emprestado é em si injusto: pois se vende o que não existe, instaurando com isso manifestamente uma desigualdade contrária a justiça”. A grande justificativa da Igreja, como se vê, para condenar a usura, surge porque o *usurário* estaria vendendo uma mercadoria que não lhe pertencia, o tempo. “O usurário não vende ao devedor nada que lhe pertença, somente o tempo, que pertence a Deus. Ele, portanto, não pode tirar proveito da venda de um bem alheio” (LE GOFF, 2004, p. 36-37). Nesse sentido,

O usurário age contra a lei natural universal, porque vende o tempo, que é comum a todas as criaturas. Agostinho diz que toda criatura é obrigada a fazer dom de si mesma; o sol é obrigado a fazer dom de si para iluminar; também à Terra é obrigada a fazer dom de tudo o que pode produzir, assim como a água. Mas nada é dom de si de maneira mais conforme com a natureza do que o tempo; queiram ou não, as coisas possuem tempo. Por isso o usurário vende o que necessariamente pertence a todas as criaturas, lesa todas as criaturas em geral, até as pedras, de onde se conclui que, mesmo que os homens se calem perante os usurários, as pedras gritariam, se pudessem; e esta é uma das coisas que possuem tempo; queiram ou não, as coisas possuem tempo. Por isso o usurário vende o que necessariamente pertence a todas as criaturas, lesa todas as criaturas em geral, até as pedras, de onde se conclui que, mesmo que os homens se calem perante os usurários, as pedras gritariam, se pudessem; e

esta é uma das razões por que a Igreja persegue os usurários. De onde se conclui que é especialmente contra eles que Deus disse: Quando me reapossar o tempo, isto é, quando o tempo estiver na minha mão de maneira que um usurário não possa vender, então julgarei conforme a justiça. (D`AUXERRE *apud* LE GOFF, 1993, p. 43-44)

Na literatura do século XIII, nota-se uma visão imortalizada pela poesia de Dante Alighieri em *A divina comédia*, segundo o qual, no inferno, os usurários habitariam o sétimo círculo, dedicado aos violentos contra Deus – juntos com sodomitas e blasfemos – ao invés do quarto círculo, para onde são levados os gananciosos. O inferno, segundo Dante Alighieri, seria formado por nove círculos que equivalem, cada um, a uma punição de acordo com o pecado cometido. Quanto mais profundo o círculo, maiores o pecado e o castigo. Soma-se a isso que, a partir do século XII, a proibição da *usura* foi reforçada ao ser incluída no Código de Direito Canônico. Ressalta-se que o enriquecimento dos judeus nos séculos finais da Idade Média por meio do comércio e da prática da *usura* alimentou o antissemitismo por parte da Igreja Católica.

Passagens do Velho e do Novo Testamento da Bíblia eram frequentemente utilizadas para reforçarem o ponto de vista da Igreja concernentes à prática da *usura*. No Antigo Testamento, mais precisamente no livro do Deuteronômio, adverte-se: “Não exigirás do teu irmão juro nenhum, nem por dinheiro nem por víveres, nem por nenhuma coisa que se preste ao pagamento de juros” (DEUTERONÔMIO 23:19-20). Semelhantemente, no Novo Testamento, Lucas diz:

Se vós emprestais àqueles de quem esperais restituição, que mérito tendes? Porque os pecadores emprestam aos pecadores com o fim de receberem o equivalente. [...] Empréstai sem nada esperar em troca e vossa recompensa será grande. (LUCAS 6: 34-35)

Le Goff (2004), em seu livro *A Bolsa e a Vida*, referência sobre o tema da usura no período medieval, apresenta uma breve conceituação histórica de alguns teólogos da Igreja sobre esse problema que foi um dos principais embates entre religião e economia do período medieval:

[...] em Santo Ambrósio: “Usura é receber mais do que se deu (Usura est plus accipere quam dare)”; de São Jerônimo: “Chama-se usura o excedente a qualquer coisa, se alguém recebe mais do que deu (Usuram appellari et superabundatiam quid-quid illud est, si ab eo quod dederit plus acceperit)”; da capitular de Nimega (806): “Existe uma usura onde se reclama mais do que se dá (Usura est ubi amplius requiritur quam datur)”; e do Decreto de

Graciano: “Tudo o que é exigido além do capital é usura (Quidquid ultra sortem exigitur usura est)”. “A usura é o excedente ilícito, o excesso ilegítimo. (LE GOFF, 2004, p. 22)

Para o autor, a *usura* tornou-se o problema principal da baixa Idade Média, e as polêmicas em torno dessa prática constituíram “*o parto do capitalismo*” (LE GOFF, 2004, p. 05). É importante ressaltar que, desde o início do cristianismo, a *usura* era condenada e intolerada. Contudo, a Igreja apenas começou a preocupar-se e a legislar, de forma mais incisiva, a partir do final do século XI, quando a economia e a prática dos usurários floresceram e a ficaram mais evidente aos olhos da sociedade. E isso ocorreu como resultado do renascimento comercial e urbano na baixa Idade Média.

Comerciantes, mercadores, banqueiros e usurários em geral tiveram que se reinventar para escapar das punições determinadas pela Igreja aos que praticavam a *usura*, sendo que a punição máxima era a condenação ao inferno. Esses grupos usaram de várias estratégias a fim de camuflar a *usura* e, assim, livrarem-se das condenações da Igreja Católica. Acontecimentos históricos marcantes do período em questão contribuíram para que a *necessidade* e a *utilidade* amenizassem a questão da *usura*, permitindo, dessa forma, uma visão mais flexível dela por parte da Igreja. Um exemplo bem pertinente foi a eclosão das Cruzadas contra os muçulmanos a partir do final do século XI. Essas expedições envolviam muitos recursos materiais e humanos, fazendo com que a Igreja recorresse aos mercadores e banqueiros para financiá-las.

Inclusive, aqueles que não poderiam estar diretamente no *front* teriam a penitência dos seus pecados se financiassem a ida de outros em seus lugares. Então, surge a questão da *utilidade* e da *necessidade*, como bem lembrou São Tomás de Aquino:

As leis humanas perdoam certos pecados que permanecem impunes por causa da condição imperfeita dos homens, que seriam impedidos de praticar muitas utilidades, se todos os pecados fossem estritamente proibidos e castigados. Assim, a lei humana é indulgente com certas usuras, não porque considere que estejam de acordo com a justiça, mas para não impedir as ‘utilidades’ de um grande número de pessoas. (LE GOFF, 2004, p. 46)

O fortalecimento das cidades e a revolução comercial, a partir da baixa Idade Média, começaram a formatar o protagonismo da classe mercantil, apesar dos entraves religiosos e da mentalidade agrária que havia sido a base do mundo feudal. Comparando as cidades da Antiguidade com as da Idade Média, Pirenne (1982, p. 85) afirmou que “[...] se na organização política o papel das cidades foi maior na Antiguidade do que na Idade Média, em contrapartida, a sua influência econômica ultrapassou em muito, na Idade Média, o que

acontecera na Antiguidade”. Foi nesse contexto que a burguesia pôde se reinventar e se utilizar de sutilezas para poder desenvolver suas atividades em meio aos obstáculos religiosos impostos à atividade mercantil. Dentre esses atalhos, a questão da resistência à *usura* exigiu muita astúcia da burguesia. Le Goff (1991, p. 99) pontua:

A condenação da usura, de certas formas de empréstimos a juros, levou os mercadores a aperfeiçoar os seus métodos, a recorrer a sutilezas. O desenvolvimento da letra de câmbio, documento capital na ascensão da classe mercantil, encontra a condenação da usura, de certas formas de empréstimos a juros, levou os mercadores a aperfeiçoar os seus métodos, a recorrer a sutilezas. O desenvolvimento da letra de câmbio, documento capital na ascensão da classe mercantil, encontra sua fonte no desejo de obedecer à Igreja substituindo uma operação de crédito que ela reprova por uma operação de câmbio que ela tolera.

Com isso, as transformações econômicas não se processaram necessariamente na mesma proporção do pensamento religioso e das narrativas por ele construídas. Não são geralmente grandezas diretamente proporcionais, mas, geralmente, inversamente proporcionais. A religiosidade, ao longo do processo histórico, serviu como uma bússola para orientar povos, civilizações e modos de produção e, de certa forma, estimular e/ou delimitar o progresso deles. E essa convivência nem sempre foi harmônica. Na Idade Média, por exemplo, o progresso econômico tendeu a evoluir, apesar dos óbices impostos pela Igreja dominante. É notório que a religião e seus preceitos deixam marcas indeléveis na mentalidade das pessoas. E no caso específico da Idade Média, dada a fragmentação política e as especificidades da economia feudal, a Igreja se impôs não somente na questão religiosa, mas também extrapolou outras áreas *aparentemente estranhas* a religiosidade, como a política e a economia. No entanto, essa mesma Igreja foi se adaptando a algumas mudanças, ainda que com muitos limites e cuidados, por uma questão de conveniência e sobrevivência dela própria. Sua intolerância radical em algumas questões foi gradativamente cedendo espaço para um espírito de maleabilidade. Vale ressaltar que a Igreja atuava também de forma política. Em outras palavras, um pouco de pragmatismo religioso. É justamente isso que Le Goff (2004, p. 67-68) mostra ao justificar a escrita do seu livro, *A bolsa e a vida*, ao tratar da religiosidade e da questão econômica:

O que procuro mostrar neste livro é justamente como um obstáculo ideológico pode entrar, retardar o desenvolvimento de um novo sistema econômico. Acredito que se compreende melhor esse fenômeno investigando os homens que são seus atores em vez de examinar somente os sistemas e

doutrinas econômicas. O que contesto é uma velha história da economia e do pensamento econômico que ainda perdura. Ela me parece bastante ineficaz para a Idade Média, pois nesse tempo não havia doutrina econômica da Igreja, nem pensadores economistas. A Igreja, os teólogos, os canonistas e, não os esqueçamos, os pregadores e os confessores da Idade Média, tratando de questões religiosas, do pecado de usura, mostraram o impacto da religião sobre os fenômenos que hoje chamamos “econômicos.”

Não obstante a isso, salienta-se que, no decorrer da Idade Média, a Igreja Católica teve que fazer, paulatinamente, alguns ajustes, ainda que limitados, em sua maneira de conviver com os fenômenos econômicos, com destaque para o comércio e para a prática dos juros. Tais mudanças de paradigmas processaram-se paralelamente ao advento do movimento reformista do início do século XVI. A compreensão do pensamento econômico dos reformadores na época da Reforma Protestante constitui o objeto da próxima seção.

1.2 O PENSAMENTO ECONÔMICO DOS REFORMADORES PROTESTANTES

Na transição do feudalismo para o capitalismo, ocorreram mudanças significativas em todos os aspectos na Europa. O processo de centralização do poder nas mãos dos reis e a subsequente formação dos Estados Nacionais restituíram atribuições, até então nas mãos da Igreja, ao poder político. A laicização da religião enfraqueceu o poder papal e a sua influência nas monarquias nacionais. Essas desejavam uma religião mais nacional e, conseqüentemente, menos universal (*católica*). No aspecto cultural, o Renascimento e o Humanismo são tidos como os grandes norteadores da mentalidade do homem europeu, especificamente da burguesia. A invenção da imprensa de João Gutemberg contribuiu para difundir as novas ideias e popularizar a Bíblia para as diversas línguas nacionais. A classe mercantil, em plena ascensão social, desejava uma nova religião compatível com seus interesses econômicos. Nesse momento, havia um descompasso muito grande entre os ideais da burguesia e os ensinamentos da Igreja Católica, a despeito de uma maior maleabilidade, abrangendo os três séculos finais da Idade Média. O renascimento comercial e urbano na baixa Idade Média despertou desejos e ambições que estavam, até então, reprimidos por conta de uma mentalidade clerical. Para Wood (2003, p. 143),

O centro de produção medieval em que prosperava as liberdades burguesas dava rédeas à racionalidade econômica, e seu **ethos** produtivo abriu caminho

para a ética do “trabalho”. Mas a realização completa das tendências já presentes na cidade medieval, a aplicação completa da racionalidade econômica não apenas ao comércio, mas também à organização da produção e o amadurecimento da verdadeira burguesia como agente de produção, aparentemente, exigiram a liberação dos impedimentos culturais e políticos que obstruíam o caminho da racionalidade econômica.

Partindo disso, na transição do feudalismo para uma economia de mercado, entre os séculos XIV e XVIII, percebe-se o encontro do capitalismo com o protestantismo. A valorização do trabalho, a objetividade racional e a ideia de que o destino dos homens estava em suas próprias mãos ganharam um enorme impulso com o movimento da reforma Protestante. O individualismo calvinista, por exemplo, harmonizava-se com o espírito do capitalismo em sua fase comercial.

Assim, a venda das indulgências no início do século XVI foi apenas a cortina de fumaça para a eclosão da Reforma Protestante, que se iniciou na Alemanha, em 1517, tendo Martinho Lutero como seu grande protagonista. Lutero (1995), a princípio, não almejava criar uma religião, mas reformar a Igreja Católica. Para tanto, denunciou muitos abusos cometidos pelo clero e depois rompeu com a Igreja Católica. Influenciado pelo humanismo de Philipp de Melanchthon, o autor apresentou as novas doutrinas do movimento religioso na chamada Assembleia de Augsburgo.

Lutero, doutor em teologia, foi muito influenciado pelos pais da Igreja no que diz respeito às questões econômicas. Além disso, conhecia e vivia de perto a realidade do povo alemão que tinha que pagar pesadas taxas. Seu escrito mais importante de economia, *Comércio e Usura*, publicado em 1524, nada mais era do que a compilação de dois textos anteriores: [Pequeno] *Sermão contra a usura*, de 1519, e [Grande] *Sermão contra a usura*, de 1520. Além desse escrito, destaca-se também *Prédicas Semanais sobre Mateus 5-7*, de 1530, e “*Aos pastores para que preguem contra a usura*”, de 1540.

Nesses escritos, Lutero condenava a ganância das pessoas e as más intenções de seus corações. Para Lutero, quando alguém fazia empréstimos, por exemplo, não deveria fazer distinção de pessoas. Ele condenava a hipocrisia daqueles que emprestavam apenas para os ricos e os amigos, ao invés de socorrerem aos mais necessitados. Assim, os empréstimos deveriam ser feitos sem distinção e sem o mero interesse em ter retornos além do que foi emprestado. O reformista argumentou: “[...] são usurários todos os que emprestam vinhos, cereais, dinheiro, ou o que for, ao próximo com a cláusula de pagar juros [...] ou então [...] com a obrigação de devolver mais ou algo de maior valor do que tomaram emprestado”

(LUTERO, 1995, p. 413). Nota-se aqui a influência dos pensadores da Igreja da época medieval.

Ainda para o protestante, os usurários não tinham amor aos seus semelhantes, mas apenas amor a si próprios e a seus ganhos. Os interesses individuais dos usurários iam contra o espírito cristão. Ele defendia o empréstimo entre os cristãos, porém, deveria ser diferente dos empréstimos mundanos. Nenhum cristão deveria onerar o seu irmão, e os empréstimos deveriam levar em conta a questão da necessidade. Em suas palavras,

O empréstimo então seria algo muito bom entre os cristãos; cada qual devolveria espontaneamente o que tivesse tomado emprestado, e aquele que tivesse cedido o empréstimo o dispensaria de bom grado, caso o outro não conseguisse devolver. (LUTERO, 1995, p. 387)

Dessa forma, Lutero não via o empréstimo como meio de obter lucro, condenando quem assim procedia. Ele defendeu que a Igreja não deveria agir dessa forma e, por isso, não poderia apoiar a *usura* visando a benefícios próprios. Quando a própria Igreja agia interessada em emprestar com juros, ela “não faz em benefícios das igrejas e dos bens eclesiásticos, mas no interesse de sua ganância viciada em usura, que se mascara, vinculando-se a estes bons nomes” (LUTERO, 1995, p. 416). As posições de Lutero sobre a *usura* e o comércio refletiam em boa medida sua vivência em uma Alemanha marcada por um momento de expansão e de desenvolvimento das cidades e atividades urbanas com o comércio, a manufatura e as atividades bancárias, o que ocorreu na virada do século XV para o XVI. Ele próprio notou as realidades das diferentes regiões da Alemanha e pôde compará-las ao progresso na Itália. Além disso, analisou os contrastes entre a cidade e o campo, em que a servidão assumia novas formas e se aprofundava. Houve uma concentração de riquezas oriunda do progresso econômico. Por isso mesmo, Lutero denunciava práticas comerciais injustas e a formação de famílias poderosas, com destaque para os *Fugger*, enquanto a maioria padecia com a perda do poder de compra por causa do surto inflacionário entre 1520 e 1540, do qual o próprio Lutero foi atingido.

Assim, para Lutero (1995), o comércio e a *usura* seriam os dois meios pelos quais se praticava a injustiça, uma vez que enriquecia uma minoria e empobrecia a grande maioria da sociedade.

Pois quando o olho do vilão e o ganancioso insaciável percebe que a gente depende de sua mercadoria, ou que o comprador é pobre e dela carece, ele se aproveita e eleva o preço; aí não considera o valor da mercadoria ou o

serviço que presta com seu esforço e risco, mas apenas a necessidade e carência do próximo; não para vir em seu auxílio, mas para dela tirar proveito, aumentar o preço da mercadoria que, em condições normais, certamente deixaria no mesmo valor, caso não houvesse a carência do próximo. (LUTERO, 1995, p. 379)

Lutero condenava a *usura* e algumas práticas comerciais não só pela interpretação da Bíblia, mas, sobretudo, por causa das consequências sociais dessas atividades, e isso podia ser visto nos grandes centros urbanos: “Os usurários têm suas sedes em Leipzig, Augsburgo, Frankfurt e cidades semelhantes, e lidam com somas de dinheiro. Nós, porém, sentimos os efeitos aqui em nosso mercado e na cozinha, a tal ponto que não nos resta tostão nem vintém” (LUTERO, 1995, p. 491).

A despeito das mudanças advindas com o movimento reformista, Martinho Lutero estava preso ainda a algumas ideias da Igreja medieval, que era marcada pelo tradicionalismo. Nesse sentido, Lutero encontrava-se despido do “*espírito do capitalismo*”, como bem observou Weber (2004, p. 74-76):

Pelo contrário, Lutero teria sido um legítimo representante da ética tradicionalista: Antes de tudo, é escusado lembrar que não tem cabimento atribuir a Lutero parentesco íntimo com o “*espírito capitalista*”, seja no sentido que até agora associamos a essa expressão ou de resto em qualquer outro sentido. [...] nas incontáveis declarações de Lutero contra a usura e a cobrança de juros em geral, se confrontada com a escolástica tardia, emerge como francamente “*retrógrada*” (de um ponto de vista capitalista) sua representação da natureza do lucro capitalista. [...] Lutero lia a Bíblia através das lentes de seu estado de espírito no momento, e esse, ao longo de sua evolução entre aproximadamente 1518 e 1530, não só permaneceu tradicionalista, como tradicionalista foi ficando cada vez mais.

Portanto, *a priori*, Weber (2004) via em Lutero um espírito “*retrógrado*” em relação ao capitalismo incipiente. As posições do reformador alemão sobre o comércio e a prática da usura não se harmonizavam com o “*espírito do capitalismo*” weberiano. Em segundo lugar, citando Bosi (2020, p. 12), “outra coisa é saber que tipo e qual modalidade de “*trabalho*” e “*espírito*” Weber se referiu ao formatar sua proposta de uma ética (de fundo religioso) fecundando (ou potencializando) uma propensão ao trabalho e a acumulação de capital”.

Considerando que Martinho Lutero foi a figura mais proeminente da Reforma Protestante, a quem, então, coube, afinal, o papel de propagador da “*ética protestante*” a que se referia Weber? Em outras palavras, quem foi o reformador cujas ideias contribuíram para alavancar a cultura capitalista? O próprio Max Weber dá a resposta. Para ele, o verdadeiro representante da nova ética não seria Lutero, mas sim João Calvino:

Com isso não está se dizendo, em absoluto, que a forma luterana de reorganização da vida religiosa não tenha tido uma significação prática para o objeto de nossa pesquisa. Muito pelo contrário. É que ela, evidentemente, não pode ser derivada imediatamente da posição de Lutero e sua Igreja quanto à profissão mundana, e não é tão fácil apreendê-la como talvez o seja no caso de outras manifestações do protestantismo. Convém, pois, considerarmos em primeira linha aquelas formas de protestantismo nas quais é mais fácil verificar uma conexão entre a práxis de vida e o ponto de partida religioso do que no luteranismo. Já se mencionou acima o papel marcante do calvinismo e das seitas protestantes na história do desenvolvimento capitalista. Assim como Lutero encontrou vivo em Zwinglio um “espírito outro” que o seu, assim também seus herdeiros espirituais o haveriam de encontrar especialmente no calvinismo. E com mais razão o catolicismo considerou o calvinismo, desde o início até os dias de hoje, como seu verdadeiro adversário. (WEBER, 2004, p. 78)

A partir da Reforma Protestante houve uma nova ética sobre o trabalho, fazendo com que o paradigma negativo que até então predominava – *maldição de Adão* – fosse eximido. Contudo, Martinho Lutero, o arauto do movimento reformista, ainda estava impregnado de conceitos, tais como sobre o comércio e a prática da *usura*, que constituíam óbices para o espírito do capitalismo. Nesse sentido, torna-se imprescindível uma análise sobre o *calvinismo* e como ele moldou o “espírito do capitalismo” tal qual foi concebido por Weber.

1.2.1 O pensamento econômico e a ética protestante em João Calvino

João Calvino (1509-1564) nasceu na França e foi, ainda adolescente, estudar teologia na Universidade de Paris, onde entrou em contato com as ideias de Lutero. Posteriormente, foi para Orleans fazer direito; quando regressou a Paris, rompeu com a Igreja Romana. Entretanto, Calvino foi perseguido na capital francesa, já que o protestantismo não era tolerado. A partir de então migrou-se para a Suíça e, em 1536, escreveu sua obra mais notável: *Instituição da Religião Cristã*. Inicialmente, ficou em Genebra por dois anos e elaborou um rígido código litúrgico e cível que acabou lhe custando a permanência na cidade. Após isso, Calvino conheceu Martinho Lutero e chegou a participar de vários debates entre protestantes e católicos.

Em 1547, Calvino retornou a Genebra e colocou em prática suas ideias religiosas, ao mesmo tempo que organizava a nova religião. Ao eliminar seus opositores nessa cidade, Calvino foi aos poucos consolidando sua influência religiosa, política e econômica, e isso fez

de Genebra o mais importante centro do protestantismo na Europa. Calvino era um profundo estudioso da Bíblia, humanista cristão; por meio da sua doutrina e do seu papel de líder do movimento reformista, imprimiu um movimento que deixou marcas profundas na religião, na economia e na sociedade de um modo geral. Essas marcas e mudanças promovidas pelo *calvinismo* perpassaram várias gerações e países. “Se houve qualquer movimento religioso, no século XVI, que tenha tido uma atitude afirmativa em relação ao mundo, esse foi o Calvinismo.” (MCGRATH, 2004, p. 249).

Adepto inicial das ideias e das doutrinas luteranas, como a justificação pela fé, Calvino aprofundou, radicalizou e trouxe à tona novas verdades bíblicas, com destaque para a *doutrina da predestinação*. Segundo Calvino, os homens já nascem com o destino determinado por Deus para serem salvos e ir para o céu ou serem condenados e ir para o inferno; essa predestinação ou eleição independe da vontade dos homens. Entretanto, o predestinado ou escolhido por Deus apresentaria alguns sinais em sua vida cotidiana que permitiriam identificá-lo, ou seja, ele estaria recebendo a graça divina. E isso seria justamente uma resposta dos escolhidos aos desejos e vontades de Deus. O autor complementa:

Consideremos agora o seguinte: tendo em vista o fato de que a Aliança da Vida não é pregada a todos, e que é pregada não é recebida igualmente por todos, vê-se nessa diversidade um admirável mistério do juízo de Deus. [...] Pois bem, como é evidente que isso é feito pela vontade de Deus [...] daí decorrem grandes e altas questões, as quais só se resolvem ensinando aos crentes o que eles podem compreender da eleição e da predestinação. (CALVINO, 2006, p. 37)

Para Calvino, havia então duas classes distintas de homens: os eleitos para a vida eterna e os eleitos para a separação eterna de Deus. Esses últimos seriam aqueles que vivem sem Cristo. Os primeiros, por outro lado, seriam aqueles que apresentavam êxitos em suas vidas material e espiritual, sendo esses sinais claros da *eleição* ou da *predestinação*. Cada pessoa tinha o dever de se considerar um eleito (WEBER, 2004, p. 101), e era justamente “o *trabalho profissional sem descanso* como meio mais saliente para se conseguir essa autoconfiança” (WEBER, 2004, p. 102).

Assim, a valorização do trabalho foi uma característica significativa da religião calvinista: “O calvinismo acrescentou [...] a ideia da necessidade de uma comprovação da *fé* na vida profissional mundana” (WEBER, 2004, p. 110). O trabalho agora foi despido da maldição original, ou da *maldição de Adão*, e passou a ser visto como algo positivo e que dignificava os predestinados à salvação eterna. Em outras palavras, o trabalho passou a ser

visto como uma benção. Essa valorização do trabalho e, conseqüentemente, do individualismo, se harmonizava com os anseios da burguesia e constituiu um fator impulsionador do nascente capitalismo. Calvino condenava todos aqueles que, em vez de trabalhar, viviam às custas dos outros. Considerando que a dedicação ao trabalho era um dos sinais que se manifestava na vida dos *eleitos*, contrariamente a preguiça e a indolência eram claras evidências da ausência da graça divina. Desse modo, “a falta de vontade de trabalhar é sintoma de estado de graça ausente” (WEBER, 2004, p. 144). O reformador suíço utilizou-se de várias citações bíblicas, com destaque para os ensinamentos do apóstolo Paulo, para ressaltar a importância do trabalho na vida do cristão, na vida dos eleitos. “Pois quando ainda estávamos convosco, vos ordenamos isso: Se alguém não quer trabalhar, também não coma. Ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando, antes intrometendo-se na vida alheia” (II TESSALONICENSES 3: 10-11). Na Suíça do século XVI, começou a se consolidar uma cultura individualista, na qual o pobre era suspeito de preguiça, tal qual está nos conselhos dos Provérbios de Salomão: “Um pouco para dormir, um pouco para toscanear, um pouco para encruzar os braços em repouso; assim sobreviverá a tua pobreza como um assaltante, e a tua necessidade como a um homem armado” (PROVÉRBIOS 24: 33-34).

Calvino, portanto, deu uma nova conotação para o trabalho ao conferir aspectos positivos, sendo uma visão totalmente diferente da Idade Média. A atuação do cristão calvinista no trabalho e em sua vida profissional seria algo para a honra e para a glória de Deus. Logo, o trabalho e a disciplina favoreciam o nascente capitalismo dos tempos modernos e atendiam aos interesses da burguesia. Para Calvino, os cristãos deveriam se envolver por meio do trabalho no mundo dos homens, pois esse seria um propósito divino e era uma semelhança do Reino de Deus no porvir. De acordo com McGrath (2004, p. 264),

O trabalho secular se tornou uma parte integrante da espiritualidade de Calvino, conferindo um novo sentido à máxima monástica medieval *laborare et orare*, “trabalhar e orar”. O trabalho manual não era somente regra em Genebra; era o ideal religiosamente sancionado.

O novo homem calvinista, despido de tradições e costumes anteriores, imprimiu em seu trabalho profissional os valores da nova religião, e tudo isso para a glória e honra de Deus. Os serviços prestados aos homens constituem também um culto a Deus. O trabalho, para Calvino, deveria ocorrer com a finalidade e o propósito de construir uma sociedade econômica e social do homem. Trabalho, disciplina, frugalidade, enfim, tudo isso faria parte

de todos os aspectos da vida humana. Em síntese, observa-se no novo homem calvinista, como ressalta Weber (2004, p. 30):

[...] a substituição de uma dominação extremamente cômoda, que na época mal se fazia sentir na prática, quase só formal muitas vezes, por uma regulamentação levada a sério e infinitamente incômoda da conduta de vida como um todo, que penetrava todas as esferas da vida econômica e pública até os limites do concebível.

Em vista disso, na cosmovisão calvinista, observa-se que vocação e predestinação são ideias indissociáveis. A vocação é um chamado de Deus para que o homem se submeta à sua vontade, e, ao fazer isso, glorificará e honrará a Deus por meio de seu trabalho e de sua vida intramundana. Para Weber (2004, p. 64), “a ordem capitalista precisa dessa entrega de si à *vocação* de ganhar dinheiro”, mas, segundo o autor, os povos católicos ignoram essa ideia de vocação profissional, de posição na vida ou de um ramo de trabalho definido, também chamada em alemão de *beruf*, “ao passo que ela está presente em *todos* os povos predominantemente protestantes” (WEBER, 2004, p. 71). A esse respeito, Calvino adverte:

Deus chama cada um para uma vocação particular cujo objetivo é a glorificação de Deus. O comerciante que busca o lucro, pelas qualidades que o sucesso econômico exige: o trabalho, a frugalidade, a ordem, responde também ao chamado de Deus, santifica de seu lado o mundo pelo esforço e sua ação é santa [...] o pobre é suspeito de preguiça, que é uma injúria a Deus (CALVINO *apud* MOUSNIER, 1973, p. 90).

Percebe-se aqui as consequências das escolhas feitas pelos homens. De um lado, o trabalho e o sucesso eram sinais da predestinação, de outro, a pobreza era um sintoma de fraqueza espiritual, portanto, uma injúria a Deus. As escolhas e as decisões individuais permeariam a vida dos homens. Essa doutrina da vocação e da predestinação correspondia na prática aos interesses capitalistas burgueses e foi a grande mudança na mentalidade no período de transição do feudalismo para o capitalismo. Na ótica de Bieler (1990, p. 661),

Pelo fato de que outorgava a fé o campo inteiro da atividade humana, que o cristão deve submeter ao senhorio de Cristo, conferiu Calvino, incontestavelmente, ao trabalho, ao labor econômico e ao dinheiro, um lugar que não tinham até então e que devia permitir aos calvinistas aí engajar todas as virtudes humanas e sociais.

Com relação à cobrança de juros, sabe-se que, em Genebra, essa prática era comum mesmo antes da Reforma Protestante, apesar dos entraves impostos pela Igreja Romana, a

qual, como se viu anteriormente, reprovava os empréstimos a juros, apesar de tolerar tal prática em algumas situações. Nesse aspecto, João Calvino apresentava-se como aquele que despiu os pejorativos da prática dos empréstimos a juros. “É Calvino o primeiro dos teólogos a exonerar o empréstimo a juros do opróbio moral e teológico que a Igreja havia feito pesar sobre ele até então.” (BIELER, 1990, p. 239).

Nos seus ensinamentos, Calvino afirmava que o dinheiro era o meio que Deus usava para prover o sustento do homem e do seu próximo. As riquezas deveriam também ser empregadas para o crescimento da comunidade em que a pessoa estava inserida. O dinheiro poderia ser usado para promover o desenvolvimento econômico, adquirindo, assim, o valor de mercadoria; ou seja, era visto como um mecanismo de produção. Nesse sentido, Calvino fez uma distinção entre empréstimos de consumo e empréstimos de produção. No primeiro caso, ele condenava, visto que esse era um meio de socorrer aos mais necessitados e o dinheiro seria um capital apenas de consumo. Por outro lado, os empréstimos de produção objetivavam que o devedor trabalhasse com o dinheiro para ganhar mais dinheiro. Nesse caso, seria justo remunerar o credor. Bieler (1990, p. 661) complementa:

Que diz a Bíblia, segundo Calvino? Encontramos nela a imagem realista de uma humanidade ávida de lucro. É essa a razão, diz Calvino, porque a Bíblia condena a usura e todos os seus abusos. Ele acentua com igual ênfase, porém, o empréstimo desinteressado como ajuda a outrem. Tal empréstimo gratuito é sinal verdadeiro de fé, assim como condena a usura recebida por um socorro prestado. A questão, porém, é saber se a proibição bíblica se aplica legitimamente a toda forma de empréstimo a juros. Calvino sonda a realidade econômica com admirável lucidez e verifica que, ao falar do juro ou da usura, a Bíblia não visa ao fenômeno relativamente recente e muito mais difundido do empréstimo de produção.

É justamente nesse ponto que Weber (2004) aponta o *calvinismo*, dentro do contexto da Reforma Protestante, como o responsável por quebrar com o *tradicionalismo* até então dominante. Esse tradicionalismo era na verdade um dos óbices para o *espírito do capitalismo*. A partir do *calvinismo*, houve uma maior valorização do individualismo e do racionalismo econômico por meio da vocação profissional que leva ao aumento da produção no trabalho, como ressalta Weber (2004, p. 53):

Eis um exemplo justamente daquela atitude que deve ser chamada de “tradicionalismo”: o ser humano não quer “por natureza” ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, mas simplesmente viver, viver do modo como está habituado a viver e ganhar o necessário para tanto.

O *calvinismo* rapidamente se expandiu para as várias regiões da Europa e acompanhou todo o desenvolvimento comercial que envolvia o velho continente. Isso se explica porque as doutrinas dessa nova religião, ao incentivar a ética do trabalho, da vocação, da predestinação e da racionalidade econômica, eram mais palatáveis às ambições da burguesia e contribuíram para propiciar o *espírito do capitalismo* (WOOD, 2003, p. 135). Desse modo, o puritanismo e o metodismo, na Inglaterra, os presbiterianos, na Escócia, os huguenotes, na França, o pietismo, na Alemanha, a Igreja reformada, na Holanda, os batistas, entre outros, beberam na mesma fonte do *calvinismo*. Para uma simples comparação, Thompson (1998, p. 232) afirmou que “o puritanismo contribuiu para fortalecer as energias psíquicas e a coerência social dos grupos de classe média, que consideravam a si próprios “chamados” ou “eleitos” e que estavam engajados em projetos gananciosos (com algum êxito)”. O *calvinismo* e suas vertentes religiosas são vistos por Max Weber como os portadores do que ele chama de *espírito do capitalismo*, uma vez que esses grupos religiosos enfatizavam, dentre outras coisas,

A valorização religiosa do trabalho profissional mundo, sem descanso, continuado, sistemático, como meio ascético simplesmente supremo e a um só tempo comprovação o mais segura e viável da regeneração de um ser humano e da autenticidade de sua fé, tinha que ser, no fim das contas, a alavanca mais poderosa que se pode imaginar da expansão dessa concepção de vida que aqui temos chamado de “espírito” do capitalismo. (WEBER, 2004, p. 156-157)

Enfim, “o Calvinismo, em comparação, parece ter mais *afinidade eletiva* com o rígido senso jurídico e ativo do empresário capitalista burguês” (WEBER, 2004, p. 126). E aqui se faz necessário apontar, hipoteticamente, uma ponte entre o que foi apresentado dentro do que Max Weber denominou de espírito do capitalismo com o objeto desta pesquisa - *a construção da cultura capitalista na religião Adventista do Sétimo Dia: décadas de 1980 a 2020* -, algo abordado nos próximos capítulos. Para Weber (2004, p. 87), os portadores do protestantismo ascético são essencialmente de quatro espécies: o *calvinismo*, o *pietismo*, o *metodismo* e as seitas nascidas do movimento *anabatista*. Ele ainda acrescenta que “o fenômeno da conduta da vida *moral* que para nós é importante, encontra-se de igual modo entre os seguidores das mais diversas denominações que brotaram, seja de uma das quatro fontes mencionadas acima, ou de uma combinação de várias delas” (WEBER, 2004, p. 88-89).

Considerando-se essas afirmações de Max Weber, nos primórdios do *adventismo* no século XIX, vislumbra-se um resgate do *espírito do capitalismo*, adormecido em um protestantismo universal, mas não descaracterizado:

Ana Smith era Batista. Rachel Oakes era Batista do sétimo dia. Hirã Edson, Frederico Wheller e Ellen Harmon eram metodistas. Jose Bates e Tiago White eram membros da conexão Cristã. Stockbridge Howland era congregacional. Quando estes e milhares de outros se tornaram adventistas do sétimo dia, ao iniciar-se o movimento, não renunciaram as belas verdades sobre Deus que haviam aprendido em suas denominações anteriores. Em vez disso, encontraram nova glória nelas ao aprenderem conceitos ainda mais ricos. (MAXWELL, 1982, p. 120)

Como proposto, neste capítulo, discutiu-se a importância e influência da religião e das religiosidades para o desenvolvimento econômico. Isso foi feito por meio da articulação de referenciais teórico-metodológicos e da historicização da religião e das religiosidades e suas relações com as atividades econômicas. No próximo capítulo, foram analisados o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, marcada pelo ecletismo religioso que lhe precedeu, no decorrer do século XIX, século permeado pela consolidação do capitalismo e por mudanças imprescindíveis na jovem nação norte-americana, as suas relações com o contexto socioeconômico do período, bem como a identificação do *adventismo* com a expansão capitalista típica daquela época. Para tanto, não se pode ignorar o quanto o *calvinismo* e suas ramificações impregnaram marcas indeléveis no corpo do *adventismo*, desde a gênese desse movimento religioso.

2 SURGIMENTO DA IGREJA ADVENTISTA E SUA CORRELAÇÃO COM O CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO

[...] Minorias nacionais ou religiosas, ao se contraporem como “dominadas” a um grupo visto como “dominante”, tendem, em virtude de sua exclusão, seja voluntária ou involuntariamente, das posições politicamente influentes, a ser fortemente impelidas para os trilhos da atividade aquisitiva [...] (WEBER, 2004, p. 33).

“De seu mais remoto início, o adventismo do sétimo dia tem sido mais do que uma mera sociedade religiosa” (MAXWELL, 1982, p. 165).

Neste capítulo, fundamenta-se a discussão sobre o surgimento do *adventismo* no século XIX e sua relação com o contexto socioeconômico estadunidense. Para tanto, será necessário compreender a respeito do não cumprimento profético do movimento *Milerita* e como o desapontamento favoreceu o surgimento da nova religiosidade. Em seguida, aborda-se a formação e a organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia e suas conexões com o capitalismo oitocentista, bem como as estratégias para expansão do *adventismo*.

No século XIX, ocorreu a grande expansão norte-americana da Costa Atlântica Leste para a Costa Oeste, no Pacífico. Desde a independência das 13 colônias, em 1776, e do seu posterior reconhecimento pelos ingleses com o Tratado de Paris, em 1783, houve um grande fluxo migratório de europeus para a América do Norte. Atraídos pelo sonho americano e pela liberdade religiosa, uma grande leva de imigrantes do velho mundo desembarcaram na apertada faixa litorânea do Atlântico Leste, que abrigava a jovem nação norte-americana. Esses *pioneiros* deram a largada para a Marcha para o Oeste, que contribuiu para ocupar as terras até então habitadas por povos indígenas. Novas terras para pastagens, riquezas minerais; tudo isso, alimentado pela teoria do *manifest destiny* (destino manifesto), forjou o aumento territorial dos Estados Unidos ainda em sua tenra idade. Acrescenta-se a tais acontecimentos a criação da lei *homestead act*, em 1862, pelo presidente Abraham Lincoln, que estimulava a ocupação do Oeste por meio de minifúndios para quebrar a estrutura agrária e influência sulista.

A Marcha para o Oeste envolveu um grande contingente populacional e foi acompanhada por um violento massacre dos povos indígenas, vistos como obstáculos para o

progresso americano.¹ A imagem símbolo dessa epopeia é o *Progresso Americano* (1872), de John Gast. Assim como Volvelle (1997, p. 87) enxergava o purgatório no *Coroamento da Virgem* de Enguerrand Quarton e justificava que cada um tem seu ponto de vista, o *Progresso Americano*, de John Gast, demonstrava o espírito da fé e do trabalho como estímulos para a superação de quaisquer obstáculos. Nota-se, em um primeiro plano, a fé como uma representação do espírito dos trabalhadores que fizeram a nação americana, seguida por homens com seus animais e ferramentas de trabalho. Desse modo, a fé e o trabalho conduziram os homens para abrirem caminhos, como as ferrovias, e adentrarem nas terras inóspitas do Velho Oeste.

Nessa obra está presente, também, a ideia de que os Estados Unidos tinham a missão de levar o progresso e a democracia para outros povos, em uma clara concordância com o *destino manifesto*. Seria um meio de difundir um modo de vida representado na imagem pela mulher que tem uma estrela do império na cabeça e um livro didático na mão direita, estimulando os homens a desbravarem novas terras. A nítida ideia de movimento mostrando os homens carregando os recursos para o trabalho produtivo, estimulados pela fé, assume, na imagem, todo o protagonismo. Nessa pintura, há um nítido contraste entre a *luz*, simbolizando o progresso (a exemplo do telégrafo, do comércio, da agricultura, do trem, da navegação) e a *sombra*, que está relacionada aos animais silvestres e aos povos indígenas, tidos como obstáculos para a expansão americana naquilo que se convencionou denominar de “*virgindade econômica do Velho Oeste*” (KOLLN, 2018, p. 397). No olhar do observador, o quadro se move da direita para a esquerda, evocando a clara ideia da Marcha para o Oeste.

¹ As populações indígenas foram combatidas, empurradas para fora de suas terras e, finalmente, exterminadas. Em 1970, foi publicado o livro *Enterrem Meu Coração na Curva do Rio*, de Dee Brown, que relata de forma eloquente e dramática a destruição dos povos indígenas da América do Norte como resultado da Marcha para o Oeste. O autor utilizou-se de várias fontes, como registros oficiais, autobiografias, depoimentos e descrições de primeira mão, para resgatar o legado dos grandes chefes e guerreiros das tribos Ute, Dakota, Sioux, Cheyenne, dentre outras, e mostrar na visão dos *vencidos* as batalhas travadas contra o homem branco. A partir deste livro, a conquista do Velho Oeste trouxe às claras o extermínio dos povos indígenas e lançou uma nova narrativa na história Norte-Americana.



FIGURA 1. O progresso americano

Fonte: <http://tipoassimfolhetim.wordpress.com>

Paralelamente à Marcha para o Oeste, ocorreu outro grande movimento, agora interdenominacional, que sacudiu a tão agitada América do Norte e envolveu milhares de pessoas. Entre 1831 e 1844, houve a propagação da mensagem da breve volta de Jesus Cristo à Terra, o que ocorreria entre 1843 e 1844, em cumprimento a uma profecia bíblica. Tudo começou quando um camponês, em 1818, chegou à conclusão, após dois longos anos de estudos profundos da Bíblia, especialmente o livro de Daniel, de que Cristo voltaria à Terra dentro de 25 anos, mais ou menos em 1843, quando ocorreria o fim do mundo. Guilherme Miller (1782-1849) foi o homem que promoveu um grande despertar da população Norte-Americana para que se preparasse com a breve volta de Cristo. Assim, enquanto milhões de pioneiros estavam canalizando suas energias para conquistar as terras do Velho Oeste (Figura 1), uma parcela considerável da população envolveu-se com a pregação sobre a volta de Cristo e o fim do mundo (Figura 2). O movimento *milerita* e seus desdobramentos mostraram que, no *adventismo*, a fé e o trabalho se harmonizam com o *progresso americano*. No movimento *milerita*, as pessoas engajaram-se em uma nova marcha – *a marcha celestial* – cujo desfecho resultou no surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia.



FIGURA 2. O fim do mundo previsto para 22 de outubro de 1844

Fonte: megaphoneadv.blogspot.com

Assim, o *progresso americano* e o *adventismo* fazem parte de um mesmo contexto, no século XIX, marcado por resiliência, trabalho e, sobretudo, fé. Expandir com determinação e fé por terras longínquas e desconhecidas, tal qual está presente no *progresso americano*, também fazia parte do ideal do *adventismo*. Desse modo, com fé e trabalho, o *adventismo* incorporou o ideal de progresso nos Estados Unidos. Esses aspectos são explanados a seguir, ao se relatar o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia e a sua relação com o capitalismo.

2.1 “ATÉ DUAS MIL E TREZENTAS TARDES E MANHÃS E O SANTUÁRIO SERÁ PURIFICADO”: ESPERANÇA, DESAPONTAMENTO E O SURGIMENTO DO ADVENTISMO

O início do século XIX foi caracterizado por uma forte desidratação das ideias e ideais do século anterior, “o século das luzes”, que havia marcado fortemente a sociedade ocidental. O terror da República Jacobina na França (1792-1795), o deísmo antagônico ao cristianismo e as violentas guerras napoleônicas reconduziram muitas pessoas a uma profunda análise das

escrituras sagradas. Temas como o milenismo ou milenarismo e o fim do mundo foram objetos de estudos por diferentes classes sociais. Tudo isso foi realimentado pelos acontecimentos que se processavam naquele conturbado período e por outros mais que permaneciam enraizados na memória coletiva, como o terremoto de Lisboa, em 1755. De certa forma, essa mudança de comportamento harmonizava-se com o conservadorismo e a tradição, típicos da primeira metade do século XIX, e que teve no Congresso de Viena (1815) sua máxima realização.

Parece ser muito comum, nos tempos de crises, que os homens se agarrem à religião como um meio para superar suas angústias e aflições não resolvidas no plano material. Como exemplo disso observa-se o que Thompson (1987) descreve a respeito da influência e da atração que a profetisa Joanna Southcott, filha de um fazendeiro no Sudoeste da Inglaterra, exerceu naquele país no início do século XIX. Grande parte das suas profecias continham um teor apocalíptico, e as palavras como *terror* podiam ser identificadas também com o expansionismo e guerras napoleônicas que ocorriam em toda a Europa. Dentre as muitas profecias de Joanna Southcott, destacou-se a que separava os escolhidos dos perdidos:

A Terra será ocupada pela Minha Bondade, diz o Senhor, através de Joanna, “e o inferno será preenchido pelo meu Terror. [...] minha fúria irromperá, e meu amor misericordioso salvará aqueles que agora vêm até MIM.” Desperta, desperta, oh Sião! Enverga tuas mais belas vestes, oh Jerusalém, pois o dia do SENHOR está próximo... Eu Subjugarei o orgulho do Arrogante, e exaltarei o Espírito do Humilde. (THOMPSON, 1987, p. 268)

Do outro lado do Atlântico, em Low Hampton, Nova York, um fazendeiro, Guilherme Miller (Figura 3), o mais velho de 16 filhos, mobilizou na América, no mesmo período, um grande movimento interdenominacional que anunciava o fim do mundo e a breve volta de Cristo à Terra entre 1843 e 1844.

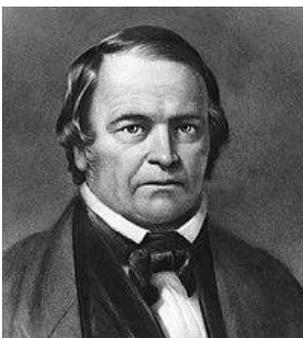


FIGURA 3. Guilherme Miller

Guilherme Miller cresceu em um lar religioso; durante a sua infância, ajudava no trabalho da fazenda da família, dispondo, assim, de pouco tempo para seus estudos escolares. Com muito esforço, tornou-se um autodidata que sempre tinha muita sede pelo conhecimento. Era muito comum que ele obtivesse livros emprestados e ficasse lendo até altas horas da noite, apesar da oposição do seu pai. Após seu casamento com Lucy Smith, em 1803, Miller mudou-se para Poultney, Vermont, onde havia uma biblioteca pública com livro variados, tornando-se a sua segunda casa. Nesse novo ambiente, pôde ampliar ainda mais seus conhecimentos por meio de novas leituras. *“Eles puseram na minha mão, escreveu Miller, as obras de Voltaire, Hume, Paine, Ethan Allen e outros escritores deístas”* (KNIGHT, 2015, p. 27). A partir de então, Miller aproximou-se do deísmo e, concomitantemente, distanciou-se da Bíblia, vista agora como um livro cheio de incoerências e contradições. Frequentemente ele tinha por costume debochar do seu avô Phelps e do seu tio Elihu Miller, ambos da Igreja Batista, por causa de suas convicções religiosas. Contudo, Guilherme Miller tinha uma vida marcada pela retidão de princípios e era um cidadão muito comprometido com seus deveres na comunidade local. Além disso, era um homem de princípios elevados, imparcial e justo, envolveu-se com a política, uniu-se aos maçons e tornou-se um democrata convicto e atuante em sua comunidade. Como relata Knight (2015, p. 18),

Miller foi deísta por 12 anos. Durante esse período, tornou-se membro da maçonaria (alcançando o grau mais alto disponível), um ativo democrata na comunidade local. Ocupou os cargos de chefe de polícia, xerife e juiz de paz. Além dessas realizações, ele também possuía uma fazenda relativamente próspera. Resumindo, em 1812, Guilherme Miller havia se tornado um dos cidadãos mais destacados de sua comunidade.

Em 1812, estourou a guerra entre os Estados Unidos e a Inglaterra, uma espécie de segunda guerra da independência da jovem nação norte-americana, durante o governo de James Madison (1809-1817). A batalha contra a poderosa Grã-Bretanha foi imprescindível para marcar o lugar dos Estados Unidos no mundo e fortalecer o nacionalismo da jovem nação. Guilherme Miller apresentou-se como voluntário para defender a sua nação. Nessa ocasião, outros 47 homens se dispuseram a lutar pelos Estados Unidos na guerra, desde que estivessem sob o comando de Guilherme Miller. A guerra de 1812 colocou frente a frente o forte exército britânico, de um lado, e um exército composto de milicianos dos Estados Unidos, de outro. A guerra contribuiu para mudar muitas concepções e atitudes de Guilherme Miller, como explica Collins (2007, p. 14-15):

Como capitão do exército dos Estados Unidos, Guilherme estava na Batalha de Plattsburg quando uma bomba explodiu a menos de um metro dele e de três homens. Os outros sofreram, mas Miller escapou ileso. Naquele notável momento, com a batalha ainda sendo travada, ele não teve tempo para filosofar. Não conseguia esquecer o incidente com a bala de canhão, e por fim entendeu que o Deus do céu o havia protegido.

A partir desse episódio e da própria vitória dos Estados Unidos na guerra, Miller compreendeu que a intervenção divina na história era algo muito evidente, por isso, começou a abandonar seu ceticismo após ser testemunha ocular de um milagre que lhe tinha ocorrido ao ser preservada sua própria vida. Thompson (1987, p. 245) apresenta um relato semelhante ao descrever o processo de conversão de um marinheiro, chamado Joshua Marsden, que havia outrora passado por uma experiência dramática, o que o levou a refletir sobre a hora da sua morte:

Um naufrágio deixou-o “trêmulo de horror, à beira do terrível abismo das águas... os fantasmas de seu passado surgiram diante dele, numa procissão de espectros macabros”. Uma grave enfermidade “conduziu-o diversas vezes, choroso e atormentado, ao trono da graça”, que “dissipou e eliminou seus desejos sensuais”, e lhe “mostrou os horrores da morte daqueles que não têm fé em Cristo”. Convidado por um amigo para assistir a um encontro de classe metodista, “seu coração transformou-se no de um menino. [...] as lágrimas escorreram por sua face, como um regato.

Após a guerra de 1812, Guilherme Miller mudou-se para Low Hampton a fim de ficar perto da sua mãe, tendo em vista a morte de seu pai e de uma de suas irmãs, em dezembro de 1812, em um intervalo de três dias. De vez em quando, ele frequentava a Igreja Batista, embora ainda guardasse alguns questionamentos em seu coração. Certa vez, em 1816, foi convidado a ler um sermão - *A importância dos deveres paternos* - escrito por Alexander Proudfit. Ao começar a lê-lo, Miller caiu em lágrimas ao notar as incoerências da sua própria vida e não conseguiu, assim, dar continuidade à leitura. A partir de então, começou a estudar profundamente as escrituras valendo-se de uma Bíblia e de uma *Concordância de Cruden*. Segundo suas próprias palavras, “as escrituras tornaram-se meu deleite, e em Jesus encontrei um amigo” (COLLINS, 2007, p. 17). Durante os dois anos seguintes, entre 1816 e 1818, Miller estudou as escrituras metodicamente, quando se deparou com uma passagem bíblica que mudou para sempre a sua história e a história de uma religião. Collins (207, p. 18) relata esse episódio:

Foi durante essa época que Miller descobriu a profecia dos 2.300 dias de Daniel 8:14: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado”. Enquanto estudava, ponderava e permitia que o Espírito Santo o guiasse e chegou à conclusão de que a Terra era o Santuário a ser purificado por fogo quando Cristo voltasse.

Por dois anos, Miller aprofundou seus estudos sobre a profecia das 2.300 tardes e manhãs com auxílio da Bíblia, da Concordância de Cruden e de outros textos. Ele chegou à conclusão de que as 2.300 tardes e manhãs correspondiam na verdade a 2.300 anos, e cada dia profético corresponderia a um ano, tal como estava escrito em Ezequiel 4:6 e 7: “Quando tiveres cumprido estes, tornar-te-ás a deitar sobre o teu lado direito, e levarás a maldade da casa de Judá quarenta Dias; um dia te dei para cada ano [...]”. O capítulo 9 de Daniel constitui uma explicação do capítulo 8:14 e dá os marcos para datar o longo período dos 2.300 dias/anos:

Setenta semanas estão determinadas sobre teu povo, e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, e dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos. Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até o Ungido, o Príncipe, sete semanas, e sessenta e duas semanas. As praças e as tranqueiras se reedificarão, mas em tempos angustiosos. Depois das sessenta e duas semanas será cortado o Ungido, e não será mais, e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário. O seu fim será como uma inundação: Até o fim haverá guerra e estão determinadas desolações. Ele confirmará uma aliança com muitos por uma semana, mas na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais. E sobre a asa das abominações virá o assolador, até a destruição determinada, a qual será derramada sobre o assolador. (DANIEL 9: 24-27)

Guilherme Miller chegou à conclusão de que a ordem dada para restaurar Jerusalém ocorreu no ano de 457 a. C., sétimo ano do reinado de Artaxerxes (de 465 a.C. a 424 a.C.), rei da Pérsia, de acordo com Esdras (7:7-8):

Também subiram a Jerusalém alguns dos filhos de Israel, dos sacerdotes, dos levitas dos cantores, dos porteiros e dos servidores do templo, no sétimo ano do rei Artaxerxes. No quinto mês Esdras chegou a Jerusalém, no sétimo ano deste rei.

Miller compreendeu que a profecia das 2.300 tardes e manhãs descrevia a restauração de Jerusalém, o ministério, a morte e o segundo advento de Cristo à Terra. Maxwell (1982, p. 09) relata:

Em 1818, após dois anos de inarredável concentração ele chegou à impressionante conclusão de que Cristo retornaria “por volta do ano de 1843”, 2300 anos após 457 AC, e que “em cerca de vinte e cinco anos... todas as atividades do nosso estado presente serão encerradas”.

Os dois gráficos seguintes são fundamentais para um melhor entendimento daquilo que Miller estava trazendo à tona. Vale acrescentar também que ele não foi o único a lançar luzes sobre essa profecia das 2.300 tardes e manhãs, conforme acena Knight (2015, p. 16):

Leroy Froom documentou o fato de que, entre 1800 e 1847, mais de 65 pessoas em quatro continentes predisseram que a profecia dos 2.300 dias/anos se cumpriria em algum momento entre 1843 e 1847. Embora houvesse consenso sobre o tempo do cumprimento da profecia, havia também opiniões diferentes quanto ao evento que ocorreria em sua conclusão.

As Figuras 4 e 5 mostram os marcos da profecia das 2.300 tardes e manhãs; na Figura 5 há detalhes de cada um desses marcos, em harmonia com a explicação do capítulo 9 de Daniel, citado anteriormente. Desse longo período de 2.300 anos que se iniciou em 457 a. C. com o decreto de Artaxerxes, nota-se que os primeiros 490 anos (70 semanas X 7 dias cada semana) da profecia referiam-se a acontecimentos sobre o povo israelense: restauração de Jerusalém, batismo, ministério e morte de Jesus e, finalmente, a rejeição de Israel como nação no outono do ano 34 d. C., com o apedrejamento e morte de Estêvão.



FIGURA 4. Profecia dos 2.300 dias/anos

Fonte: leandroquadros.com.br

Tudo isso se cumpriu com exatidão, colocando uma espécie de selo na profecia, isto é, ela seria verídica. O próprio Jesus instruiu seus apóstolos, durante seu ministério, que esses deveriam pregar “às ovelhas desgarradas de Israel” (MATEUS 10:6), e quando o apóstolo Pedro perguntou até quantas vezes se deve perdoar o irmão que pecou contra ele, se era até

sete vezes, Jesus lhe respondeu: “Não te digo sete vezes, mas até *setenta vezes sete*” (MATEUS 18:21-22).

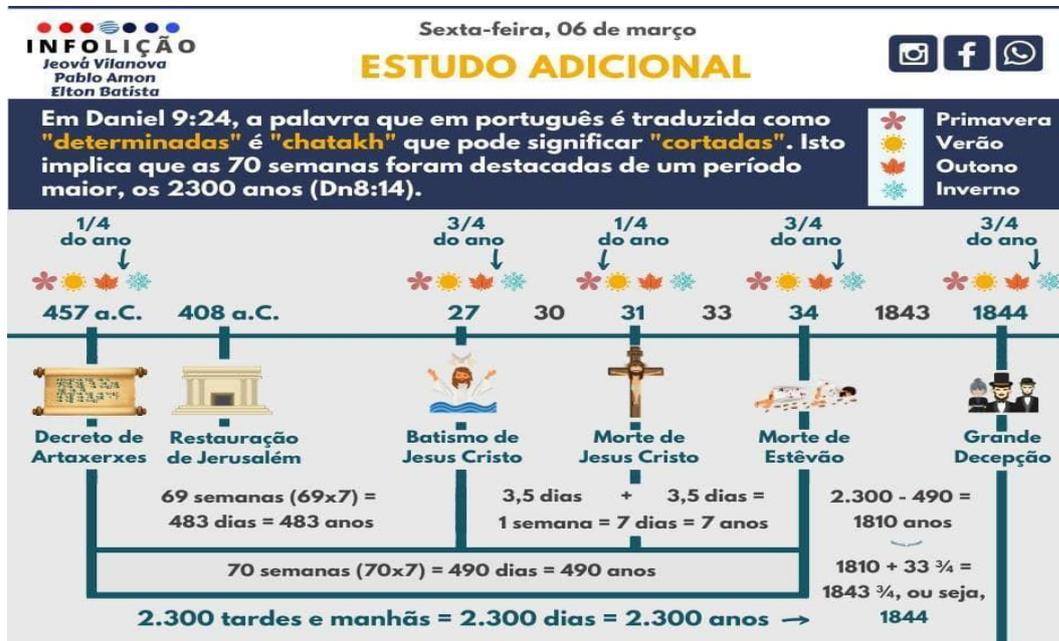


FIGURA 5. Profecia dos 2.300 dias/anos

Fonte: Elton Batista e outros.

Na época que Guilherme Miller compreendeu essa profecia, no imaginário popular, acreditava-se que haveria primeiro os mil anos de paz e progresso no mundo antes do retorno de Cristo. Miller aprofundou seus estudos e manteve-se convicto do que havia descoberto: ao final dos 2.300 anos, Jesus voltaria à Terra. Conforme foi ressaltado, muitos outros estudiosos também analisaram a profecia dos 2.300 dias/anos, embora tenha sido Miller aquele que singularmente apontou seu desfecho, isto é, a volta de Cristo. Dentre esses muitos estudiosos, merece destaque as análises feitas por um dos maiores físicos de todos os tempos: *Sir. Isaac Newton*. O pai da lei da gravitação universal e de outras leis da física era, também, um atento estudioso das profecias bíblicas, o que resultou na escrita de *Observations upon the prophecies of Daniel, and the Apocalypse of St. John. By Isaac Newton (1733)* (Observações sobre as profecias de Daniel e o Apocalipse de São João por Isaac Newton). Isaac Newton estudou e deu destaque para a primeira parte da profecia das 2.300 tardes e manhãs, de Daniel 8:14:

Setenta semanas foram decretadas sobre o teu povo e a tua cidade, a fim de que a prevaricação se consuma, etc." Aqui, substituindo uma semana por

sete anos, obtemos um período de 490 anos, desde o tempo em que os Judeus dispersos deveriam ser reincorporados (Vide Isaías 23:13) em um povo e uma cidade santa, até a morte e a ressurreição de Cristo; pelo que (ou: quando então) a prevaricação seria (ou estaria) consumada, o pecado teria o seu fim, a iniquidade apagar-se-ia, a justiça eterna seria trazida e esta visão seria cumprida e morto o Profeta, aquele mesmo Profeta que os Judeus esperavam; por isso seria ungido o Santo dos Santos, o mesmo que também é chamado o Ungido, isto é, o Messias ou o Cristo. Assim, ligando a visão à expiação dos pecados, os 490 anos terminaram com a morte e ressurreição do Cristo. (NEWTON, 2011, p. 115)

Nota-se que Isaac Newton também utilizou a regra da conversão de 1 dia = 1 ano para o entendimento profético. Além disso, ele aponta os mesmos marcos do período profético das 70 semanas ou 490 anos e que constitui a primeira parte dos 2.300 dias/anos. “Entretanto, os Judeus dispersos tornaram-se um povo e uma cidade quando pela primeira vez se constituíram num corpo político, o que se deu no *sétimo ano de Artaxerxes*” (NEWTON, 2011, p. 116, grifo nosso). Seguindo esse raciocínio, Isaac Newton compreendeu os eventos marcantes da história de Israel e, de certa forma, lançou as luzes para a compreensão do desfecho final da profecia, assim como entendeu Guilherme Miller mais de um século depois:

Contando-se desta data até a morte do Cristo, acham-se exatamente 490 anos! [...] A primeira parte da Profecia refere-se à primeira vinda do Cristo, sendo datada para sua vinda como um Profeta; a data da sua vinda para ser Príncipe ou Rei parece referir-se à sua segunda vinda. (NEWTON, 2011, p. 116-117)

Entre 1818 e 1823, Guilherme Miller mergulhou a fundo na sua descoberta e passou a analisar as interrogações que ainda pairavam sobre sua cabeça, concernentes à iminente volta de Jesus. Mediante investigações profundas da Bíblia, essas interrogações foram desaparecendo e, conseqüentemente, Miller passou a se sentir seguro das suas crenças. Entretanto, ainda não estava convicto o bastante para pregar e ensinar essas novas verdades ao grande público. Até 1831, Miller resistiu à ideia de divulgar sua nova descoberta e de dar a advertência ao mundo, apesar de sentir um dever de consciência, com uma frase sempre martelando em sua cabeça: “vá e conte ao mundo essas coisas”. Após cerca de 13 anos, entre 1818 e 1831, em que ficou postergando em ensinar e pregar aquilo que havia descoberto, Miller decidiu que, se recebesse algum convite para levar a mensagem ao mundo, iria assim fazê-lo. Em menos de uma hora, eis que aparece na porta de sua casa seu sobrinho Irving:

– Meu sobrinho Irving!
– exclamou Miller.

- O que você está fazendo a vinte e cinco quilômetros de casa, tão cedo de manhã?
- Tio Guilherme, eu saí antes do desjejum para dizer-lhe que nosso pastor na igreja batista de Dresden não poderá dirigir a palavra no culto de amanhã. Papai mandou que eu viesse fazer-lhe um apelo. Ele deseja que venha e nos fale sobre as coisas que tem estudado na Bíblia. A respeito da segunda vinda de Cristo, o senhor sabe. Aceita? (MAXWELL, 1982, p. 10)

A partir de então, Miller passou a pregar sobre a breve volta de Jesus. Ele recebeu convites das mais diferentes denominações religiosas; até o final da sua vida, acredita-se que tenha pregado em pelo menos 500 cidades. “Logo de começo Miller recebeu mais convites do que poderia atender. Congregacionais, metodistas, batistas, presbiterianos concorriam entre si para atraí-lo de sua fazenda para seus púlpitos” (MAXWELL, 1982, p. 12). Sua mensagem sobre o fim do mundo e a breve volta de Jesus alcançou uma imensa multidão e tornou-se popular em um contexto de graves crises econômicas e existenciais, como a grande depressão de 1837. Em pouco tempo, o movimento *Milerita* incorporou vários colaboradores que ajudaram a propagar o entendimento profético das 2.300 tardes e manhãs. Schwarz e Greenlef (2009, p. 51-52) declaram:

Tão grande era o desejo do povo das grandes cidades de ouvir os conferencistas do advento, que auditórios de tamanho suficiente para acomodar as multidões não podiam ser encontrados. Os crentes de Boston remediaram essa situação construindo um grande, mas barato, tabernáculo em uma localização central. Depois de alugar um local pelo tempo mais curto possível, eles rapidamente construíram um imenso auditório capaz de reunir 3.500 pessoas assentadas.

A presença de Guilherme Miller nas grandes cidades para pregar sobre a breve volta de Jesus só foi possível graças a esses colaboradores, com destaque para Josué V. Himes. Himes, apelidado de “o Napoleão da imprensa” (KNIGHT, 2015, p. 71), que atuou principalmente na obra de publicações a partir das palestras realizadas por Miller. Himes lançou, em 1840, um jornal denominado *The signs of the times* (Os sinais do tempo), para publicar as opiniões de Miller e difundir o “advento iminente”. “O jovem pastor estava alinhado às inovações da tecnologia de comunicação. As publicações em massa e a distribuição de materiais para leitura eram novidades recentes nas décadas de 1830 e 1840.” (KNIGHT, 2015, p. 71).

A propagação da mensagem de Guilherme Miller nos Estados Unidos acompanhou o mesmo processo histórico de ocupação do território da jovem nação americana. Do Estado de Nova York, a mensagem adentrou ao restante da costa Atlântica Leste até chegar ao Sul do

país. Os problemas vividos nos Estados Unidos na primeira metade do século XIX foram sentidos pelos portadores do *Milerismo*, por exemplo, a questão da escravidão negra nas *plantations* sulistas, em contraste com o trabalho assalariado no Norte do país, o que levou Abraham Lincoln, em sua campanha presidencial de 1860, a denominar o país de “casa dividida”, profeticamente antevendo a Guerra Civil (1861-1865). “Muitas pessoas de cor receberam a doutrina [...] As pessoas de cor, portanto, terão uma congregação na qual a doutrina do advento será proclamada por completo” (KNIGHT, 2015, p. 79). Desse modo, Guilherme Miller e seus fiéis colaboradores, em sua grande maioria a favor do abolicionismo, estavam também dispostos a levar a mensagem da iminente volta de Jesus para os homens negros do Sul. Schwarz e Greenlef (2009, p. 51-52) narram:

Nessa época, houve também interesse em tomar uma iniciativa especial para advertir os negros americanos quanto ao vindouro advento. O ministro negro milerita John W. Lewis estava ansioso para dedicar tempo integral a essa obra. Houve, porém, um problema muito prático: a maioria dos negros americanos viviam como escravos nos estados do sul e as convicções abolicionistas da maioria dos conferencistas mileritas os tornaram personae non grata [pessoas não bem-vindas ou inaceitáveis] no sul. Quando, em maio, Storrs tentou apresentar conferências em Norfolk, Virgínia, ele foi agredido e forçado a deixar o local.

Percebe-se que outras causas compuseram o movimento *Milerita*, ainda que essas não fossem a bandeira principal. Todo o progresso e os problemas que permeavam a sociedade norte-americana não foram ignorados pelos protagonistas da mensagem profética. Além da questão da escravidão negra e do crescente abolicionismo, destaca-se a participação feminina nos vários movimentos ocorridos no século XIX. Knight (2015, p. 110) ressalta:

Mulheres palestrantes parecem ter desempenhado uma função mais preeminente do que os negros no milerismo. Não apenas o movimento dos direitos da mulher estava ganhando um impulso importante com a participação feminina no abolicionismo, mas igualmente o restauracionismo e o Segundo Grande Avivamento também estavam dando a elas novas oportunidades.

Guilherme Miller e seus colaboradores intensificaram a pregação da mensagem da breve volta de Cristo à Terra. De acordo com a interpretação inicial da profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel (8:14), Cristo voltaria entre a primavera de 1843 e a primavera de 1844, seguindo o calendário judaico de contagem de tempo. A esse respeito, Maxwell (1982, p. 24) destaca:

Miller compreendia que o ano bíblico de 457 AC. começara na primavera, ou mais especificamente, em 21 de março de 457 e que, portanto, o ano dois mil e trezentos subseqüente começaria na primavera de 1843 e terminaria na primavera de 1844. Assim, ele anunciou no Tribune que estabelecia o tempo não além de alguma ocasião entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844.

É importante ressaltar a questão do caráter *interdenominacional* do movimento *Milerita*, não sendo algo exclusivo de uma Igreja especificamente. Por isso mesmo, o referido movimento teve ampla aceitação entre as diversas religiões protestantes nos Estados Unidos e as portas dessas encontravam-se abertas para Miller e seus colaboradores. Assim, as pregações sobre a breve volta de Jesus à Terra tiveram grande aceitabilidade nessas Igrejas. Acrescenta-se a isso o fato da própria composição eclética do movimento *Milerita*:

Mas ninguém sabe quantos cooperadores havia! Estimativas contemporâneas variam de 700 a 2.000. De 174 ministros evangélicos conhecidos, cerca da metade era constituída por metodistas, um quarto por batistas e o restante incluía congregacionais, cristãos, presbiterianos, episcopais, luteranos, reformados holandeses, quacres e vários outros. (MAXWELL, 1982, p. 16)

A mensagem de Miller, conforme já mencionado, ocorreu em um momento de enorme estresse social, ansiedades e depressão econômica pós-crise de 1837. Nem mesmo o primeiro desapontamento com as predições de Miller abalaram a fé dos sujeitos que receberam a mensagem. Passou-se o 21 de março de 1844 e Jesus não voltou. Miller, seus colaboradores e seguidores recorreram a um profundo estudo da Bíblia para verificarem possíveis equívocos na interpretação da profecia das 2.300 tardes e manhãs. Um desses colaboradores apresentou, naquele momento, uma nova luz para a elucidação do cumprimento profético. Samuel Sheffield Snow frisou que os 2.300 anos não poderiam ter começado na primavera de 457 a. C. e terminado na primavera de 1844, visto que a “saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém” (DANIEL 9:25) não teria alcançado Jerusalém até o quinto mês do ano, de acordo com Esdras (7:8), como mencionam Schwarz e Greenlef (2009, p. 58):

Um estudo intensivo do tabernáculo mosaico e das festividades típicas judaicas o convenceram de que Cristo voltaria por ocasião do dia judaico da expiação, no sétimo mês do ano. Isso seria no outono em vez da primavera de 1844. [...] Ao avançar o ano de 1844, Snow tornou-se muito dinâmico em promover o “décimo dia do sétimo mês”. Pelo cálculo caraíta, esse dia viria em 22 de outubro.

O décimo dia do sétimo mês (*tishrei* – setembro/outubro) do calendário judaico é o chamado *dia da expiação*, ou dia do Juízo, em que havia uma convocação para todo povo de Israel e o Sumo Sacerdote entrava no lugar Santíssimo, ou Santo dos Santos, do Tabernáculo para a purificação dos pecados. Logo após essa cerimônia, o Sumo Sacerdote saía do lugar Santíssimo e abençoava o povo de Israel. Samuel S. Snow concluiu, então, que 22 de outubro de 1844, de acordo com o calendário da seita judaica dos *Caraitas*, seria o dia da expiação naquele ano e, em cumprimento a profecia das 2.300 tardes e manhãs, Jesus, como Sumo Sacerdote, retornaria à Terra para a purificação. Essa nova luz fortaleceu enormemente o movimento *milerita* e potencializou ainda mais a propagação da mensagem da breve volta de Jesus em 22 de outubro de 1844, seja pelas pregações dos líderes, seja pelas publicações dessas verdades. De acordo com Schwarz e Greenlef (2009, p. 44),

Nos meses seguintes, crescendo o número de ministros e outros conferencistas que levaram a mensagem do advento a novas regiões, tornou-se habitual o lançamento de jornais para difundir a causa. Muitos deles duraram apenas algumas semanas ou meses, mas dentre os mais importantes estavam *The voice of truth* (A voz da verdade) de Rochester, *The western 56idnight cry* (O clamor da meia noite do ocidente) de Cincinnati, o *Trumpet of alarm* (A trombeta de alerta) de Filadélfia, e o *Voice of Elijah* (A voz de Elias) de Montreal.

A sede pelas boas novas da breve volta de Jesus atraiu multidões, o que tornava os espaços pequenos para receber tanta gente. As palestras, desde o início do movimento *milerita*, contribuíram para o reavivamento e a conversão de muitas pessoas que queriam estar preparadas para o grande evento. A jovem nação norte-americana foi sacudida por essa mensagem e seus mensageiros:

Em 20 de fevereiro de 1844, Miller, Himes e Litch chegaram à capital do país para uma importante campanha. Depois de menos de uma semana de conferências em uma igreja batista, as multidões que desejavam ouvir esses conferencistas do advento se tornaram tão grandes que as reuniões foram transferidas para o Apollo Hall, não muito distante da Casa Branca. (SCHWARZ; GREENLEF, 2009, p. 56)

A intensidade com que se propagou o movimento *milerita* foi também favorecida pelo liberalismo e liberdade religiosa presente nos Estados Unidos desde sua tenra idade. Guilherme Miller e seus colaboradores não mediram esforços para levar a mensagem de advertência ao máximo de pessoas possível, o que exigiu muito trabalho. Carlos Fitch, ministro congregacional que aderiu ao *milerismo*, batizou, em outubro de 1844, em um dia de

inverno, três grupos de pessoas que haviam se convertido à mensagem do cumprimento profético. Em consequência disso, ele adoeceu e morreu no dia 14 de outubro, apenas oito dias antes da volta de Jesus (MAXWELL, 1982, p. 34). A Sr.a Fitch e seus filhos aguardavam a volta de Jesus e o encontro com Carlos Fitch ressuscitado. Assim como a família de Carlos Fitch, outros milhares também aguardavam ansiosos pelo grande evento, como indica Knight (2015, p. 197):

O número de pessoas que aguardavam essa vitória é impossível de calcular de forma precisa. O informe *The Proceedings of the American Antiquarian Society* citou entre 150 e 200 mil. [...] Whitney Cross estimou que, além dos crentes regulares, “um milhão de pessoas, ou mais, estavam ceticamente aguardando o evento.

Diante da aproximação do grande evento, os seguidores do movimento *milerita* simplesmente abdicaram de suas ocupações materiais e terrenas. Por que iriam ficar preocupados e ocupados com coisas que em breve deixariam de existir com o fim do mundo e a volta de Jesus em 22 de outubro de 1844? Conforme declaram Schwarz e Greenlef (2009, p. 59),

As palavras não conseguem captar a urgência das atividades em que se empenharam os crentes do advento nas semanas que precederam 22 de outubro. Colheitas foram deixadas por recolher; batatas não escavadas; lojas foram fechadas; operários demitiram-se de suas funções. Nada era importante exceto o fato de que Cristo viria em alguns dias. Pessoas precisavam serem advertidas; pecados deviam ser confessados, dívidas compensadas, ofensas reparadas. Os tabernáculos mileritas e os locais de reuniões abrigavam serviços religiosos quase contínuos.

Assim como o movimento *milerita* foi caracterizado pelo seu ecletismo religioso, também foi eclética a sua composição profissional e ocupacional. A mensagem de Guilherme Miller alcançou iletrados e intelectuais nos Estados Unidos. Todos esses novos conversos mergulharam de corpo e alma no movimento a fim de estarem preparados para o grande dia. Maxwell (1982, p. 31-32) comenta que

[...] os comerciantes adventistas fecharam seus estabelecimentos; mecânicos trancaram suas oficinas; empregados desistiram de seus empregos. Em campais, dezenas confessavam suas faltas e uniam-se em orações [...]. No campo, alguns fazendeiros abandonam suas plantações para demonstrar sua fé. As batatas permanecem na Terra, as maçãs apodrecem nos pomares, o feno cai pelos campos. Nas cidades as pessoas – muitos professores, vários juizes de paz, até um magistrado de Norfolk – renunciam a seus postos. Em

Filadélfia um alfaiate na Rua Cinco fecha sua oficina “em homenagem ao Rei dos reis que aparecerá no dia vinte e dois de outubro” Uma grande instituição comercial no Brooklin despensa seus empregados. Metodistas, congregacionais, presbiterianos apressam-se às águas batismais. Impressoras a vapor operam dia e noite produzindo o *Midnight Cry* e outras publicações. Centenas de milhares de exemplares são publicados em Nova Iorque e Boston nas últimas três semanas. Além de outros milhares em Rochester, Topsham, Filadelfia, Lancaster, Utica, Cleveland, Cincinnati, Detroit e Toronto.

Finalmente chegou o dia 22 de outubro de 1844. Grupos mileristas aguardavam em seus lares ou templos religiosos as últimas horas da história humana na Terra. Naquela manhã de terça-feira, o sol surgiu brilhante no oriente como se estivesse dando as boas-vindas para a volta de Jesus. Contudo, o dia passou e com ele todas as esperanças. Alguma coisa deu errado e agora eles estavam sem chão, muitos sem casas, sem empregos e teriam que enfrentar todo tipo de deboches. Collins (2007, p. 32) relata que

A sra. Fitch não sabia responder para seus filhos “porque papai não veio?” Hiram Edson, outro líder milerita, teria dito: “entardeceu, o sol desapareceu por trás das montanhas e as esperanças deles começaram a desaparecer. Bravamente vigiaram até a meia noite. O relógio de parede marcou doze horas e o dia se foi e, com ele, suas esperanças do retorno de Jesus.

O próprio Hiram Edson expressou o sentimento dele após 22 de outubro de 1844, dia que entrou para a história do *adventismo* como o “grande desapontamento”:

Nossas mais acariciadas esperanças e expectativas foram destruídas”, lembrou Hiram Edson, “e tal espírito de lamento veio sobre nós como eu nunca experimentei antes. Parecia que a perda de todos os amigos terrestres não teria tido nem comparação. Choramos, e choramos, até que o dia raiou. (SCHWARZ; GREENLEF, 2009, p. 60)

Vale salientar que o movimento *milerita* alcançou uma enorme popularidade e aceitação por parte dos sujeitos em uma sociedade marcada por intensos movimentos e crises sociais. A mensagem *milerita* soava como uma libertação e uma recompensa para todas as angústias latentes na sociedade norte-americana. Nos momentos de crises, as religiosidades encontram campo fértil para a propagação de suas crenças. A competitividade capitalista na jovem América nortista abandonou muita gente na busca do sonho americano protagonizado na Marcha para o Oeste. Acrescentam-se a isso as tensões sociais no mundo do trabalho e as rivalidades acirradas entre as sociedades nortista e sulista. A expansão horizontal dos Estados Unidos não contemplou todos os sujeitos. Nesse sentido, o movimento *milerita* apresentava

uma expansão vertical, a salvação celestial com a volta de Jesus, e ninguém seria abandonado; bastava aceitar a mensagem do advento. “Portanto, a mensagem de Miller falava àqueles tempos. Provavelmente, não foi por acidente que o entusiasmo por sua mensagem desse um passo gigante entre 1838 e 1839.” (DOUGLAS, 2003, p. 134).

Todo adventista tem o entendimento do que aconteceu naquele dia. O *desapontamento* deixou marcas indeléveis para o povo do advento e, paradoxalmente, constituiu-se na certidão de nascimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nesse sentido, 22 de outubro de 1844 está para a história do *adventismo*, assim como 04 de julho de 1776 e 14 de julho de 1789 estão, respectivamente, para a história dos Estados Unidos e da França. Assim, faz-se necessário aprofundar um pouco mais sobre como ocorreu a organização da Igreja no contexto do desenvolvimento do capitalismo norte-americano e em meio às transformações socioeconômicas do século XIX.

2.2 INSERÇÃO E READAPTAÇÃO DO ADVENTISMO A CULTURA CAPITALISTA OITOCENTISTA

O movimento *milerita* e a posterior organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia ocorreram, como já foi dito, em meio a um contexto marcado por profundas transformações políticas, sociais e econômicas nos Estados Unidos durante o século XIX, como a expansão territorial para o Oeste, a Guerra de Secessão, a industrialização acelerada, o abolicionismo, os movimentos operários e feministas, entre outros fatos. Nesse sentido, os sujeitos do movimento *milerita* e do *adventismo* tiveram que se readaptar a essas novas realidades, o que lhes exigiu doses substanciais de resiliência. Após o desapontamento de 22 de outubro de 1844, a maioria dos *mileritas* encontrava-se totalmente desajustada à sociedade; muitos não tinham mais casas ou empregos e sofriam toda sorte de escárnios por causa de suas crenças nos acontecimentos proféticos que haviam falhado. Após 1844, o grupo *milerita* dividiu-se em três:

- 1 – aqueles que continuavam a crer que a volta de Jesus era iminente e que seu erro consistiria na fixação de uma data errada, este grupo incluía os principais líderes mileritas (Miller, Bliss, Hale e Himes);
- 2 – aqueles que criam que na realidade Jesus tinha vindo, mas não como um acontecimento físico; a experiência espiritual por que os crentes passaram se tornou para eles a “segunda vinda”, e assim foram rotulados de “espiritualizadores”;
- 3 –

aqueles que acreditavam que a data estava correta, mas que o acontecimento ocorreria no Céu assinalando o início da ministração sumo sacerdotal de Cristo no “lugar santíssimo, dos quais surgiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia. (KNIGHT, 2015, p. 21)

O terceiro grupo era o menos numeroso e, ao final, tornou-se o maior e mais importante herdeiro do *milerismo*. Faziam parte desse grupo nomes como José Bates, Thiago White e Ellen G. White, essa última considerada a profetisa ou mensageira da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O grupo dedicou-se a buscar na Bíblia explicações para compreender o que teria acontecido em 1844 em cumprimento à profecia de Daniel sobre os 2.300 dias/anos. Hiram Edson, um líder milerita, em 23 de outubro de 1844, decidiu visitar algumas pessoas para encorajá-las após o grande desapontamento. Ao atravessar um milharal, ele foi surpreendido por uma visão:

Detive-me em meio ao campo. O céu parecia abrir-se-me à vista e vi distinta e claramente que em lugar de nosso Sumo Sacerdote sair do lugar Santíssimo do santuário celestial para vir à Terra [em 22 de outubro], [...] ele pela primeira vez entrava nesse dia no segundo compartimento desse santuário; e que Ele tinha uma obra para realizar no Santíssimo antes de vir à Terra. (MAXWELL, 1982, 51)

Hiram Edson expôs essa visão para os demais *mileritas*, que passaram a buscar na Bíblia uma fundamentação para seu presságio. Ao estudarem o livro de Hebreus, especialmente o capítulo 8, chegaram a um consenso de que o Santuário terrestre dos israelitas era uma cópia do Santuário que tem no Céu e que Cristo é o modelo de Sumo Sacerdote. No dia 22 de outubro de 1844, Cristo teria entrado no lugar Santíssimo do Santuário Celestial para fazer o papel do Sumo Sacerdote. A partir dessa data, estaria iniciando um juízo investigativo no céu e, após sua conclusão, é que ocorreria a segunda vinda de Cristo à Terra. A doutrina do Santuário constitui um ponto chave das crenças do *adventismo*.

No século XIX, os Estados Unidos passavam por um rápido processo de consolidação do capitalismo. O capitalismo monopolista ou financeiro, nesse país, foi implementado paralelamente ao incipiente desenvolvimento industrial, em contraste com a Inglaterra, que havia demorado um século (KOLLN, 2018, p. 361). Em solo norte-americano, o capitalismo caracterizou-se pela sua agressividade e acirrada competitividade. A busca pelo lucro crescente encontrava no protestantismo de origem calvinista a sua plena justificação, como lembrou Weber (2004, p. 166):

Nos Estados Unidos, território em que se acha mais à solta porquanto despida de seu sentido metafísico [ou melhor: ético-religioso], a ambição de lucro tende a associar-se a paixões puramente agnósticas que não raro lhe imprimem até mesmo um caráter esportivo.

O movimento *milerita* e o *adventismo* que se seguiu não somente se apropriaram de todo o processo de desenvolvimento do capitalismo, mas também se adaptaram e moldaram ao espírito ou à cultura capitalista. Nas próprias pregações de Guilherme Miller e na propagação do movimento pelo país, percebe-se o envolvimento dos elementos capitalistas na vida dos sujeitos. A rapidez do processo de consolidação do capitalismo harmonizava-se também com a rapidez da mensagem de advertência ao mundo. Assim, nada passava despercebido aos olhares daqueles que tinham uma mensagem urgente a ser transmitida. Maxwell (1982, p. 20) narra uma das viagens de Miller:

Viajando numa embarcação a vapor pelo rio Hudson para atender um compromisso na primavera de 1833, Guilherme Miller ouviu um grupo de homens comentando maravilhadamente os progressos dos anos recentes. Luzes de gás! Máquinas de extrair caroços de algodão! Alimentos enlatados! Fotografias! Colheitadeiras! Trens de vapor! E até mesmo o barco a vapor, deslizante, sussurrante e fumacento em que se encontravam.

Após o desapontamento, a consequente dispersão do grupo *milerita* – muitos retornaram às suas antigas Igrejas – e a divisão em três grupos dos remanescentes de 1844, houve um processo de construção de narrativas por essas pessoas a fim de prevalecer uma narrativa hegemônica. Acrescenta-se a isso uma concorrência eclesiástica em um país marcado pela liberdade religiosa. De certa forma, isso coadunava-se ao próprio espírito do capitalismo fortemente enraizado no solo norte-americano. Em outras palavras, a concorrência religiosa era um reflexo da própria concorrência econômica e oligopolização capitalista marcantes da sociedade. Tais aspectos são ressaltados por Kolln (2018, p. 387):

A valorização do orgulho viril, do espírito competitivo e de certo individualismo se encaixavam bastante bem com as condições econômicas e sociais nas quais se deu a ocupação daquele território. Competirem economicamente os indivíduos uns com os outros não parece ter sido um problema estrutural enquanto razoáveis condições materiais de igualdade se mantiveram em pé.

Foi justamente nesse espaço temporal e geográfico que os líderes remanescentes do movimento *milerita* tiveram que construir seus dogmas e suas estratégias de sobrevivência

como grupo religioso. E eles procuraram não se esquivar de todos os movimentos e questões que afligiam a agitada nação norte-americana. A concorrência religiosa e econômica para o *adventismo* em sua tenra idade exigia aquilo que Smith (1985, p. 68) classificava como o “esforço natural de cada indivíduo no sentido de melhorar sua própria condição”. O *adventismo* percorreu o mesmo caminho e utilizou estratégias semelhantes ao processo de desenvolvimento do capitalismo, que ocorria simultaneamente. Inicialmente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia concentrou seus esforços no Norte dos Estados Unidos, e somente após sua consolidação naquela região é que ela se expandiu para o Sul e para as terras virgens do Oeste americano, como pontuam Schwarz e Greenlef (2009, p. 16):

Até depois da Guerra Civil Americana, a Igreja Adventista do Sétimo Dia era primariamente uma igreja da região norte dos Estados Unidos. Os adventistas começaram nos estados do nordeste e se espalharam em direção do oeste, estabelecendo sua sede em Battle Creek, Michigan. Eles sobreviveram à Guerra Civil abrindo precedentes para o relacionamento de sua igreja com o Estado. Depois desse conflito, os adventistas se aventuraram na direção do sul, um tanto cautelosamente. Para eles, era quase uma missão a um país estrangeiro.

Em um contexto de enormes transformações socioeconômicas e políticas, a Igreja e seus líderes foram instigados a posicionamentos sobre as mais diversas questões. De acordo com Teixeira (2012, p. 36), “no século XIX, a jovem América do Norte também era um caldeirão de polarizações sociais. O mundo social norte-americano dos dias de Ellen White foi marcado por fortes e duradouros conflitos de raça, de nacionalidades e de classes.” (TEIXEIRA, 2012, p. 36).

Ellen G. White, considerada a profetisa ou mensageira do *adventismo*, escreveu cerca de 100 mil páginas sobre as mais variadas temáticas, tais como educação, saúde, família, valores cristãos, teologia, entre outras. Dentre os objetos de atenção dela, destacam-se

ocorrências como: a Guerra Civil Americana, o racismo, o urbanismo, o industrialismo selvagem, a intemperança generalizada, as diversões degradantes, o imoralismo social, o estilo de vida desumano, o utilitarismo pedagógico, as desigualdades sociais, as muitas ideologias dominantes, dentre outras práticas, como a perseguição e a Intolerância religiosa [...]. (TEIXEIRA, 2012, p. 37)

Seus escritos mostravam-se antenados com a ordem capitalista, assim como foi identificada por Max Weber no seio do protestantismo, em um momento histórico em que se valorizavam o tempo e o individualismo em um país alimentado no “Evangelho do Trabalho”

nos anos oitocentos (KOLLN, 2018, p. 10) e, por isso, em questão de salvação, “a falta de vontade de trabalhar é sintoma de estado de graça ausente” (WEBER, 2004, p. 144). A respeito dos escritos da profetisa, Corrêa (2006, p. 98) pontua:

Permeada pela mentalidade capitalista do protestantismo norte-americano e influenciada pelo pietismo, assim também pelos ideais do liberalismo e do pragmatismo, a obra de White denota as influências liberais que recebera de Rousseau (1712-1778), Condorcet (1743-1794) e Horace Mann (1796-1859).

Por ocasião da Guerra de Secessão (1861-1865), por exemplo, os líderes do *adventismo* mostraram-se bastante preocupados sobre o envolvimento de membros da Igreja na guerra e sobre a questão do abolicionismo, cujo debate estava no cerne da Guerra Civil em curso. Qual deveria ser a posição dos Adventistas do Sétimo Dia com relação à guerra e ao conflito da escravidão? No tocante à escravidão, os líderes *militaristas* de um geral opunham-se a tal prática, chegando alguns a auxiliar na organização de uma sociedade antiescravista. Uma das publicações da Igreja, a *Review*, pregava que “a escravidão é salientada na palavra profética como o mais tenebroso e mais condenável pecado sobre a nação” (SCHWARZ; GREENLEF, 2009, p. 117). Essa atitude levou à exclusão das publicações adventistas nos estados escravistas. Com o desenrolar da Guerra Civil e a constante necessidade do recrutamento de mais soldados para os campos de batalhas, houve uma divisão nos posicionamentos dos adventistas, como indicam os autores supracitados:

Três grupos se desenvolveram dentro das fileiras adventistas: alguns falcões de guerra favoreciam vigorosa participação na guerra a fim de acabar com a escravidão; alguns pacifistas mantinham sua disposição de aceitar o martírio ou aprisionamento em vez de participar de qualquer esforço de guerra; um terceiro grupo serviria, mas apenas se poupasse a necessidade de portar armas e matar. (SCHWARZ; GREENLEF, 2009, p. 118)

Prevaleceu, ao final, a tese de que deveria ser apresentada às autoridades governamentais competentes a posição dos Adventistas do Sétimo Dia de serem reconhecidos como não combatentes, ou seja, eles se opunham ao porte de armas ou ao envolvimento na guerra. Essa foi, inclusive, a posição da comissão da Associação Geral da Igreja. Havia uma certa incredulidade com relação aos reais propósitos da guerra em si. Ellen G. White chegou a declarar, em janeiro de 1862, que

milhares têm sido induzidos a se alistar com o entendimento de que essa guerra era para acabar com a escravidão; mas, agora que estão

comprometidos, descubrem que foram enganados, e que o objetivo desta guerra não é abolir a escravidão, mas mantê-la como está. (LOUGHBOROUGH, 2014, p. 288)

Em meio a esse turbilhão de mudanças, o *adventismo* e suas lideranças foram moldando as doutrinas, os ensinamentos, as práticas, a organização e a cultura da nova religião. O ecletismo religioso, na gênese do *adventismo*, contribuiu significativamente para isso. A doutrina do descanso sabático, por exemplo, foi introduzida a partir de uma senhora da Igreja Batista chamada Rachel Oakes, que havia aderido ao movimento *milerita* e, depois do desapontamento, passou a apresentar a sua perspectiva sobre *sábado* para os adventistas de Washington. Rachel Oakes, Ellen White, Ana Smith, entre outras, tiveram importante participação nos primórdios do adventismo em uma época que predominava uma sociedade marcadamente patriarcal. Os escritos de Ellen G. White serviram como uma bússola para a nova Igreja e contribuíram para estimular um espírito de otimismo e de valorização das potencialidades dos sujeitos do *adventismo* em uma sociedade altamente competitiva, o que lhes exigia aquilo que Williams (2011, p. 104-114) denominou de “ética do melhoramento”. Assim, para Ellen G. White (1968, p. 57),

A maior necessidade do mundo é a de homens – homens que não se comprem nem se vendam; homens que no íntimo sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência, seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao polo.

Ao se converter ao *adventismo*, o fiel passa a se identificar com as crenças e valores dessa religiosidade, e isso implica uma mudança de estilo de vida e um compromisso de também propagar a mensagem às pessoas que não fazem parte do mesmo círculo religioso. Nesse sentido, a ideia e a sensação de identidade e de pertencimento são muito marcantes e fazem parte do imaginário dos Adventistas do Sétimo Dia. Essa construção da identidade adventista aproxima-se muito da definição de Hall (2006) sobre “identidades culturais” como características das identidades do “pertencimento” a culturas étnicas, religiosas, linguísticas e raciais, por exemplo. O referido autor argumenta que as realidades atuais da sociedade estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2004, p. 62).

Dessa maneira, ser adventista implica a ideia de aceitar um corpo doutrinário e zelar por ele. O próprio nome - Igreja Adventista do Sétimo Dia - já contempla duas das principais

doutrinas dessa religiosidade. O nome adventista foi escolhido para mostrar a crença fundamental do *advento* iminente de Cristo à Terra. Essa foi a essência do movimento *milerita* de 1844 e constitui uma das doutrinas fundamentais do *adventismo* atual. Contudo, diferentemente do movimento *milerita* da primeira metade do século XIX, o *adventismo*, a partir da sua organização como Igreja, continua pregando sobre a breve volta de Cristo à Terra, mas sem estabelecer uma data específica. O advento pode, desse modo, ocorrer daqui uma semana, um ano, 10 anos, 60 anos, 100 anos etc. Diante disso, cada adventista é orientado a estar preparado “como se Jesus voltasse amanhã, mas trabalhar e tocar seus projetos como se Ele voltasse daqui a 100 anos”. Por conseguinte, “os negócios e trabalhos constantes tornaram-se indispensáveis a vida” (WEBER, 2004, p. 62).

O termo *Sétimo Dia* refere-se ao descanso sabático como dia de santificação e de dedicação à espiritualidade dos membros. A guarda do sábado constitui uma crença peculiar que distingue a religiosidade adventista do catolicismo e das demais religiosidades do cristianismo. Essa santificação do sábado é inegociável do ponto de vista do trabalho, dos estudos e dos afazeres intramundanos. Tal situação contribui para a singularidade do *adventismo* e acarreta ações alternativas dos fiéis, como o trabalho nos domingos e feriados, no sentido de transpor os óbices da exigente economia capitalista, que considera tempo como dinheiro. No próximo capítulo, são apresentados depoimentos de membros adventistas sobre a questão da guarda do sábado e como isso impacta a vida profissional e pessoal de cada um. O empreendedorismo, por exemplo, apresenta-se como uma das mais frequentes alternativas para conciliar os negócios com o repouso sabático. Afinal, sendo dono do próprio negócio, o adventista pode estabelecer os dias do seu trabalho e reservar o sábado para santificação, conforme o mandamento bíblico.

O *adventismo* tem como uma das suas crenças fundamentais o cuidado com a alimentação saudável para se ter uma boa saúde. Existem várias orientações da Igreja por meio dos escritos de Ellen White concernentes à mensagem de saúde ou à reforma de saúde, sendo incorporadas ao corpo doutrinário da Igreja e constituindo-se uma identidade indissociável do imaginário adventista. Isso inclui a crença de que o corpo é um “santuário do Espírito Santo” e, por isso mesmo, uma alimentação inadequada constitui uma profanação desse templo e, por conseguinte, uma transgressão aos ensinamentos da Igreja. Assim, os adventistas são orientados a se absterem de alimentos impuros e a serem temperantes no uso dos alimentos saudáveis. White (2009, p. 127) afirmou que “a reforma da saúde é um dos ramos da grande obra que deve preparar o povo para a vinda do Senhor”. Na obra *A ciência*

do bem viver, White (2010, p. 20-21) esboçou os pilares do estilo de vida dos adventistas: “ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino – eis os verdadeiros remédios”. Os adventistas não fazem uso de bebidas alcoólicas, cigarros e outros entorpecentes. Na alimentação, recomenda-se o uso de muitas frutas, verduras, produtos naturais e a adoção de hábitos de vida saudáveis, como o repouso, os exercícios físicos, o contato com a natureza. Uma boa parte dos adventistas são vegetarianos e outros consomem mais carnes brancas. Tudo isso faz com que o *adventismo* seja também um “estilo de vida”, o que possibilita a criação de um atrativo mercado com potenciais consumidores definidos.

A identidade do *adventismo* está também ligada à crença nos dons proféticos de Ellen White. O *adventismo* surgiu a partir de um entendimento profético desenvolvido por Guilherme Miller e que atraiu milhares de seguidores. Ellen White estava entre aqueles que aguardavam a volta de Jesus em 22 de outubro de 1844, também experimentando o grande “desapontamento”. Aos 17 anos de idade, ela teve uma primeira “visão” e, a partir disso, teria recebido a incumbência de orientar, como profetisa, o *adventismo* pós-desapontamento de 1844. “O ministério de Ellen White e o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia são inseparáveis. Tentar entender um sem o outro tornaria ambos ininteligíveis e inexplicáveis” (DOUGLAS, 2003, p. 182). Nesse sentido, “os adventistas do sétimo dia creem que Ellen G. White foi mais que uma escritora dotada; ela foi designada por Deus para transmitir uma mensagem especial a fim de atrair o mundo às Escrituras e ajudar a preparar um povo para o segundo advento de Cristo” (WHITE, 2003, p. 05). Seus escritos de cerca de 100 mil páginas nas áreas de saúde, de educação, de teologia, da família etc. constituem sólidas orientações para o *adventismo*. Os adventistas seriam o *Remanescente*, outra identidade dessa religiosidade, e, portanto, teriam que proclamar a mensagem sobre a volta de Cristo à Terra.

Em síntese, os Adventistas do Sétimo Dia aceitam a Bíblia como único credo e mantêm 28 crenças fundamentais de acordo com as Escrituras. As quatro crenças mencionadas anteriormente dão lastro e constituem a identidade do adventismo, conforme ressalta Galdino (2015, p. 33):

pode-se dizer, que estes 4 preceitos – crença no retorno de Jesus Cristo, o cuidado com a alimentação saudável, o descanso sabático e a crença no dom profético de Ellen White – formam os pilares doutrinários do Adventismo, que somando-se a ideia de pertencimento a um povo remanescente, compõem aspectos identitários relevantes para a presente pesquisa.

Nota-se uma preocupação na construção do novo homem com a sua nova identidade. E esse novo homem tem deveres espirituais e materiais a serem cumpridos, como bem lembrou Weber (2004, p. 113): “a santificação da vida quase chegava assim a assumir um caráter de administração de empresa”. A esse respeito, nota-se que as práticas religiosas, especificamente o *adventismo*, harmonizavam-se com o espírito do capitalismo na medida em que contribuíam para moldar os caracteres dos homens (proletários e patrões) que esse sistema econômico exigia. Em outras palavras, foi como disse o próprio Montesquieu (1997, p. 136):

[...] como a religião e as leis civis devem tender principalmente a tornar os homens bons cidadãos, vê-se que, quando uma das duas se afasta desse objetivo, a outra deve tender ainda mais para ele: quanto menos a religião for repressora, mais as leis civis devem reprimir.

Durante boa parte do século XIX, a Igreja Adventista do Sétimo Dia era notadamente uma religião norte-americana. Em 1863, ano que foi fundada a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, havia 3.500 membros e não mais que 152 igrejas. Assim, a liderança da Igreja amadureceu a ideia de que deveriam promover a expansão do *adventismo* para outros territórios. Ressalta-se que, no imaginário adventista, está o censo de que cada um dos sujeitos dessa religiosidade deve ser um missionário, ou seja, difundir o adventismo. “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário.” (WHITE, 2009, p. 102). Essa expansão missionária coincidia com a própria propagação do capitalismo norte-americano para outras regiões do globo, evocando mais uma vez a ideia da chamada *missão civilizadora* e antecipando o que viria a ser o *the american way of life* (modelo de vida americano). É nesse sentido que também se nota uma relação intrínseca entre o *adventismo* e o capitalismo, na medida em que essa religião, como já foi dito, surgiu no mesmo contexto da consolidação desse modo de produção e teve que se readaptar e usar estratégias semelhantes para seu projeto religioso.

No ano de 1874, a Assembleia da Associação Geral aprovou o envio de John Nevins Andrews para estabelecer a obra adventista na Europa. Andrews tornou-se, assim, o primeiro missionário que a Igreja enviou para fora dos Estados Unidos. E as credenciais para a aprovação de seu nome foi unanimidade entre os líderes do *adventismo*. “Não é de admirar que Ellen White, ao escrever para a Suíça em 1878, se referisse a ele nos seguintes termos: “Enviamo-vos o homem mais capaz em nossas fileiras!” (MAXWELL, 1982, p. 184). Paralelamente ao avanço missionário da Igreja Adventista ocorreu o desenvolvimento das

obras de saúde e educação. Foram criadas várias escolas primárias e secundárias, e, no ano de 1874, “[...] foi registrada a Sociedade Educacional Adventista do Sétimo Dia, como preparativo para fundar, naquele ano, o *Battle Creek College*, a primeira instituição adventista de ensino superior” (MAXWELL, 1982, p. 184).

A preocupação da Igreja Adventista do Sétimo Dia com a saúde remonta à sua institucionalização, nos anos 1860. Boa parte dos líderes era adepta a hábitos saudáveis e adotou o vegetarianismo como estilo de vida. Logo após a Guerra de Secessão (1861-1865), foi criada a primeira instituição médica em Battle Creek, o *Western Health Reform Institute*. A frente da obra da saúde estava o famoso médico John Harvey Kellog.²

No final do século XIX, a Associação geral dos Adventistas do Sétimo Dia aprovou ações no sentido de expandir a mensagem para a América do Sul. No caso específico do Brasil, tais ações encontraram terreno fértil com a laicização do Estado nos primórdios da República. Durante o Império, a Constituição de 1824 limitava a atuação de religiosidades fora do âmbito do catolicismo apenas ao culto doméstico, uma vez que a Constituição Imperial determinava que a Igreja Romana era a religião oficial do Estado. Por outro lado, a Constituição Republicana de 1891, no parágrafo 3º do Artigo 72, asseverava que: “Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum”. Essa abertura presente no texto constitucional da jovem República harmonizava-se com os novos objetivos da Igreja Adventista e sua cultura missionária, conforme indica Galdino (2015, p. 59):

[...] o Adventismo realizou sua primeira empreitada missionária para fora os Estados Unidos no ano de 1889 a partir da formação da *Comissão de Missões Estrangeira*. Tal comissão tinha como estratégia “acelerar a obra da igreja fora dos Estados Unidos.

Nas terras brasileiras, o *adventismo* disputou espaços com outras denominações religiosas que já tinham desembarcado por aqui. Todas essas religiosidades tinham como característica marcante o chamado “protestantismo de missão”. Tanto no movimento *milerita* de 1844 quanto nos primórdios do *adventismo* no Brasil, verifica-se um ecletismo religioso como elemento marcante. Silva (2014, p. 16-17) faz um resgate desse protestantismo de missão nas terras brasileiras:

² John Harvey Kellog dirigiu o sanatório de Battle Creek e depois divergiu dos líderes do *adventismo* ao liderar um movimento denominado de pan-panteísmo e que levou à sua apostasia à fé adventista. Ficou muito conhecido pela invenção do cereal matinal de milho – **Kellogg’s**.

[...] os grupos protestantes de ação missionária que se inseriram no Brasil foram os metodistas, os congressionais e os presbiterianos. [...] quanto à identidade teológica presbiteriana, a mesma pertence à família das igrejas reformadas que chegaram ao Brasil a partir de 1859. No caso específico da IPB [Igreja Presbiteriana do Brasil.], sua presença é conhecida por meio da ação missionária da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, que por sua vez, foi organizada a partir dos movimentos migratório e missionário vindos da Europa, especialmente, da Genebra.

A expansão do protestantismo de missão ao qual o *adventismo* aderiu inseria-se também na expansão do capitalismo para as terras brasileiras. A vinda dos imigrantes de diversas nacionalidades, a partir da segunda metade do século XIX, serviram como uma ponte para os projetos missionários das religiosidades em questão. Vigorava no Brasil daquela época uma política de promover a *brancalização* do povo brasileiro e, por isso mesmo, havia grandes estímulos para a vinda de imigrantes europeus e norte-americanos. A modernização republicana tinha como modelo o sonho de vida americano (*the american way of life*). De acordo com Campos (2012, p. 12),

As elites econômicas brasileiras e o Estado liberal estavam ávidos por progresso e modernização do país desde o início do século XIX, com a consciência de que isso significava muito provavelmente abandonar um paradigma social latino, dirigido pela Igreja Católica, para abrir espaço à penetração do modelo anglo-saxão de sociedade (com o protestantismo junto).

Nesse sentido, o *adventismo* como protestantismo de missão criava uma relação de reciprocidade com os anseios das elites econômicas brasileiras. Em outras palavras, o modelo anglo-saxão de sociedade almejado pelas elites poderia ser satisfeito com a expansão do *adventismo* nas terras tropicais da América do Sul. Além disso, uma vez convertidas à nova religiosidade, essas elites poderiam servir como elemento impulsionador das crenças e das doutrinas adventistas. Essa perspectiva já tinha sido também aventada pela profetisa do *adventismo*:

O Senhor deseja que homens possuidores de dinheiro sejam convertidos e sirvam de Sua mão auxiliadora para alcançar outros. Ele deseja que os que podem ajudar na obra da reforma e restauração vejam a preciosa luz da verdade e sejam transformados no caráter, e levados a empregar em Seu serviço o capital que lhes foi confiado. Ele deseja que empreguem os meios que lhes emprestou, em fazer bem, em abrir o caminho para o evangelho ser pregado a todas as classes perto e longe. (WHITE, 2007, p. 316-317)

De acordo com o site Adventist.org, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que tinha 3.500 membros em 1863, contava, pelas estatísticas de 30 de setembro de 2020, com 21.760.076 membros distribuídos em 92.186 igrejas e em 212 países, do total de 235 reconhecidos pela ONU. Além disso, a Igreja possuía 72.749 empresas, entre escolas primárias, secundárias, universidades, casas publicadoras, 23 indústrias alimentares, 227 hospitais e sanatórios. Neal C. Wilson, presidente da Associação Geral da Igreja Adventista entre 1979 e 1990, expressou palavras compatíveis ao monumental crescimento da Igreja:

Acho difícil conceber uma estrutura organizacional melhor que a nossa. Noto que muitas pessoas a quem visito – altos executivos, homens de negócios e industriais, mesmo chefes de Estado – ficam maravilhados pela eficiência da estrutura de nossa Igreja. (LIMA, 1987, p. 02-03)

A organização da Igreja Adventista é semelhante aos modelos organizacionais dos grandes conglomerados econômicos que se consolidaram a partir da oligopolização do capitalismo no final do século XIX. A Igreja não se pautou em um modelo congregacional que prioriza a organização local. A ideia central é o senso da missão mundial, o que exige um organograma equivalente aos das multinacionais. “A Igreja Adventista do Sétimo Dia é, na verdade, uma empresa religiosa moderna e extremamente eficiente, onde quer que tenha presença. Certamente a mais dinâmica de todas.” (LIMA, 1987, p. 03). A estrutura organizacional da Igreja fisga o coração dos seus membros e estimula seu interesse em ser mais do que expectadores da religião. Na liturgia religiosa da Igreja, há uma preocupação em atender a todos os membros por meio de atividades para as diferentes faixas etárias, homens e mulheres.

Os Adventistas do Sétimo Dia se organizam a partir de quatro níveis, desde o membro individual até a organização mundial (Figura 6):

1. A igreja local, que é um corpo organizado e unido de membros individuais;
2. A Associação ou Missão local, que é um corpo organizado e unido de igrejas de um estado, província ou território;
3. A União, que é um corpo unido de associações, missões ou campos dentro de um território maior (Figura 7);
4. A Associação Geral, a maior unidade da organização, que abrange todas as uniões em todas as partes do mundo. As Divisões são seções da Associação uniões em todas as partes do mundo. As Divisões são seções da Associação Geral, com

responsabilidade administrativa a elas atribuída em determinadas áreas geográficas (Figura 9).

Assim, pode se estabelecer o seguinte esquema de organização: *Membro – Igreja local – Associação/Missão – União – Divisão – Associação Geral*. Em termos de organização, a Igreja Adventista do Sétimo Dia adota a forma representativa e mistura elementos episcopais – hierárquicos – e presbiterianos. Cada membro batizado da igreja local tem voto, e cada nível da organização da Igreja reflete um processo democrático. Igrejas locais elegem seus próprios oficiais e essas mesmas igrejas elegem delegados para as eleições das Associações ou Missões, que ocorrem a cada dois ou três anos. Um processo semelhante ocorre nos outros níveis: Uniões, Divisões e Associação Geral.



FIGURA 6. Organograma da Igreja Adventista

Fonte: IASDespinho.weebly.com

O Manual da Igreja contém esta explicação da organização com base no princípio da representatividade e estabelece que:

[...] esse modelo reconhece que a autoridade da igreja repousa sobre seus membros e é expressa por meio de representantes devidamente eleitos em cada nível da organização, com a responsabilidade executiva delegada a entidades e oficiais representantes para dirigir a igreja no nível respectivo. (MANUAL DA IGREJA, 2016, p. 28-29)

Percebe-se que a organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia é praticamente idêntica aos modernos organogramas dos grandes conglomerados econômicos, e isso fez dela uma Igreja notadamente mundial. Desde seu surgimento, na segunda metade do século XIX, a Igreja Adventista se preocupou em expandir a mensagem do advento. Ao fazer isso, deixou de ser uma Igreja exclusivamente norte-americana e tornou-se mundial.



FIGURA 7. Divisão sul-americana com as respectivas Uniões

Fonte: adventista.org

Acrescenta-se ainda a enorme estrutura agregada a religiosidade, o que exige um enorme contingente de recursos materiais, monetários e humanos. Na visão de Schwarz e Greenlef (2009, p. 363),

Coordenar uma variedade de instituições chegou a ser uma tarefa indispensável para os adventistas. Essas instituições eram muitas, mas as três principais categorias foram os centros de cuidado da saúde, as escolas e as casas publicadoras. Ao redor desse triunvirato desenvolveu a maior parte de suas atividades em todos os países nos quais se estendeu o adventismo.

A despeito das duas guerras mundiais do século XX, da crise econômica de 1929 e os dos anos seguintes de depressão, a Igreja Adventista conseguiu se estabelecer em vários países do mundo, e isso contribuiu para diminuir a dependência aos Estados Unidos, berço do adventismo. Ou seja, a expansão do adventismo para todas as partes do globo foi fundamental para sua sobrevivência. “Em 1921, o ano em que os adventistas de outros campos mundiais sobrepujam o número de membros da América do Norte, a globalização das instituições adventistas já era visível.” (SCHWARZ; GREENLEF, 2009, p. 363).

A própria organização da Igreja em nível mundial contribui para o fortalecimento de toda a estrutura do *adventismo*. Ao redor de todo o mundo, os mais de 20 milhões de adventistas se reúnem todos os sábados em suas respectivas igrejas e estudam a lição da Escola Sabatina com o mesmo tema para todos. Além disso, a cada trimestre, é estabelecido que uma das 13 Divisões da Igreja será beneficiada com novos projetos de escolas, igrejas, casas publicadoras etc. Assim, uma parte considerável em dinheiro das ofertas coletadas durante os 13 sábados, especialmente o último sábado, de cada trimestre de todas as igrejas adventistas do mundo, é destinada exclusivamente para aquela Divisão (Figura 8), algo que se repete a cada trimestre, e outras Divisões são contempladas.



FIGURA 8. Projetos da Divisão Interamericana – 1º Trimestre 2018

Fonte: sliderplayer.com.br

Nos estudos das lições da Escola Sabatina, estão presentes temáticas bíblicas, princípios e valores defendidos pela Igreja. Por isso, a Escola Sabatina é considerada o coração da Igreja. Em uma dessas lições estudadas no ano de 2010, dentre outras, consegue-se fazer uma ponte entre o *adventismo* e a cultura capitalista tal qual foi identificada por Max Weber:

Jaqueline e Carol (nomes mudados) eram irmãs, com dois anos de diferença de idade. Elas cresceram juntas em um lar amoroso. Quando alcançou a adolescência, Jaqueline aplicou-se diligentemente aos estudos. Ela teve sucesso e, depois de se formar no ensino médio, foi para a universidade estudar administração. Hoje, ela está com pouco mais de trinta anos, tem um

emprego de responsabilidade em uma empresa de investimentos, é casada e vive confortavelmente em sua própria casa. Carol escolheu ir às festas e se divertir. Ela deixou de estudar no ensino médio e começou a experimentar tabaco, álcool e outras drogas. Hoje, ela é mãe solteira, vive da ajuda do governo, está tentando se reabilitar da dependência das drogas e tem um pouco de inveja – embora relutantemente orgulhosa – do sucesso da irmã. As duas meninas tiveram as mesmas oportunidades e o mesmo conjunto de escolhas. Jaqueline escolheu um caminho, e Carol, o outro. As duas estão vivendo agora com as consequências dessas escolhas. Escolhas – todos as temos, todos temos que fazê-las, e todos temos que conviver com suas consequências. Portanto, a maior pergunta para nós todos é: quais serão essas escolhas, e como podemos saber como tomar as decisões certas? Nessa semana, vamos analisar um pouco o poder da escolha. (LIÇÃO ESCOLA SABATINA, 2010)

Identifica-se nessa constatação a questão da *ascese*, isto é, a disciplina e a austeridade com o tempo, o corpo, o trabalho, os talentos, o dinheiro etc. Afinal, “o tempo é infinitamente valioso porque cada hora perdida é trabalho subtraído ao serviço da glória de Deus” (WEBER, 2004, p. 143-144). O *adventismo* adaptou-se à cultura capitalista dos Estados Unidos desde o final do século XIX, e isso contribuiu para o rápido crescimento da Igreja em um contexto predatório da fase monopolista do capital (Darwinismo de mercado) no qual prevalecia a máxima: “crescer para não desaparecer”. Assim sendo, a expansão da Igreja nas áreas de saúde, educação, publicações, indústrias de alimentos, dentre outras, fizeram dela muito mais que uma mera organização religiosa.

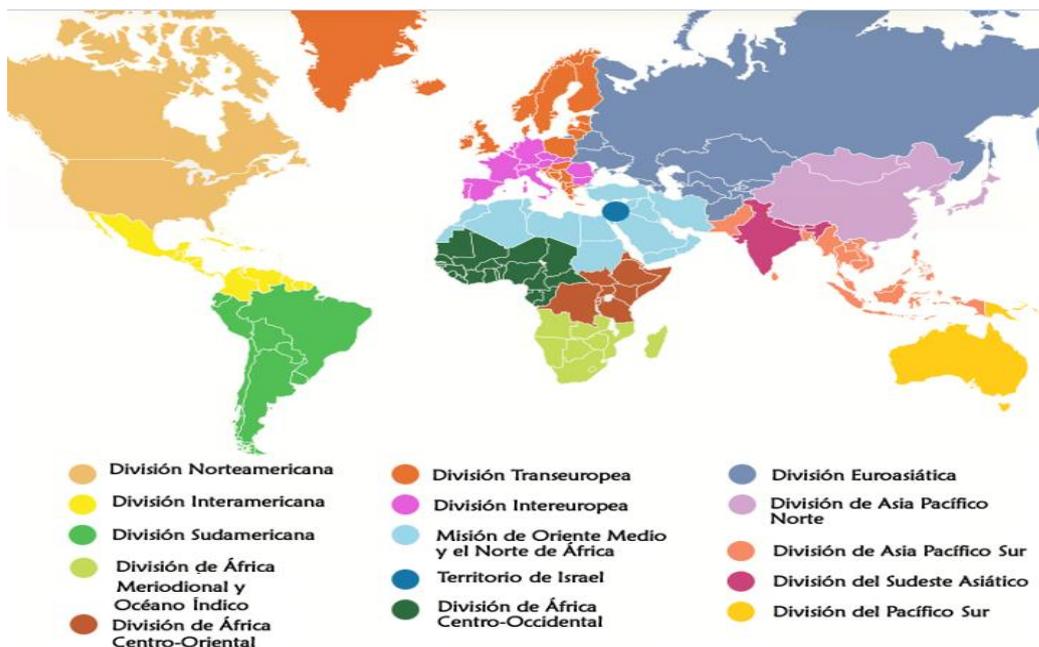


FIGURA 9. As 13 regiões ou Divisões da IASD no mundo

Fonte: adventist.org

Neste capítulo, tratou-se a respeito do processo de surgimento do *adventismo* no século XIX e sua relação e inserção com o contexto de desenvolvimento do capitalismo. Inicialmente, abordou-se sobre a grande expectativa com a profecia das 2.300 tardes e manhãs que fez do *milerismo* um movimento interdenominacional em um momento de graves crises que sacudiram a jovem nação norte-americana. Em seguida, discorreu-se sobre o processo de reconstrução do *adventismo* após ao grande desapontamento com o não cumprimento profético. Por fim, realizou-se uma análise das doutrinas, da organização e da expansão do *adventismo* para além das fronteiras dos Estados Unidos.

Resta, portanto, verificar qual é a relação entre os valores capitalistas, como o individualismo e o progresso econômico, disseminados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, e os membros dessa Igreja. É possível identificar o espírito do capitalismo entre os Adventistas do Sétimo Dia da cidade de Assis Chateaubriand, Oeste do estado do Paraná? Até que ponto eles conseguem se equilibrar entre estarem preparados para a breve volta de Jesus, cerne da mensagem de 1844, para a vida intramundana e para os encantos do capitalismo? Esse é o ponto central do próximo capítulo desta pesquisa, que buscou evidenciar, em uma escala menor, o modo de vida dos adventistas chateaubriandenses, o que pode servir de compreensão sobre os adventistas em âmbito mundial; em outras palavras, entender o que fazem as pessoas a partir do que Igreja ensina.

3 REALIDADES EMPÍRICAS DO ADVENTISMO EM ASSIS CHATEAUBRIAND: TRABALHO, INDIVIDUALISMO, PROGRESSO ECONÔMICO, COMPETITIVIDADE, DISCIPLINA RÍGIDA, CONSUMISMO E CULTURA CAPITALISTA

A construção deste capítulo ocorreu mediante o olhar do historiador para o contexto histórico das influências da religião e das religiosidades, bem como a trajetória do adventismo, desde sua origem no século XIX na América do Norte, conforme tratado nos capítulos anteriores, o impacto e as marcas que tudo isso deixou nos sujeitos desta pesquisa na cidade de Assis Chateaubriand, região Oeste do estado do Paraná. A formação do adventismo nessa cidade foi também caracterizada por um marcante ecletismo religioso, tal qual se observa nas origens da Igreja Adventista do Sétimo Dia a partir dos acontecimentos da profecia *milerita*, que teve seu desfecho com o desapontamento em 22 de outubro de 1844. Além disso, nota-se também entre os adventistas de Assis Chateaubriand (PR) um resgate e uma adaptação do *modo de vida* do protestantismo calvinista e suas ramificações, como bem observado por Max Weber.

Este terceiro capítulo faz uma ponte com o primeiro - *Religiosidade, pragmatismo religioso e suas influências ao longo do processo histórico-econômico* -, no qual se considerou como a religião permeou a mentalidade dos homens ao longo da sua trajetória histórica. A economia sofreu influências marcantes da religiosidade e isso foi percebido por economistas, historiadores e sociólogos. Neste último capítulo, enfatiza-se a prática dos sujeitos adventistas de Assis Chateaubriand (PR) e como a construção das suas identidades foram sendo moldadas com o tempo. Os valores e conhecimentos recebidos de outras religiosidades contribuíram para enriquecer ainda mais o *adventismo*. Além disso, a capacidade de adaptação e resiliência foram imprescindíveis para que o *adventismo* criasse bases sólidas para sua expansão no Oeste paranaense.

Acrescenta-se ainda que as discussões teórico-metodológicas tratadas no primeiro capítulo sobre o objeto da pesquisa encontram terreno fértil para a confecção deste último capítulo, uma vez que tais considerações podem ser percebidas entre os adventistas de Assis Chateaubriand (PR). Não se pode ignorar o quanto o sincretismo religioso entre catolicismo e

protestantismo impactou o adventismo, conforme observou Maxwell (1982) ao descrever a vida pregressa dos sujeitos que foram os pioneiros desse movimento religioso:

Quando estes e milhares de outros se tornaram adventistas do sétimo dia, ao iniciar-se o movimento, não renunciaram as belas verdades sobre Deus que haviam aprendido em suas denominações anteriores. Em vez disso, encontraram nova glória nelas ao aprenderem conceitos ainda mais ricos. (MAXWELL, 1982, p. 20)

Semelhantemente, este terceiro capítulo está relacionado com o segundo - *Surgimento da Igreja Adventista e sua correlação com o contexto socioeconômico e o desenvolvimento do capitalismo* -, visto que a formação do adventismo no século XIX e sua posterior expansão, como para Assis Chateaubriand a partir dos anos 60 do século XX, ocorreu em um contexto marcado por uma sociedade em intenso movimento.

Nos primórdios do adventismo nos Estados Unidos, no século XIX, observou-se como a Marcha para o Oeste, a Guerra Civil, o movimento abolicionista, o industrialismo e as questões sociais estavam latentes e impactaram o movimento *milerita* e seus desdobramentos. Nesse sentido, a cidade de Assis Chateaubriand (PR) também foi marcada por um intenso movimento migratório que envolvia a busca por terras férteis, o que configurou uma espécie de “marcha para o Oeste do Paraná”, contribuindo para uma formação eclética do ponto de vista étnico, religioso e social dessa cidade. E foi nesse contexto que o adventismo chateaubriandense se formou e seus sujeitos marcaram território de atuação religiosa e profissional em uma sociedade altamente competitiva.

Acrescenta-se a isso que a construção da identidade do adventismo preservou os mesmos valores dos pioneiros desse movimento religioso, ainda que os sujeitos adventistas de um modo geral e chateaubriandenses de forma específica estejam em um contínuo movimento de readaptação. “Com os pés na terra e os olhos no céu”, os adventistas dessa cidade mantêm a esperança da mensagem *milerita* sem, contudo, abandonarem seus projetos profissionais e materiais, uma vez que “os negócios e os trabalhos constantes tornaram-se indispensáveis a vida” (WEBER, 2004, p. 62).

A partir do final do século XIX, o *adventismo* adotou uma postura de se expandir para além das terras da jovem América do Norte. Com isso, missionários foram enviados, inicialmente, para a Europa. Posteriormente, houve uma preocupação da Associação Geral dos Adventistas em expandir para a América do Sul, algo que fazia parte das novas diretrizes da Igreja, como acena Greenleaf (2011, p. 28):

A fim de acelerar a obra da igreja fora dos Estados, a Associação Geral, nos dias 3 e 6 de novembro de 1889, votou a comissão de um novo comitê: a Comissão de Missões estrangeiras. Em 3 de janeiro esse grupo falou sobre a América do Sul pela primeira vez, recomendando a emigração de obreiros de sustento próprio, que tivessem um ofício ou profissão, para o continente, a fim de que esses fornecessem informações à Associação Geral sobre os melhores métodos para estabelecer o trabalho adventista na região.

A expansão do Adventismo para o Brasil no final do século XIX, inserido no chamado “protestantismo de missão”, foi favorecido e coincidiu com a vinda de imigrantes alemães para o país. Inclusive, nesse período, não havia literatura do *adventismo* em língua portuguesa. Assim, o primeiro contato do adventismo no Brasil ocorreu com comunidades alemãs instaladas principalmente na região Sul. Borges (2000) descreve que a literatura adventista chegou ao Brasil de forma bastante inusitada. No final do século XIX, um jovem imigrante alemão chamado Borchardt teria surrado e matado um homem na pequena vila de Brusque, em Santa Catarina e, desesperado, fugiu de forma clandestina em um navio para a Alemanha. Nessa fuga, ele teria conhecido dois missionários adventistas que demonstraram muito interesse em enviar literatura para o Brasil. Assim, o jovem Borchardt passou aos dois missionários o endereço do Padrasto Carlos Dreefeke, um luterano que havia emigrado para o Brasil (BORGES, 2000, p. 15). Não passado muito tempo, chegou um pacote de revistas Adventistas dos Estados Unidos escritas em alemão e endereçadas ao Sr. Dreefeke, que foi o primeiro imigrante no território brasileiro a ter contato com a mensagem do *adventismo*. Essa literatura, “isto é, tais livros refletiam uma estratégia de *catequização*, uma vez que estes livros transmitiam doutrinas adventistas.” (GALDINO, 2015, p. 61).

A partir de então, outras ações foram sendo tomadas, como o envio de *colportores* missionários e mais literaturas, vindas de pessoas adventistas e dos primeiros pastores que intensificaram o trabalho e realizaram os batismos dos primeiros conversos. Já em 1896, foi organizada a primeira Igreja Adventista no Brasil, em Gaspar Alto, Santa Catarina. Paralelamente à edificação de igrejas, o *adventismo* preocupou-se com a construção de escolas confessionais que serviriam também como ferramenta de divulgação das mensagens da igreja. Conforme relata Galdino (2015, p. 70),

[...] o Adventismo, a exemplo de outras denominações protestantes já existentes no Brasil, utilizou-se da construção de Escolas e do ensino como principais instrumentos de evangelização e catequização, complementando, dessa forma, sua finalidade missionária, tanto numa perspectiva interna quanto externa.

Rapidamente o trabalho dos missionários, *colportores*, educadores e pastores contribuíram para a expansão do *adventismo* no Brasil, alcançando estados como São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul. A expansão do *adventismo* no Oeste do Paraná acompanhou o grande fluxo de pessoas que essa região atraiu a partir da segunda metade do século XX.

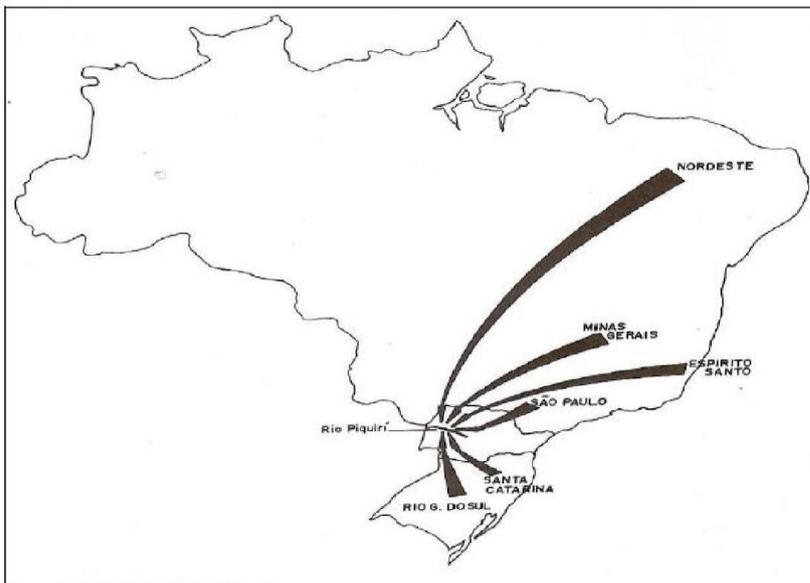


FIGURA 10. Região de origem dos migrantes de Assis Chateaubriand (PR)

Fonte: Souto Maior (1996, p. 56).

Semelhantemente aos Estados Unidos oitocentista, também ocorreu uma marcha para o Oeste no estado do Paraná. A mensagem adventista pegou carona nesse grande fluxo de pessoas para a região. Inicialmente, o *adventismo* ficou delimitado em Curitiba e seus arredores; somente a partir de 1945 houve uma preocupação da Missão Adventista em alcançar a região do Oeste do Paraná. Assim, o *adventismo* começou a se fazer presente nas diferentes cidades dessa região, principiando com a construção de escolas e igrejas, mostrando que a educação também tinha o papel de evangelizar e propagar o modo de vida adventista.

Galdino (2015, p. 82) descreve que,

ainda em 1954, o Adventismo chega à cidade de Cascavel, onde no mesmo ano 80 pessoas começaram a frequentar as reuniões evangelísticas e 13

foram batizadas. No ano de 1958, inicia-se a construção da Escola Adventista de Cascavel, no extremo oeste do Paraná.

A partir de Cascavel, houve uma expansão do *adventismo* para a cidade de Toledo, na qual houve um rápido processo de crescimento populacional a partir das ações da Colonizadora Maripá, que iniciou o desbravamento das terras da região em 1949. A região atraiu missionários adventistas de Cascavel e, em 1959, o *adventismo* chegou a Toledo. Um pouco antes, em 1955, o *adventismo* havia chegado também a Foz do Iguaçu. A estratégia era expandir a religiosidade a partir de ações de sujeitos já estabelecidos em uma dada cidade. A expansão do *adventismo* no Oeste do Paraná, tal qual nos Estados Unidos no Século XIX, acompanhou o grande fluxo de pessoas e o próprio processo de inserção do capitalismo.

Na cidade de Assis Chateaubriand, espaço geográfico desta pesquisa, o *adventismo* marcou presença no primeiro semestre de 1963, precisamente no início de maio, por meio de um membro adventista de São Paulo chamado Antônio Carniatto Netto.

Na realidade, quando eu me casei lá no estado de São Paulo, vim direto para cá; meu marido já estava instalado aqui fazia 90 dias. Aí era eu e ele Adventista. Só. E daí depois foi chegando mais algumas famílias, depois de uns 2 anos, e assim, foram chegando mais algumas famílias. E foi assim que foi crescendo, né. [...] Eu cheguei aqui no ano de 63, cheguei no início de agosto de 63 (informação verbal).³

³ Entrevista com a senhora Dalila Visoto Carniatto, em 11 de setembro de 2021.



FIGURA 11. Primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia de Assis Chateaubriand

Fonte: Leila Carniatto.

Conforme o relato da senhora Dalila, percebe-se a mesma estratégia de expansão do *adventismo* em Assis Chateaubriand, por meio da vinda de membros dessa denominação de outras cidades para iniciar o trabalho missionário e, assim, expandir a Igreja. Ela ainda relatou que seu esposo montou uma farmácia na cidade e empregou muitos adventistas. Houve um rápido crescimento no número de membros. “Então, depois dessa aqui foi a igreja lá do jardim progresso e depois agora tem essa do jardim Araçá. A do Araçá é bem recente. Foi crescendo mesmo. Aqui, nossa igreja aqui já teve, era de 480 membros.” (informação verbal)⁴. Como forma de reafirmar a expansão da Igreja, a entrevistada faz a apresentação de algumas fotografias (Figuras 11 e 12) da época desse crescimento do número de fiéis que ocorria diretamente proporcional ao *boom* demográfico na região. A composição demográfica de Assis Chateaubriand foi tão eclética quanto a composição do *adventismo* desde os seus primórdios. A cidade atraiu gaúchos, caboclos, paulistas, nordestinos, mineiros e nortistas por causa da terra (Figura10). Esse ecletismo de povos também se refletiu na composição do *adventismo* na cidade.

⁴ Entrevista com a senhora Dalila Visoto Carniatto, em 11 de setembro de 2021.



FIGURA 12. Membros da Igreja Adventista Central de Assis Chateaubriand na década de 1970

Fonte: Leila Carniatto.

De acordo com Lorensetti (2017, p. 45),

O município de Assis Chateaubriand possui uma história muito peculiar no que diz respeito à sua criação, sobretudo nos fatos que causaram a atração de povos de várias regiões do país para que ali viessem a se instalar a partir da década de 1960. Tal história nos remete a um fluxo extraordinário de pessoas que foram atraídas pelo interesse de possuir algumas das terras que estavam sendo abertas para serem comercializadas.

Essa atração populacional por terras para o município de Assis Chateaubriand não foi ignorada pelo *adventismo*. Muitos fiéis vieram de outras regiões e houve um sistemático trabalho evangelístico na cidade para converter pessoas à religiosidade adventista. A cidade chegou alcançar mais de cem mil habitantes. Uma verdadeira *marcha para o oeste*. Entretanto, nem todos adquiriram a tão sonhada terra prometida, como ressalta Lorensetti (2017, p. 46-47):

Segundo dados do município, presentes em seu portal da internet, na década de 1970 a população chegou a ser contada em 112 mil habitantes. Contudo, hoje, Assis possui cerca de um quarto deste número inicial, indicando que muitos não tiveram as condições necessárias para sua manutenção e estabilidade social no local, [...]. Em Assis, as terras férteis e o sonho de

possuí-las eram os motivos de atração e interesse dos migrantes. Contudo, a excludente apropriação da terra para a maioria, e as transformações ligadas à modernização da agricultura, culminaram num processo de expulsão de muitas famílias que, à margem das condições de subsistência e de se desenvolverem em Assis, viram o seu "sonho se transformando em pesadelo".

Essa percepção de Lorensetti (2017) também foi relatada pela senhora Dalila. Depois de um *boom* de crescimento do *adventismo* na cidade, houve um refluxo considerável de membros para outras cidades e regiões.

Alguns se converteram porque meu marido era muito missionário. [...] E, assim, contando histórias para as crianças, fazendo culto e, nos sítios. Convertiam bastante gente. Mas, depois o povo foi tudo indo, uns pra Curitiba, outros pro Mato Grosso, outros pro São Paulo, e foi diminuindo (informação verbal).⁵

Ao lado da Igreja Adventista Central de Assis Chateaubriand chegou a funcionar uma escola confessional, que depois mudou para um lugar próprio. Contudo, essa escola adventista não sobreviveu e acabou sendo incorporada por um colégio particular chamado Escola Integração.

No momento da realização desta pesquisa, a cidade de Assis Chateaubriand conta com três Igrejas Adventistas do Sétimo Dia: a Igreja Central, com 176 membros, sendo 111 mulheres e 65 homens; a Igreja do Jardim Progresso, com 41 membros, sendo 18 mulheres e 23 homens; e a Igreja do Jardim Araçá, com 62 membros, sendo 40 mulheres e 22 homens. As três igrejas perfazem um total de 279 membros, sendo 169 mulheres e 110 homens. Considerando o auge do adventismo com 480 membros, segundo Dalila Carniatto, a igreja adventista perdeu cerca de 42% do total de seus membros. Essa saída de membros para outras cidades coincide com o grande refluxo populacional observado em Assis Chateaubriand. Isso ocorreu não muito tempo depois do período do *boom* demográfico pelo qual havia passado a jovem cidade.

Dentre as diversas ocupações profissionais dos membros adventistas de Assis Chateaubriand, destacam-se a existência de quatro empresários, 10 professores, dois pedagogos, dois arquitetos, quatro funcionários públicos, 18 aposentados e 63 estudantes. Além disso, existem membros que trabalham no comércio e na iniciativa privada de um modo geral, agricultores, profissionais da construção civil, psicólogo, contador, assistente social,

⁵ Entrevista com a senhora Dalila Visoto Carniatto, em 11 de setembro de 2021.

engenheiro, médico, autônomos, dentre outros. Muitos membros trabalham por conta própria. Há, portanto, uma variedade de ocupações profissionais e uma demarcação de território do *adventismo* nas mais diversas áreas profissionais e ocupacionais em Assis Chateaubriand. Em pouco tempo, houve um rápido processo de adaptação e inserção dos adventistas ao mercado de trabalho na cidade. É bastante perceptível o significativo progresso econômico que se vê em boa parte dos membros. Assim, os adventistas chateaubriandenses mantêm viva a expectativa do advento do Messias sem, contudo, renunciarem aos seus projetos intramundanos.

Tabela 1. Perfil dos membros da Igreja Adventista Central de Assis Chateaubriand (PR)

Descrição	Valor
Ascensorista	1
Agricultor(a)	4
Analista de Sistemas	1
Aposentado(a)	5
Arquiteto(a)	2
Assistente Social	1
Atendente	1
Autônomo(a)	1
Auxiliar Administrativo(a)	1
Bancário (a)	1
Cabeleireiro (a)	1
Colportor(a)	1
Comerciante	5
Contador(a)	1
Construção Civil	1
Costureiro(a)	1
Diarista	1
Do Lar	28
Doméstico	6
Eletricista	1
Empresário(a)	2
Engenheiro(a)	1
Engenheiro(a) Civil	1
Escrevente	1

Estudante	42
Estudante – Universitária	3
Fisioterapeuta	1
Funcionário(a) Público(a)	2
Gerente	1
Manobrista	1
Marceneiro	2
Médico(a)	1
Mestre de Obras	1
Motorista	1
Nutricionista	1
Pastor	1
Pastor Distrital	1
Pedagogo(a)	2
Pedreiro	2
Pintor(a)	1
Professor(a)	8
Segurança	1
Sem dados	28
Servente	1
Vendedor(a)	1
Zelador(a)	1
Total	172

Fonte: Secretaria da Igreja Adventista Central de Assis Chateaubriand (PR).

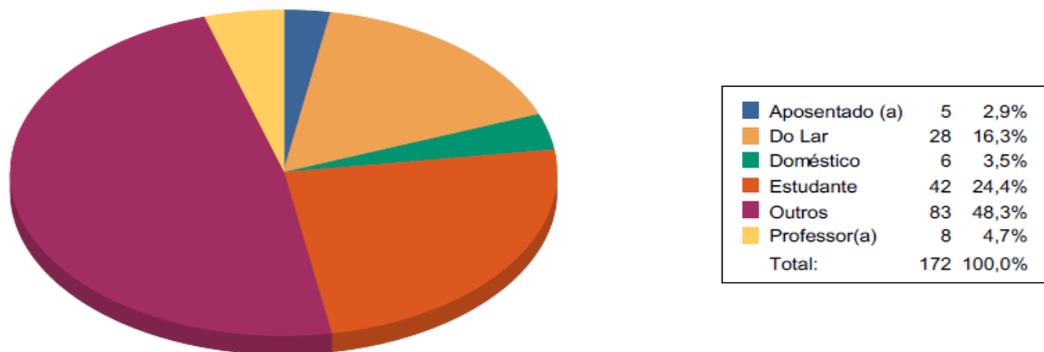


FIGURA 13. Gráfico das ocupações profissionais dos adventistas da Igreja Central de Assis Chateaubriand (PR)

Fonte: Secretaria da Igreja Adventista Central de Assis Chateaubriand (PR).

Tabela 2. Perfil dos Adventistas da Igreja do Jardim Progresso de Assis Chateaubriand (PR)

Descrição	Valor
Agricultor(a)	1
Aposentado(a)	1
Autônomo(a)	2
Auxiliar de Produção	1
Carpinteiro(a)	1
Chefe do Lar	1
Do Lar	3
Doméstico	3
Dona de Casa	1
Eletricista	1
Estudante	8
Lavrador(a)	2
Meio Oficial Pedreiro	1
Operador(a) de Máquinas	1
Pedreiro	2
Sem dados	8
Servente	1
Suporte de Informática	1
Vigilante	1
Zelador(a)	1
Total	41

Fonte: Secretaria da Igreja Adventista do Jardim Progresso de Assis Chateaubriand (PR).

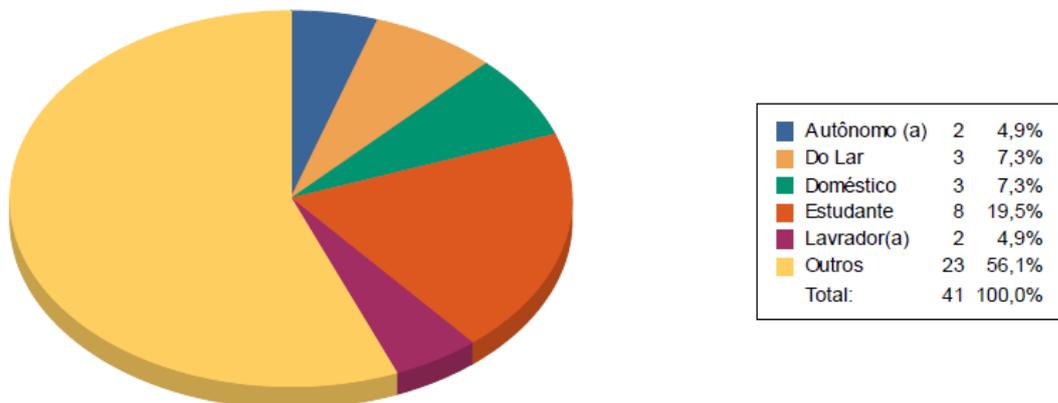


FIGURA 14. Gráfico das ocupações profissionais dos adventistas do Jardim Progresso de Assis Chateaubriand (PR)

Fonte: Secretaria da Igreja Adventista do Jardim Progresso de Assis Chateaubriand (PR).

Tabela 3. Perfil dos membros Adventistas da Igreja do Jardim Araçá de Assis Chateaubriand (PR)

Descrição	Valor
Aposentados	12
Artesão	3
Autônomo	2
Auxiliar administrativo	2
Auxiliar de produção (Cvale)	2
Auxiliar de Produção (Lar – Cascavel)	2
Caixa	1
Costureira	1
Cozinheira	1
Cuidadora de idoso	1
Do lar	6
Doméstica	2
Educador físico	1
Empresário	2
Estudantes	10
Fórum (Secretaria-promotoria)	1
Funcionário público	2
Pedreiro	1
Professora	2
Psicóloga	1
Técnico em eletrônica	1
Técnico em nutrição	1
Vendedor	2
Zeladora	3
Total	62

Fonte: Secretaria da igreja adventista do Jardim Araçá de Assis Chateaubriand (PR).

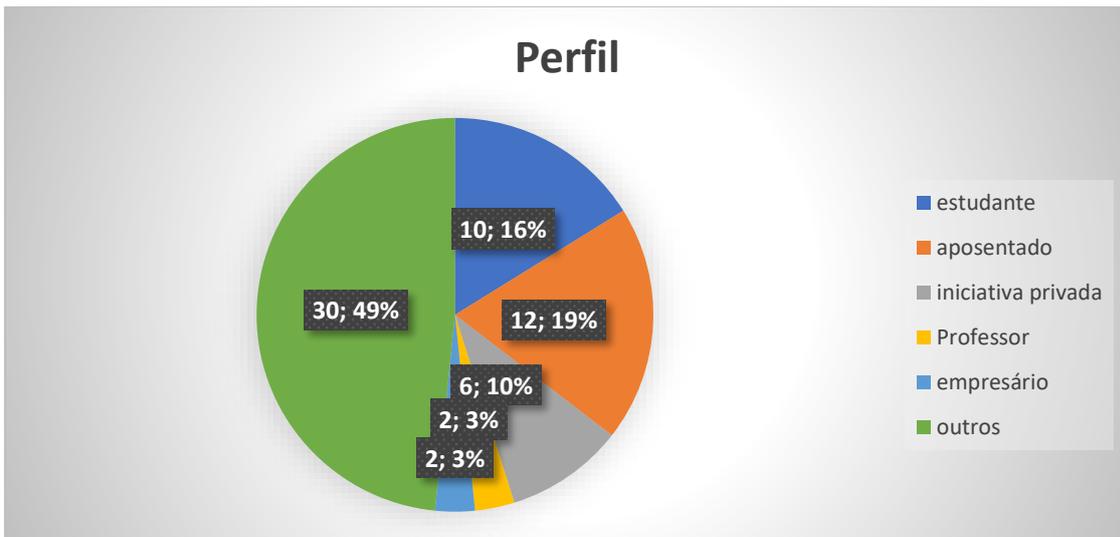


FIGURA 15. Gráfico das ocupações profissionais dos adventistas do Jardim Araçá de Assis Chateaubriand (PR)

Fonte: Secretaria da Igreja adventista do Jardim Araçá de Assis Chateaubriand (PR).

3.1 DISCIPLINA, DETERMINAÇÃO, RESILIÊNCIA: MODO DE VIDA DOS ADVENTISTAS CHATEAUBRIANDENSES

Nas entrevistas realizadas com alguns membros das três igrejas adventistas de Assis Chateaubriand (PR), nota-se como as experiências dos sujeitos contêm traços comuns às diversas trajetórias no que diz respeito à identidade do *adventismo*. Assim, os membros compartilham experiências da religiosidade nos seus afazeres intramundanos e tentam demarcar território para seus negócios e ocupações profissionais. É perceptível como entre eles comportam-se laços de solidariedade, apesar da competitividade e do individualismo típicos do capitalismo. Ao transcrever as entrevistas, buscou-se preservar a individualidade linguística do falante, por isso, preservaram-se alterações fonéticas das palavras mesmo com erros ortográficos.

A primeira entrevistada foi Ester (pseudônimo). A entrevista ocorreu em uma das suas lojas de produtos naturais no centro da cidade. Já na entrada das lojas há um aviso sobre o horário de funcionamento: de segunda à sexta-feira até às 17:00 horas. No ambiente, tocava um hino da igreja e tinha um cartaz falando dos benefícios de uma vida saudável com o uso de alimentos naturais. Naquele horário, Ester estava cobrindo o intervalo de almoço de uma de suas funcionárias. O foco inicial da conversação foi descrever a sua experiência no *adventismo*.

Eu sou adventista há 25 anos. Tenho 3 filhos. Sou casada, também, já uns 27 anos, éh 27 anos exatamente. E, a minha vida antes de ser Adventista, ela já era uma vida voltada, assim, mais pra o cuidado da saúde, sempre. Nunca fui uma pessoa que teve hábitos errados. Então, assim, a saúde sempre foi um foco da família, mesmo sem ser Adventista. Mas nós sempre cuidávamos bem da nossa saúde. Meu pai sempre trabalhou no sítio. Nasci no sítio. Vivi até os 20 anos. Então, sempre tive uma vida bem equilibrada em todos os sentidos. Depois disso, quando eu me casei, não me casei com uma pessoa Adventista. Até hoje ele é, não segue o mesmo caminho, mas ele me apoia tanto no trabalho, quanto na Igreja também, a criação dos meus filhos (informação verbal).⁶

Ester descreve sucintamente o tempo de *adventismo* e faz questão de frisar que sempre se preocupou com a saúde e, por isso, absteve-se de hábitos errados. Ela menciona ainda a origem rural de sua família, característica marcante da cidade, e que se casou com uma pessoa que não é da Igreja, mas que sempre a apoia em seu trabalho e em suas atividades religiosas. Em seguida, ela aprofunda um pouco mais sobre a sua atividade profissional.

Não trabalhei sempre com o que eu trabalho hoje, que é com produtos naturais. Nós trabalhávamos como autônomos, né!? Ele era dono de uma oficina de chapeação, pintura. Tivemos nossos filhos. Indo para a Igreja eu com meus filhos e ele sempre trabalhando. A Igreja, eu sempre encontrei alguma dificuldade na questão, éh, da guarda do sábado. Quando eu precisei só que nós terminamos, paramos com a oficina e foi uma época de transição na nossa vida de de profissão dele e eu o acompanhava sempre. Foi uma época bastante difícil porque, apesar de ser, é, ter a minha formação em contabilidade, eu nunca gostei de trabalhar, nunca quis trabalhar, nunca quis mesmo. Foi só para ter uma formação. E, por ser Adventista eu tinha muita dificuldade nessa época de transição, como eu já disse, em encontrar algum trabalho onde eu respeitasse, que respeitasse a minha doutrina, a minha fé, ou que eu pudesse guardar o sábado da maneira que nos pede. Então, eu fui trabalhar. Procurar outras opções de como ajuda-lo, né, nessa época de transição. E cheguei mesmo a trabalhar como diarista. Fui trabalhar como diarista para ajudar. Nossas crianças eram pequenas e o trabalho que ele conseguiu não era suficiente para construir uma casa, comprar um terreno e sustentar a família. Eu tinha que ajudar de alguma maneira \. E para não transgredir o quarto mandamento, éh, eu fui trabalhar em alguma coisa que me deixasse livre o sábado e eu consegui uma renda muito boa, tendo ainda a quarta-feira como folga. Estabeleci pra mim, pra minha casa a quarta-feira. Então, eu não trabalhava na quarta, nem no sábado, nem no domingo e eu conseguia mais do que um salário-mínimo, a minha renda como diarista. E sempre fiel no meu dízimo, nas minhas ofertas (informação verbal).⁷

⁶ Entrevista com a senhora Ester (pseudônimo), em 08 de abril de 2021.

⁷ Entrevista com a senhora Ester (pseudônimo), em 08 de abril de 2021.

Aqui a Ester menciona sobre a atividade principal de seu esposo, uma oficina de chapeação, e que, em um dado momento, as atividades foram interrompidas. Ela sendo adventista encontrou enorme dificuldade de trabalho por causa da observância do sábado, definindo esse momento como um período de transição em sua vida familiar. Apesar de ter um curso técnico em contabilidade, essa não era a sua vocação. Ester precisava trabalhar para ajudar o marido, que agora não tinha mais sua atividade profissional. Contudo, a fidelidade na guarda do sábado tornava-se um óbice. Trabalhar como diarista foi a alternativa mais viável para poder respeitar às suas crenças religiosas. Com isso, ela conseguiu folga não somente aos sábados, mas também às quartas-feiras e aos domingos. Nesse trabalho como diarista, ela recebia mais que um salário-mínimo e em menos dias de trabalho. Ou seja, Ester parece contrariar aquela ideia de que “[...] o ser humano não quer por natureza ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, mas simplesmente viver, viver de modo como está habituado a viver e ganhar o necessário para tanto” (WEBER, 2004, p. 53).

A preocupação de Ester com a saúde, já existente antes mesmo de se tornar adventista, foi muito importante para que novas oportunidades batessem à sua porta. É bom lembrar, conforme abordado no Capítulo 2, que uma das doutrinas marcantes do *adventismo* é a mensagem da saúde, o que inclui o consumo de produtos naturais. Assim, Ester estava no lugar certo e não poderia deixar de agarrar uma excelente oportunidade que surgia.

Foi quando Deus, de uma maneira assim, providencial e milagrosa, me abriu as portas pra, há 15 anos atrás isso, prá o meu primeiro trabalho com produtos naturais. Eu não estava procurando, mas a pessoa precisaria de uma pessoa aqui prá, que tivesse um certo perfil, prá cuidar da loja que estavam montando na cidade, quando o pastor da nossa Igreja falou assim: eu conheço a pessoa certa. Me procurou. E eu estou, assim, no ramo até hoje. Mais, eu sempre cuidei da minha saúde e nunca deixei de praticar atividade física, ou então, seja bem antes, eu já fazia parte dessa, desse segmento, de vida saudável, de alimentação saudável, longe de vícios de fumo, de bebida. E, depois a Igreja também me, me abriu ainda um leque maior com alimentação natural, com conhecimento dos produtos naturais. E foi aí, então, que, que eu conheci o segmento que hoje eu trabalho. A transição que houve, então, foi um, nessa questão, éh, com os produtos naturais. O meu esposo trabalha comigo hoje. Nós distribuimos. Também trabalhamos com uma pequena distribuidora e temos as lojas, né!? E, então seria isso. A Igreja Adventista só veio somar na minha vida; me ajudou muito em questão de, de reverência, em questão de temor a Deus, de saber esperar, ter paciência, e esperar e reconhecer que Deus está na direção de tudo na nossa vida (informação verbal).⁸

⁸ Entrevista com a senhora Ester (pseudônimo), em 08 de abril de 2021.

Ester enxerga como sendo uma providência divina a oportunidade para montar seu próprio negócio com produtos naturais. A partir disso, a própria Igreja, segundo Ester, contribuiu para ampliar seus negócios por meio do conhecimento dos produtos naturais e da alimentação. A expertise de Ester e essa doutrina fundamental do *adventismo* foram essenciais para o êxito de sua nova empreitada. Os negócios foram sendo ampliados, pois, não somente vende, mas também distribui produtos naturais, tanto que acabou incorporando o seu próprio esposo no ramo.

Perguntou-se à Ester se o dinheiro e as riquezas podem servir para glorificar a Deus. Ela respondeu: “Com certeza. Com certeza. Com certeza. Nós glorificamos a Deus, é, quando nós ajudamos o nosso próximo, quando nós somos um, um conduto, um canal de bençãos. Ah, não que acabe em mim, que pare em mim. Ele passa por mim e dá continuidade.” (informação verbal)⁹. Ester fez questão de repetir três vezes de forma afirmativa como ela pensa, e seu pensamento corrobora com o *calvinismo*, que defendia que o dinheiro e a riqueza deveriam servir para glorificar a Deus: “com certeza não para fins de concupiscência da carne e do pecado, *mas sim para Deus, é permitido trabalhar para ficar rico*” (WEBER, 2004, p. 148).

Levando em consideração a questão da guarda do sábado, questionou-se à entrevistada sobre o mercado de trabalho para os adventistas em Assis Chateaubriand (PR) e qual seria a melhor alternativa para os praticantes. A sua resposta foi:

Olha, sendo empreendedor é muito mais fácil e não importa o tamanho do seu negócio. Eu acho que é muito mais fácil. Mas a luta é grande pra se conseguir a liberação do sábado, mesmo que se propõe a trabalhar no domingo, digamos, ou nos dias feriados. É muito difícil. Por isso que muitas pessoas desistem. Por essa dificuldade. Ou não querer abrir mão de um sonho profissional, alguma coisa assim, não é? Então, éh, mas se a pessoa continua firme naquele propósito, ele vence, ele vence (informação verbal).¹⁰

Ester aponta que ser dona de seu próprio negócio é o caminho menos traumático para poder conciliar o trabalho e o repouso sabático, uma vez que as empresas de um modo geral não costumam liberar os sábados para os adventistas. Essa dificuldade, aliada aos sonhos profissionais dos membros, constitui-se em um dos fatores que explicam o abandono do *adventismo* por parte de alguns fiéis. No entanto, segundo Ester, os perseverantes na fé e que se mantêm firmes em seus propósitos sempre vencem.

⁹ Entrevista com a senhora Ester (pseudônimo), em 08 de abril de 2021.

¹⁰ Entrevista com a senhora Ester (pseudônimo) em 08 de abril de 2021.

Outro entrevistado foi João Leandro Neto, adventista da Igreja do Jardim Progresso, e a conversa ocorreu na feirinha dos produtores de Assis Chateaubriand (PR). Apesar de ter um emprego fixo em uma empresa privada da cidade, ele e sua esposa trabalham na feirinha aos domingos, a fim de aumentar a renda familiar.

Me chamo João Leandro Neto. Sou adventista há mais de 8 anos. Dia 27 de dezembro, há 8 anos atrás, foi quando eu me batizei. Vai fazer já. É, a Igreja adventista, ela marcou a minha vida de uma maneira muito forte, né. Eu senti o desejo, comecei a estudar a Bíblia bem devagarzinho com interesse próprio de, de, de querer entender o que realmente é ou não é e daí, aos poucos, eu fui entendendo. E aí eu coloquei como uma missão na minha vida de um dia me tornar adventista. E foi ali que tudo começou. As dificuldades, os pensamentos, mas para mim foi, assim, bem aqui, né. Eu já trabalhava numa empresa há mais de 8 anos. Eu era considerado lá dentro, eu era responsável por um setor muito forte. Eu também era, como se diz, era o churrasqueiro da loja, né. Toda a sexta-feira a noite, nem todas as sextas-feiras, mas praticamente de cada 4 sextas-feiras, 2 eu era o que assava carne e corria atrás de tudo. E de repente eu falei: oh, acabou. O pessoal ficaram chateados comigo, mas entenderam que eu fiz a escolha certa. Meu patrão que era católico roxo, devoto, muito forte, o padre ia direto lá. Ele era um rapaz muito forte. Ele chegou ne mim, foi o primeiro a assistir o meu batismo e ele percebeu que, através do meu testemunho, ele percebeu que havia coisa errada também. Infelizmente eu saí de lá, mas até hoje ele diz que está com as portas abertas pra voltar lá e me dando o sábado, mesmo com a empresa abrindo aos sábados (informação verbal).¹¹

A conversão ao *adventismo* exige uma mudança de vida e de atitudes, e isso não foi diferente com João Leandro Neto, que teve que abandonar seu emprego e não mais participar dos momentos de lazer nas sextas-feiras à noite (o repouso sabático vai do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado). Ele relatou o desapontamento de todos na empresa, incluindo o patrão, com a decisão tomada. Contudo, posteriormente, o patrão teria compreendido a decisão e até assistiu ao seu batismo na Igreja Adventista. Por último, João Leandro Neto afirmou que o ex-patrão teria mantido as portas abertas da empresa para ele e que agora lhe concederia o sábado. Em seguida, João Leandro Neto abordou a questão do dinheiro e das riquezas:

Agora, a questão do dinheiro, da riqueza, né, é claro que eu vejo que isso é uma coisa muito forte. As pessoas se apegam muito ao dinheiro, que vive disso. Eu sou, eu sou da parte da mordomia cristã e conheço que tudo que temos, tudo que somos, pertence a Deus. E Ele que nos dá conforme a vontade Dele. Então, o dinheiro eu vejo da seguinte forma: Eu não sou, sonho, em ter muito, mas eu busco, aquilo que eu ganho, eu busco valorizar

¹¹ Entrevista com João Leandro Neto, em 11 de abril de 2021.

o máximo que eu posso. Sou bem, sou bem assim. Procuo gastar apenas o que eu ganho e não aquilo que passa. Então, nesse sentido, eu não tenho problema nenhum com a questão de riquezas. Devolvo meu dízimo de forma correta e separo, também as ofertas. Pois isso agrada a Deus (informação verbal).¹²

É possível observar em suas palavras a enorme preocupação com a parcimônia em se tratando do dinheiro. Ele compreende que o dinheiro é algo que exerce um forte poder sobre as pessoas, mas que é preciso ter um rígido controle do que se ganha e do que se gasta. Ele descreve que não sonha em ter muito, mas, quando questionado do porquê ele tem um trabalho fixo e ainda assim dedica-se a um trabalho extra na feirinha aos domingos, e se isso seria para ajudar na renda familiar, João respondeu:

Com certeza, né. Dinheiro, mesmo que você, mesmo que você já tenha, você já tem seu trabalho mensal, mas isso me ajuda a manter, hoje a gente, você, hoje tudo é mais caro, né. Então, de fato, você não trabalha no sábado, mas você também não trabalha no domingo? Então, a feira me ajuda nos dois lados: financeiramente e, se alguém me perguntar, mas eu trabalho no domingo. Eu tenho uma feira. Eu não deixo só porque, eu descanso no sábado, que vou também, eu vou descansar no domingo. Então, de uma certa forma, eu ganho vantagens dos dois lados: financeiramente e poder articular com alguém, né. Isso também já me favoreceu (informação verbal).¹³

O trabalho na feirinha aos domingos teria uma dupla finalidade: aumentar a renda mensal e servir de justificativa para mostrar que a guarda do sábado não o isenta de também não trabalhar aos domingos; e ele argumenta que isso já lhe foi cobrado e que até o favoreceu em seus argumentos. Dos sete dias da semana, ele, assim como os demais adventistas, está disposto a trabalhar em seis dias e até mesmo nos feriados. Somente exige o sábado para a guarda, conforme o mandamento.

Sobre a questão do mercado de trabalho para os adventistas em Assis Chateaubriand (PR) e quais as alternativas para conciliar os negócios profissionais com o repouso sabático, João Leandro Neto sobre faz algumas observações:

Veja. Aqui na cidade eles não oferecem muito, não tem muita opção, né. Não tem indústria que possa, que possa, enfim, a abrigar a todos que precisam. O jovem mesmo passa por dificuldade, pois o forte na cidade é agricultura, né. E agricultura você sabe que trabalha tempo integral. Não pode parar. E aí o comércio, nos sábados aqui é o momento mais forte.

¹² Entrevista com João Leandro Neto, em 11 de abril de 2021.

¹³ Entrevista com João Leandro Neto, em 11 de abril de 2021.

Então, as pessoas elas tem que adaptar em outras, em outras questões, né. Eu como trabalho na área de, na linha automotiva, né, eu consegui este espaço, consegui esse respeito por eles, devido a minha capacidade. Então, acabei tendo isso aí. Mas para os jovens, para Assis Chateaubriand, ela não tem, assim, muita facilidade, principalmente no lado do comércio, né. E essa, essa, essa é a opinião que eu vejo aqui na cidade, minha visão né. [...] Eu já fiquei desempregado alguma vez e você fica desesperado. Não sabe, você não sabe o que fazer, né. Você acaba tomando decisões, às vezes, precipitadas. Puxa! É o que tem. Um rapaz que era da igreja, batizou, tava muito bem na igreja, considerava ele um rapaz muito forte espiritualmente, e ele se afastou da Igreja por porque não tinha, porque não tinha aonde ir trabalhar. E aonde ele conseguiu, ele tinha que, que trabalhar no sábado. Não foi nem com 2, foi com vários. O rapaz, jovens mesmos, são os mais prejudicados, né, nessa área aqui em Assis Chateaubriand (informação verbal).¹⁴

Segundo João Leandro Neto, a cidade de Assis Chateaubriand (PR) não dispõe de indústrias suficientes para absorver a mão de obra dos jovens; na agricultura, o trabalho é em tempo integral, sendo esse um fator que impede o trabalho dos adventistas. Acrescenta-se a isso que o comércio é muito dependente do trabalho aos sábados, o que também dificulta a adaptação dos adventistas. Ele descreve sua própria experiência e conta que ficou desempregado alguma vez, mencionando como isso é desesperador. Ao relatar a sua experiência de trabalho na área automotiva da iniciativa privada, relata que a conquista desse espaço só foi possível por causa da sua capacidade. Esse relato é muito semelhante a outros nas entrevistas, em que os entrevistados abordam a necessidade de aperfeiçoamento e de dar o máximo de cada um. As dificuldades de inserção no mercado de trabalho têm levado muitos jovens a abandonar a fé adventista, e é justamente nessa faixa etária que se encontra o grupo adventista mais prejudicado.

A entrevista a seguir foi feita em um dia de domingo no hospital São Lucas com o médico Dr. Antônio, sendo agendada para um dia em que ele estava de plantão no referido hospital. Inicialmente, o entrevistado foi deixado bem à vontade para descrever a sua experiência como adventista do sétimo dia.

Eu sou adventista desde de, de berço, como costumamos dizer, né. Eu já nasci numa família adventista. Meus pais também é a segunda geração. Tanto meu pai quanto minha mãe é a segunda, a segunda geração de adventistas porque meus avós não eram originalmente adventistas, mas se converteram e o meu pai e a minha mãe também foram adventistas de berço, digamos assim, e eu também nasci em uma família adventista. Ah, pertencer a Igreja Adventista é um grande privilégio; é uma Igreja que estimula o

¹⁴ Entrevista com João Leandro Neto, em 11 de abril de 2021.

crescimento dos seus membros de uma maneira global, não só o crescimento espiritual, digamos assim que é o a essência de todas as religiões, eu entendo, mas também a Igreja Adventista estimula o crescimento na vida familiar, na saúde, na vida profissional, onde a pessoa possa empreender. É interessante a gente dizer aqui que o sucesso profissional, é, a gente pode entender como sendo benção de Deus também. Não quer dizer que uma pessoa que não tenha tido tanto sucesso não é abençoada. Não é essa questão, mas podemos entender que a benção, é ... o sucesso profissional também seja uma, uma benção, né!? (informação verbal).¹⁵

O Dr. Antônio nasceu em uma família adventista que, inclusive, foi pioneira em Assis Chateaubriand (PR). O *pertencimento* à Igreja é, segundo ele, um privilégio, uma vez que ela estimula o crescimento dos seus membros espiritual e materialmente. Nesse último aspecto, ele destaca o estímulo para que os membros sejam empreendedores e que possam crescer na vida profissional. Ele identifica que o sucesso profissional dos membros deve ser entendido como sendo uma benção de Deus, mas, no caso das pessoas com menos sucesso, isso não significa necessariamente que também não sejam abençoadas. Nesse sentido, a fala do Dr. Antônio harmoniza-se com os calvinistas puritanos: “[...] os puritanos estavam firmemente convencidos de que era o próprio Deus que abençoava os seus com o sucesso no trabalho” (WEBER, 2004, p. 121).

Em seguida, o Dr. Antônio descreve seu pensamento sobre o dinheiro, as riquezas e os bens materiais:

Eu procuro pautar minha vida de acordo com as orientações bíblicas, né!? E, eu vejo que o dinheiro, como eu disse a pouco, é pode ser uma benção, né, de Deus, mas só será uma benção se nós soubermos usá-lo de uma maneira também conveniente, ... que é para poder ajudar pessoas. Como a Bíblia diz, a gente deve usar, deve ser uma benção, as outras pessoas; a gente não deve estar aqui para ser servido, mas para servir. Então, o dinheiro, ao mesmo tempo que é importante para nossa subsistência, para nossa, para uma certa estabilidade, ou segurança da nossa família, mas a gente deve pensar sempre que o dinheiro é uma benção de Deus, e as benções que vem de Deus a gente deve estar dispostos a reparti-la. É, então, eu entendo que o dinheiro é assim também. Éh, não há, a Bíblia é muito clara em dizer, em afirmar que não há problema em ser rico, né!? Então, as pessoas que possuem riquezas terra não estão cometendo nenhum pecado. O problema é o amor ao dinheiro. É você fazer do seu dinheiro seu, o seu principal objetivo de vida. Aí, sim, é uma visão equivocada. Porque Deus dá pra gente habilidades, Deus dá pra gente o tempo, né!? E a gente tem que saber usar isso também com sabedoria. Éh, usando as nossas habilidades para o crescimento pessoal, pro crescimento profissional, pro crescimento espiritual. E também usar nossas habilidades, nosso tempo pra que a gente possa ser uma benção pra outras pessoas também. Éh, pra que a gente possa ..., como cristãos a gente tem que ..., o

¹⁵ Entrevista com Dr. Antônio, em 11 de abril de 2021.

nome já diz, é, somos imitadores de Cristo. Então, tudo aquilo que a gente conhece da vida de Jesus, especialmente relatada ali nos evangelhos, é, do, do Novo Testamento, e a gente, então, procura é, seguir essas, esse, esse exemplo, né!? E Jesus, realmente, utilizava de uma maneira muito, é, especial, seu tempo e, enfim, as suas habilidades pra, realmente eram uma bênção na vida das pessoas (informação verbal).¹⁶

O Dr. Antônio vê o dinheiro como sendo uma bênção de Deus, que deve ser usado sempre de maneira conveniente e para ajudar as pessoas. Já que o dinheiro é uma bênção divina, deve ser repartido com outros. Ele diz que não é pecado a pessoa ser rica, e a própria Bíblia afirma que isso não é um problema. O que as pessoas devem ter mente, segundo ele, é que o dinheiro não pode ser o principal objetivo das suas vidas. As habilidades que Deus dá a cada um, inclusive o dinheiro, deveriam ser usadas com sabedoria, com racionalidade. As próprias habilidades concedidas por Deus deveriam ser utilizadas para o crescimento pessoal, profissional e espiritual de cada um. Entre essas poderia ser incluída, também, a própria questão da *vocação profissional*, tal qual identificada por Weber (2004, p. 164), associada à ideia da *ascese cristã*.

Um dos elementos componentes do espírito capitalista [moderno], e não só deste, mas da própria cultura moderna: a conduta de vida racional fundada na ideia de profissão como vocação, nasceu — como queria demonstrar esta exposição — do espírito da ascese cristã.

Ele frisa que o adventista deve ser um imitador de Cristo e, portanto, utilizar seu tempo e suas habilidades para ser uma bênção na vida das pessoas. Como todo adventista, o Dr. Antônio relata em sua entrevista os obstáculos que enfrentou quanto à questão da guarda do sábado e como convive com isso em seu trabalho.

Oh Milton, eu queria te, te contar uma, uma situação aqui de quando eu era acadêmico ainda, estudante de faculdade de medicina, eu me lembro, foi na disciplina de neurologia, e ela tinha aulas aos sábados, e provas ao sábado. Então eu tive que, [...] aliás, não foi só essa disciplina; eu tive outras também; mas, sempre com é, com muita oração, conversando com um professor aqui, outro ali, Deus semp, eu entendo que Deus sempre abria as portas, mas essa disciplina em especial, houve uma situação em que eu fui conversar com o professor, em respeito da questão das aulas e as provas aos sábados, e ele foi muito taxativo assim comigo. Ele falou assim: menino, você desiste da medicina, desiste da, do curso porque você não serve para ser médico. Como é que um médico não trabalha aos sábados? Evidentemente que eu não, naquele momento eu não retruquei o professor, simplesmente me calei, mas, com muita oração, não só eu, como minha família, muitos outros

¹⁶ Entrevista com o Dr. Antônio, em 11 de abril de 2021.

irmãos que oravam por mim, e Deus sempre foi abrindo as portas é, e eu consegui concluir a minha, a minha graduação, fui para a pós-graduação. Também tinha lá algumas reuniões acadêmicas aos sábados e eu coloquei para minha chefe na época, que era a chefe do serviço de cirurgia, e ela também entendeu e eu não participava das, das atividades acadêmicas aos sábados. E eu entendo, assim, que Deus, Deus honra a cada filho que procura ser fiel a ele (informação verbal).¹⁷

A questão da guarda e da santificação do sábado é uma das crenças inegociáveis dos adventistas. Nesse relato, o Dr. Antônio deixa claro que enfrentou muitos óbices para poder fazer a faculdade de medicina, e que um professor do próprio curso sugeriu que desistisse da carreira médica visto ser impossível conciliar a profissão ao repouso sabático. Entretanto, ele, de forma bem resiliente, persistiu em seus propósitos de concluir a faculdade, e uma vez concluída essa etapa, também enfrentou problemas semelhantes em sua pós-graduação. A fidelidade a Deus, segundo ele, é retribuída pela própria honra divina que teria recebido. E agora formado, como conciliar o trabalho com a guarda do sábado?

Ah, em relação a, a questão do trabalho para um adventista do sétimo dia, a gente nunca deve deixar de levar em consideração a questão do sábado, já que nós somos guardadores do sábado, conforme a Lei de Deus nos determina e, então, o sábado deve ser, é, [...] o princípio fundamental da vida do cristão porque Deus assim que pede, e a gente deve ser muito fiel neste sentido, da guarda do sábado. É, eu por exemplo, na minha profissão como médico eu, já alguns anos, praticamente todos os domingos eu estou de plantão. Por exemplo, nós estamos gravando isso aqui, Milton, num domingo e eu estou de plantão e como, e assim tem sido durante todos os domingos. Justamente porque eu não faço plantão aos sábados, embora, quando precisem de mim numa situação emergencial, que é, ou os pacientes muitas vezes que operei durante a semana, que estão internados, eu nunca deixei de, de visitá-los, ou atender uma situação emergencial, porque entendo também que a atenção às pessoas que precisam da gente, elas devem ser feitas, né, as pessoas precisam ser atendidas é, em qualquer dia, até porque foi assim que Jesus deixou esse exemplo pra gente também, né. A maior parte das curas que Jesus fez, é, que a Bíblia relata, foi no sábado. Então, todos, eh, embora eu não faça plantão nos sábados, o sábado é o dia que eu tiro mais pra tá com minha família, pra ir a Igreja, pra, pras questões espirituais, mas em algum momento que precisam de mim, uma emergência, eu estou sempre disposto a, a atender e ajudar aquelas pessoas que, que, que precisam, né!? (informação verbal).¹⁸

Sua fala deixa evidente que usa o sábado para dedicar à família e à Igreja, ou seja, para dedicar as questões espirituais. Assim sendo, trabalha sempre aos domingos e raramente faz plantão aos sábados. Aqui vale salientar que o adventismo permite que se faça o bem aos

¹⁷ Entrevista com o Dr. Antônio, em 11 de abril de 2021.

¹⁸ Entrevista com o Dr. Antônio, em 11 de abril de 2021.

sábados, o que inclui o trabalho hospitalar. Nesse caso, usa-se o exemplo bíblico de Jesus, que ajudava e curava os enfermos nos dias de sábado. O trabalho de médicos, enfermeiros e outros profissionais nos hospitais aos sábados não é visto como uma transgressão ao repouso sabático. De certa forma, essa acaba sendo uma área de grande atuação dos adventistas.

A próxima entrevista realizada foi com o Sr. Edson Duarte, membro da Igreja Adventista Central de Assis Chateaubriand (PR), e que teve uma experiência internacional.

Então, eu me chamo Edson Duarte, né, e sou adventista desde de berço, no caso. Aí, me casei. Eu morava com meus pais, lógico, aí me casei e daí fui trabalhar no Japão. E lá no Japão fiquei durante dez anos lá, né, eu e minha esposa, e graças a Deus não tivemos dificuldades com o sábado lá. A gente foi contratado para não trabalhar no sábado. Aí deu tudo certo. Ficamos 10 anos e voltamos aqui para o Brasil, daí. Então, aqui no Brasil, assim, quando a gente voltou do Japão, aí eu comecei a mexer com construção civil, daí. Fazer casa para vender. Faço casa, faço casa e vendo, daí. Graças a Deus tá dando certo, daí (informação verbal).¹⁹

Segundo Edson Duarte, ele nasceu na Igreja Adventista e, depois de um certo tempo, foi para o Japão com sua esposa para trabalhar. Ele descreve que já saiu do Brasil com a confirmação de que não trabalharia aos sábados no Japão. Sua experiência em terras nipônicas durou 10 anos, retornando posteriormente ao Brasil. Fica subentendido em sua fala que ganhou dinheiro suficiente para montar seu próprio negócio no Brasil, que consistia em construir e vender casas. Até então, Edson descreve que está sendo um negócio promissor. No tocante ao dinheiro e às riquezas, assim se posiciona:

Ah, eu que é assim: Deus dá, dá riquezas pra, dá oportunidades pra todos, mas dá riquezas pra alguns mais. Eu acho que a gente é administrador da riqueza, né. O dinheiro serve para a honra e glória de Deus, mas também tem que tomar cuidado porque pode servir para perdição no caso, né. Se você não usar o dinheiro corretamente no caso, né (informação verbal).²⁰

Segundo Edson Duarte, Deus concede riquezas e oportunidades para todos, alguns mais e outros menos, e cada pessoa deve ser um fiel administrador daquilo que Deus concede. Além disso, ele menciona que o dinheiro serve para a honra e para a glória de Deus, mas, ao mesmo tempo, pode levar à perdição aqueles que não o usam corretamente. A visão dele é bem semelhante à dos outros entrevistados. Em seguida, foi questionado sobre como os

¹⁹ Entrevista com o senhor Edson Duarte, em 10 de julho de 2021.

²⁰ Entrevista com o senhor Edson Duarte, em 10 de julho de 2021.

ensinamentos da Igreja contribuem, de certa forma, para estimular o crescimento dos seus membros com relação à vida material e profissional. A sua resposta foi esta:

A igreja sempre, sempre fala que a gente deve trabalhar, deve sempre procurar o melhor, né. Mas sempre com os pés no chão. Nunca colocar o dinheiro em primeiro lugar. Mas a igreja sempre dá uma motivação prá gente crescer e depois usar os bens, no caso a riqueza, o dinheiro, no caso prá, prá ajudar a igreja, né, ajudar os irmão no caso, ajudar os próximos, os semelhantes, né (informação verbal).²¹

Aqui o entrevistado afirma que a Igreja estimula o crescimento e incentiva seus membros ao trabalho profissional. O dinheiro não pode ser colocado em primeiro lugar, mas usado para ajudar ao próximo e a própria Igreja. Com relação à ocupação profissional dos adventistas em Assis Chateaubriand (PR), Edson Duarte fez a seguinte observação:

Então, é, na verdade, a nossa igreja mesmo aqui em Assis, daqui, não tem muitos, muito irmão que mexe com o comércio no caso, né. Mas, os poucos que têm, que eu saiba, oferece empregos para os nossos irmãos no caso, né. Agora, quando não tem oportunidades, eu acho que devem procurar um concurso público. Se eu não me engano, nos concursos públicos na maioria não trabalham nos sábados, né. Aí eu acho que é mais fácil tentar um concurso público, né. E quando achar um privado também, daí conversar né, falar sobre, falar que não trabalha no sábado e tal. Tem muitas firmas que dá os sábados livres, mas já é um pouco mais complicado. Eu acho, no meu ponto de vista, concurso público seria o ideal no caso (informação verbal).²²

Ele descreve que não há muitos adventistas comerciantes na cidade, e os poucos que existem empregam outros adventistas. Segundo ele, uma alternativa viável seria concursos públicos pelo fato de não trabalhar aos sábados. Para a colocação de adventistas na iniciativa privada, é imprescindível que falem de sua fé e da sua abstenção de trabalho aos sábados. Edson aponta que já tem algumas empresas, ainda que poucas, que concedem o sábado para os adventistas, e, a respeito dos próprios membros empresários da Igreja e dos demais membros, nota-se a solidariedade entre eles:

Sim, se solidarizam sim. Tem, que nem do caso da Ester (pseudônimo), tem o Chico da seguradora que ele também emprega irmãos da igreja. Tanto irmãos da igreja quanto de fora também. Porque o caso não só é empregar irmãos da igreja. Irmãos não só é os da igreja no caso. O certo seria todos, os de fora também, todos somos irmãos, né. Mas a gente procura ajudar sim. No meu caso mesmo lá eu, de vez em quando, já aparece algum irmão da

²¹ Entrevista com o senhor Edson Duarte, em 10 de julho de 2021.

²² Entrevista com o senhor Edson Duarte, em 10 de julho de 2021.

igreja que é pedreiro, no caso, que já trabalhou comigo também. A gente tenta se solidarizar sim (informação verbal).²³

Edson Duarte cita dois empresários adventistas da cidade, e a si próprio, que empregam outros membros da Igreja em suas empresas. Ele acrescenta ainda que os funcionários não somente adventistas, mas também pessoas de outras religiosidades. Desde o início da Igreja adventista em Assis Chateaubriand (PR), verifica-se a presença de relações espirituais e profissionais entre os membros do *adventismo*. A pioneira Dalila Carniatto relembrou isso em sua entrevista: “também a farmácia do meu marido empregava alguns e nessa loja de tecidos que chama Casa Matos, que era de um membro da igreja adventista, deu emprego para muitos adventistas também. A Ester também deu muitos empregos” (informação verbal).²⁴

Com relação à experiência dos 10 anos que passou no Japão, Edson mencionou que foi preciso colocar à prova sua fidelidade para com a guarda do sábado e os demais princípios da Igreja.

No começo quando eu fui, fui pro Japão, a gente estava com muito medo, né, porque lá é outro país. Nós fomos para não trabalhar no sábado, né. Aí chegou, chegamos lá na primeira semana, primeiro sábado no caso, já falamos que não íamos trabalhar no sábado. Aí, não fomos né. Na segunda-feira o chefe já falou: mas vocês não vão trabalhar no sábado mesmo? Aí eu e minha esposa falamos: não, nós já viemos combinando pra não trabalhar no sábado. Aí ele falou: não, tudo bem, aí ele continuou insistindo, mas daí nos falamos que se vocês quiserem que a gente trabalha no sábado, a gente volta pro Brasil. Aí ele viu que a gente estava fiel no que a gente tem, no que a gente acredita, aí ele liberou o sábado. Ficamos 10 anos e nunca mais ele falou que, que precisaríamos ir trabalhar no sábado. Aí, eu acho que foi uma prova que a gente passou, porque eu sei que no final deu tudo certo. Ficamos os 10 anos e até hoje eles falam que se a gente quiser voltar pro Japão, as portas estão abertas pra gente porque a gente conseguiu, a gente foi fiel naquilo que a gente acredita, no caso que é a guarda do sábado (informação verbal).²⁵

De acordo com Edson Duarte, ele e sua esposa já tinham saído do Brasil para trabalhar no Japão com tudo acertado sobre a guarda do sábado. Contudo, uma vez no Japão, percebeu que seu chefe começou a cobrar o trabalho no dia sagrado. Ele manteve-se intransigente nessa questão e chegou até mesmo a dizer que renunciaria ao emprego e voltaria para o Brasil, caso não conseguisse o sábado livre. Isso foi uma grande prova para ele, mas a sua fidelidade a

²³ Entrevista com o senhor Edson Duarte, em 10 de julho de 2021.

²⁴ Entrevista com a senhora Dalila Visoto Carniatto, em 11 de setembro de 2021.

²⁵ Entrevista com o senhor Edson Duarte, em 10 de julho de 2021.

esse princípio foi fundamental para ter conseguido a abertura na empresa e ter ficado lá por 10 anos. O prêmio maior para ele é saber que conseguiu e que ainda as portas ficaram abertas para uma possível volta ao emprego.

A entrevista a seguir foi feita com o Sr. Douglas Martins, que é membro da Igreja Adventista do Jardim Araçá, em Assis Chateaubriand (PR).

Meu nome é Douglas Martins, eu sou adventista do Jardim Araçá, Assis Chateaubriand. É, eu vou aqui falar um pouquinho da minha vida, a visão né, da igreja. É, antes de me tornar adventista eu fui 13 anos de uma Igreja pentecostal e, mais antes disso, eu fui 25 anos de Luterano, né. Eu nasci numa igreja luterana e agora faz 2, quase 3 anos que estou na igreja adventista. Então, vamos dizer que de adventismo tem pouquinho tempo. Eu trabalho com educação física, sou professor das duas vertentes, né, professor de treinamento. Então trabalho na área de treinamento e trabalho na área pedagógica de educação física escolar. Essa tem sido minha ocupação profissional nos últimos 15 anos, né. É, a Igreja ela contribui só que, paralelo a isso, a igreja ele contribui muito para o crescimento profissional também, né, e espiritual. Então, as duas coisas acredito que andam juntas. A vida profissional e a vida espiritual andam juntas. Principalmente porque, eu acredito que a Bíblia seja um manual completo de tudo que o ser humano pode fazer. Então, desde a área familiar, a área profissional, a área social, a área eclesial, né. Então, a Bíblia ela é esse, esse caminho, a Bíblia oferece esse norte pra nossas vidas (informação verbal).²⁶

Inicialmente, Douglas Martins descreve sua experiência espiritual por 28 anos como Luterano e depois em uma Igreja Pentecostal. Tornou-se adventista há apenas três anos. É bom destacar que o *adventismo* atual também é marcado pela sua composição eclética, assim como ocorreu nos primórdios dessa religiosidade no século XIX. Outros entrevistados salientaram sobre suas vidas pregressas antes do *adventismo*. Douglas Martins é professor de educação física e atua na área de educação e de treinamentos. Ele afirma que a Igreja Adventista estimula o crescimento profissional e espiritual de seus membros, e que essas duas coisas estão interligadas. Por último, descreve que a Bíblia funciona como uma bússola no sentido de servir de orientação para todas as instâncias da vida. Em seguida, Douglas se posiciona quanto à questão do dinheiro e das riquezas:

Quando se trata de dinheiro, riqueza, oh, eu acredito o seguinte: Deus não nos deixou, Ele não nos deixou para todos serem da mesma forma. Eu acredito que Deus dá também um talento administrativo, talento para obter recursos, isso também é um talento né? Muitas pessoas têm mais recursos financeiros, muitos cristãos tem mais recursos financeiros que outros. Então,

²⁶ Entrevista com Douglas Martins, em 1º. de maio de 2021.

aquela visão de que a riqueza é para todos, uma visão é bem, vamos dizer, pentecostal, eu não acredito que seja assim. Deus, Ele coloca você num setor da sociedade, numa classe social, e Ele inseriu você ali. Não que você não possa almejar melhorar, né? Só que, quando eu penso assim, riqueza mesmo, enriquecer, né? eu acho que Deus deu esse talento para uns e para outros não, né? Só que eu reafirmo aqui que é procurar sempre estar melhorando na sua área financeira, isso é um dever né, de cada um. Porque também o nosso Deus não é um Deus de miséria, né? Eu me refiro aqui a riquezas extremas, né? (informação verbal).²⁷

Segundo Douglas Martins, o dinheiro e os talentos não foram concedidos por Deus a todos na mesma proporção. Algumas pessoas têm mais capacidade do que outras para a obtenção do dinheiro e das riquezas. Entretanto, cada um deve procurar estar sempre melhorando a sua vida financeira, algo que se aproxima do *calvinismo* histórico identificado por Weber (2004, p. 148):

Se Deus indica um caminho no qual, sem dano para vossa alma ou para outrem, possais ganhar nos limites da lei mais do que um outro caminho, e vós o rejeitais e seguís o caminho que vai trazer ganho menor, então estareis obstando um dos fins do vosso chamamento, estareis vos recusando a ser administrador de Deus e a receber os seus dons para poderdes empregá-los para Ele se Ele assim o exigir. (WEBER, 2004, p. 148)

Como todo adventista, Douglas Martins também descreveu a sua experiência com relação à guarda do sábado e qual o impacto do repouso sabático no seu mercado de trabalho.

Profissionalmente eu não tenho, é, problemas, né, quanto a guarda do sábado e tal, existem umas leis agora. Eu sou autônomo. Eu estou trabalhando praticamente só na área de treinamento. Então, eu sou autônomo, eu tenho a minha liberdade do sábado de prestar culto a Deus. E o sábado, guardar o sábado, né, não tenho esse problema. É, quando estava residindo em Curitiba eu também praticamente eu não tinha, né. Eu poderia optar em trabalhar ao sábado? Não. Eu trabalhava lá as vezes, né, mas eu trabalhava numa área, no sábado, mais na ação social do meu próprio trabalho, né, que era da rede de educação cristã, aonde no sábado eu oferecia o meu tempo pra ensinar crianças etc., e onde era uma escola confessional cristã, né, então o sábado era colocado pra isso. Então, eu não via problema. Aliás, sábado pra mim, se eu contar realmente o sábado, é, remunerado, última vez, o último sábado remunerado que eu tive, foi em 2006. Nisso, até início de 2007. Depois eu nunca mais trabalhei sábado remunerado. Sábado, eu não era adventista, eu sou adventista há quase 3 anos aproximadamente. Então, o sábado pra mim não é um obstáculo, né (informação verbal).²⁸

²⁷ Entrevista com Douglas Martins, em 1º. de maio de 2021.

²⁸ Entrevista com Douglas Martins, em 1º. de maio de 2021.

Douglas Martins também cita as leis que protegem os adventistas no tocante ao repouso sabático, mas como é autônomo, não vê nenhum problema quanto a isso. Antes de vir para Assis Chateaubriand (PR), trabalhou em Curitiba (PR) em escolas confessionais e utilizava os sábados para fazer uma espécie de trabalho social não remunerado para com as crianças. Ele lembra que trabalhou aos sábados de forma remunerada até 2007, porém, depois que se tornou adventista, nunca mais trabalhou nesse dia.

Com respeito ao mercado de trabalho para os adventistas em Assis Chateaubriand (PR), Douglas tem a seguinte ideia:

Não dá pra dizer que todo adventista vai ser empreendedor. O empreendedor é um, oh, tem pessoas que nasceram para liderar, tem pessoas que nasceram para ser lideradas. Tem pessoas que nasceram pra terem um projeto, é, profissional próprio; tem pessoas que nasceram pra servir a um projeto de outro. Não adianta dizer que tem. Então, se for analisar assim, se uma pessoa que não tenha um dom empreendedor, ele nasceu pra simplesmente pra ser empregador, empregado. É, seria estratégia, então, ele trabalhar pra um adventista. Seria estratégia. Agora, dizer que todos podem ser empreendedores, que todos podem trabalhar nessa mesma área, não tem como. Ah, sempre terá, sempre terá aquele que vai precisar ser um empregado. Aí, trazendo pra própria cidade local aqui, de 35.000 habitantes, não tem muito empregador adventista. Temos poucas lojas. Então, ou seja, a opção é trabalhar no meio secular. Ali ele vai, daí, ser desafiado com o sábado, né. Ali ele vai ser desafiado com o sábado. Então, é, é uma questão de oportunidade (informação verbal).²⁹

Mais uma vez, o recém-convertido menciona a questão da capacidade e como ela não é concedida a todos na mesma proporção. Alguns têm capacidade de ser empreendedores e outros uma vocação mais acentuada para as atividades na iniciativa privada, como empregados. Do ponto de vista estratégico, seria, então, interessante que o empregado trabalhasse para um adventista empreendedor. Devido às limitações de empregadores adventistas na cidade, segundo ele, resta como opção aos demais o trabalho na iniciativa privada, tendo que, entretanto, confrontarem-se com a questão da guarda do sábado.

Para analisar a experiência de um membro adventista a respeito de fluxos e refluxos ao longo da sua vivência no *adventismo*, a próxima entrevistada foi uma jovem estudante universitária.

Bom, meu nome é Sara e eu tenho 21 anos e sou adventista desde 2016. É, eu saí da igreja em 2018, comecei de 2018, e retornei em 2019, por problemas pessoais. Não, questão assim, de trabalho, mas, o que me

²⁹ Entrevista com Douglas Martins, em 1º. de maio de 2021.

incentivou realmente a sair foi a perda muito grande da minha mãe e questão disso, também, foi o que impulsionou também, foi a minha faculdade. Bom, antes de eu falar de estudante, eu só estudava cursinho e ficava em casa, ajudava minha mãe, não tinha trabalho na época. Então, 2018, como eu saí da Igreja, fui por conta que tava trabalhando. Precisava trabalhar. Não tinha minha mãe e também tava fazendo faculdade. E naquela época de fazer faculdade, é, eu era muito quetona, muito quetinha. E eu não conseguia me expressar, não conseguia falar. Então, quando eu entrei na faculdade, a coordenadora de curso não me deu brecha para eu tá falando com ela em relação às sextas-feiras. É, foi assim, um pouco meio confuso que eu cheguei perto dela com a carta, é, a carta do pastor em relação ao sábado, a sexta-feira e ela falou que não tinha o que fazer comigo. Simplesmente não tinha o que fazer. Aí eu, na época, ela falou: você vai reprovar e eu não tenho como te ajudar. Você vai reprovar e você tem até 7 anos pra terminar o curso. E eu fiquei muito desanimada. Muito desanimada. Fui conversar com meu pai e meu pai falou: então foi tem que escolher alguma coisa – ou a faculdade ou a igreja. E aí eu escolhi a faculdade (informação verbal).³⁰

Sara descreve sua saída da Igreja Adventista em 2018 por causa de questões pessoais, como a morte da sua mãe e seus estudos na faculdade. Ela sempre ajudava sua mãe em casa porque não tinha trabalho na época. Com a morte da mãe e pelo fato de estar fazendo faculdade, foi trabalhar, e isso ocorreu quando já estava fora da igreja. Sara relata que era tímida na faculdade e que isso a bloqueava no sentido de externar à coordenadora do curso para que ela falasse sobre a questão do repouso sabático (aulas sextas-feiras à noite). O recurso que ela usou foi levar uma carta do Pastor da Igreja Adventista para a coordenadora, a qual a desencorajou de continuar a faculdade, uma vez que seria reprovada por não frequentar as aulas aos sábados. Essa é uma situação idêntica a que aconteceu com o Dr. Antônio na sua época de universitário. A coordenadora argumentou que não poderia fazer nada por Sara, que ficou muito desanimada. Assim, ela foi aconselhar-se com seu pai, que lhe apresentou dois caminhos: a faculdade ou a Igreja. Conforme entrevistas anteriores, muitos adventistas encontram-se nessa encruzilhada devido à questão da guarda do sábado. E qual foi a escolha da Sara?

E aí eu escolhi a faculdade. Só que aí, como foi passando os anos, caso foi passando os meses e eu comecei a desenvolver mais na faculdade. Aí eu tinha o estágio também que eu tava fazendo e eu comecei a ter meu dinheirinho e não trabalhava no sábado. Não fazia nada no sábado. Tinha todo, essa minha rotina no sábado. Só que na sexta-feira a noite eu estava na faculdade. Aconteceu que eu, em 2019, finalzinho de 2019, eu, mudou de coordenadora. Até então tinha travado com a coordenadora e não tinha nem como conversar com ela. Aí mudou de coordenadora de curso e eu cheguei perto dela e falei: oh, eu não estou me sentindo bem de vir na sexta-feira

³⁰ Entrevista com Sara, em 1º. De maio de 2021.

estudar e eu queria muito que, que você me desse a permissão de tá me retornando a igreja, que eu pudesse realmente retornar a minha religião, sem ter essa consciência de que eu vou ter que reprovar, que vai me ajudar, que vai me apoiar dentro da faculdade. E aí ela me deu o maior apoio. Eu nem precisei de uma carta, enfim, meu exemplo lá na faculdade, nem precisei disso. Ela simplesmente orientou os professores e daí eu consegui retornar a minha, a minha igreja. Aí eu me orientei certinho e voltei e consegui também auxiliar como na minha faculdade. Então, em 2019, até 2021, até agora, eu tô certinha em relação a igreja e também a minha faculdade que agora não tenho mais esse problema (informação verbal).³¹

A escolha da faculdade ajudou Sara a resolver também seu problema de timidez. As coisas começaram a fluir mais naturalmente, e o estágio e o ganho de um pouco de dinheiro, sem precisar de trabalhar aos sábados, renovaram nela as esperanças. No entanto, Sara ainda continuava a frequentar as aulas nas sextas-feiras à noite, algo que pesava sua consciência e fazia com que sentisse culpa pela transgressão do mandamento bíblico. A mudança na coordenação do curso na faculdade deu uma abertura à Sara para conversar e expor seu problema. A nova coordenadora compreendeu a situação dela e acabou orientando os docentes do curso para aqueles que pudessem encontrar alternativas para o caso dela. Com isso, Sara pôde retornar à Igreja e agora está com a consciência tranquila com relação à sua fé religiosa. De um modo geral, os adventistas são bastante resilientes nessa questão de encontrarem soluções para contornar o repouso sabático.

Sara descreveu seu primeiro trabalho e como, de certa forma, os membros da igreja adventista local estabelecem entre eles alguns laços de solidariedade, tendo em vista os obstáculos comuns que enfrentam no mercado de trabalho devido ao repouso sabático. O pertencimento ao *adventismo* requer um compromisso de cada um com sua vocação profissional e com sua espiritualidade.

Então, realmente, todo membro da igreja aqui, ele tem a escolha da vida profissional. Tanto é que o meu primeiro emprego, quando eu entrei aqui, o meu primeiro emprego foi com a Ester. Ela é uma irmã aqui da Igreja, em que ela tem um estabelecimento comercial. Então, ela que, eu tive minha primeira experiência profissional com ela, Então, ela me deu essa oportunidade, como ela dá pras outras adolescentes, outras pessoas que entram na igreja em relação a isso. Pra você vê que não é ..., tipo assim, é difícil, porque eu estava na faculdade, não tava fazendo nada. Então, uma experiência que você tem, que realmente é importante. Mas, isso também é empreender. Talvez, a maioria daqui da igreja eles empreendem. Então, eles

³¹ Entrevista com Sara, em 1º. de maio de 2021.

trabalham pra eles, pra realmente, ter essa conciliação com o sábado, com o sábado, com a sexta-feira à noite, porque é bem difícil (informação verbal).³²

Aqui Sara relata seu primeiro trabalho e como um dos membros da igreja, no caso específico a Ester, abriu as portas do mercado de trabalho para ela e mais alguns outros fiéis. Ela deduz que a grande maioria dos membros da sua igreja se torna empreendedora porque esse é um caminho que permite conciliar o trabalho com a guarda do sábado. Ou seja, as dificuldades de colocação no mercado de trabalho para os adventistas devido ao repouso sabático acabam contribuindo para que muitos dediquem-se ao empreendedorismo. Após essa primeira experiência no mercado de trabalho, Sara conta as suas ocupações atuais.

É, atualmente eu estou trabalhando como atendente na APAE. Então, durante a semana eu trabalho certinho. Na sexta à noite não trabalho e no sábado também. Como é escola não tem essa obrigação de trabalhar no sábado. Então. É bem mais tranquilo em relação a isso. Bom, a igreja, os ensinamentos da igreja em relação a escolha profissional, foi, na minha vida, sim, não foi tão relevante porque, eu falo que o curso que me escolheu, e aí depois eu tive que modificar em relação à igreja. Mas, a igreja realmente me ensinou a rever os meus pensamentos, a rever minha vida, rever minha atitude em relação a uma escolha de profissão, o que eu quero pra minha vida, o que eu quero colher aqui, o que eu realmente necessito colher aqui. Você plantar aqui pra colher no futuro (informação verbal).³³

Para Sara, trabalhar na APAE como atendente tem a vantagem de não precisar ir aos sábados e, por isso, ela não enfrenta complicações no trabalho e na Igreja. A escolha do curso superior (curso Biologia no Instituto Federal do Paraná) não teve influência da Igreja, mas os ensinamentos religiosos têm norteado seu projeto de vida e servem como orientações para aquilo que ela almeja.

Em seguida, Sara fala sobre como faz para compensar as perdas das aulas e dos trabalhos aos sábados e se isso é um obstáculo ou estímulo para os adventistas.

Eu acho assim: O adventista, o estudante adventista, ele deve se destacar, tanto como funcional, como aluno. Ele deve se destacar. Então, ele deve ser um excelente aluno, deve ser um aluno organizado, um aluno dedicado. Então, ele deve estar disposto a tudo. Ele realmente tem de estar disposto a tudo. Eu, dá um exemplo meu, tem professores agora na minha turma que eles não fazem aulas sextas e eles sabem, provas, exemplo provas de recuperação, esse ano eu não fiz provas de recuperação. Então ele falou: Já que a Sara não fez, lá no Google Meet, já que a sala não fez provas de recuperação, vamos fazer a prova de recuperação na sexta. Então, assim, os

³² Entrevista com Sara, em 1º. de maio de 2021.

³³ Entrevista com Sara, em 1º. de maio de 2021.

professores já sabem: eu me destaquei, eu realmente me dediquei e mostro a minha dedicação como aluna, como profissional. Então, assim, eles realmente, eu não preciso ficar toda hora falando: professor eu não venho na sexta, né. Chefe, eu não venho na sexta. Não, eles sabem que eu não venho. Eu me destaco como funcionário e também como aluna (informação verbal).³⁴

Para Sara, o acadêmico adventista precisa ser sempre o melhor e estar disposto a tudo. Isso inclui a dedicação e a organização para que se destaque. Ela cita a si mesma e como conseguiu superar a questão da guarda do sábado tanto na faculdade quanto no seu trabalho. Sua dedicação aos estudos e ao trabalho fez com que conquistasse o respeito e a abertura com os professores e seu chefe. Agora, segundo ela, as coisas fluem naturalmente e todos sabem que ela é fiel à guarda do sábado e, por isso mesmo, conquistou essa abertura. O adventista tem que se destacar como aluno ou como funcionário. Tem-se aqui, de certa forma, um resgate das condutas do *metodismo* wesleyano.

Nessa primeira parte do capítulo, buscou-se compreender, por meio das entrevistas, como os adventistas se organizam e conciliam seus preceitos religiosos com a vida pessoal e profissional. Em todas as entrevistas, nota-se como a disciplina, a determinação e a resiliência estão enraizadas entre os membros do *adventismo*. A seguir, o texto concentra-se em como os adventistas encaram o futuro do ponto de vista material e espiritual e como isso impacta seus modos de vida criando, dessa forma, uma ponte com a cultura capitalista.

3.2 COM OS PÉS NA TERRA E OS OLHOS NO CÉU: DESAFIOS E PARADOXOS DAS REALIDADES DO ADVENTISMO CHATEAUBRIANDENSE

Como descrito nas páginas anteriores, a essência do *adventismo*, como diz o próprio nome, é a volta de Jesus à Terra para salvar os escolhidos. Essa era mensagem do *milerismo* de 1844 e continuou sendo nos 177 anos após o *desapontamento*. A grande questão que se levanta é como se equilibrar na promessa da breve volta de Jesus, de um lado, e nos deveres e afazeres intramundanos, de outro. Em outras palavras, é possível estar preparado como se Jesus voltasse amanhã e trabalhar e conduzir os projetos seculares como se Ele voltasse daqui

³⁴ Entrevista com Sara, em 1º de maio de 2021.

a 100 anos? Weber (2004, p. 160) descreve isso como a possibilidade de “aproveitar o melhor de cada mundo”. E como os adventistas de Assis Chateaubriand veem essa questão?

Olha. Na minha opinião, minha questão é assim: Eu, eu tenho que vigiar meus pensamentos, minhas atitudes todos os dias, como que Jesus já tivesse a porta de voltar. Só que eu também não posso, e através disso, as pessoas têm que ver em mim um rapaz responsável, de caráter, de família, né, pra que eu não fique também perambulando: ah, já que Jesus vai voltar eu não preciso mais trabalhar, não preciso mais preocupar! Pelo contrário. A nossa imagem é o cartão postal para as pessoas que estão lá fora. Uma pessoa me viu e disse: nossa! Você é tão jovem e tem carro, tem casa, tudo certinho. E eu já tenho sua idade e não tenho nada disso. E Jesus vai voltar, porque que você é, se preocupa tanto? Eu falo: Se eu não me preocupar com aquilo que eu tenho porque Deus me deu, Ele é o dono e eu sou apenas um mordomo. Então, tenho que cuidar das coisas daqui da Terra. Mas, quando Ele voltar, meu coração e pensamento tem que tá focado Nele, pois Ele é o dono de tudo. Essa é minha concepção. Uma pessoa que não cuida das suas coisas que tem aqui na Terra, ah, porque Jesus vai voltar amanhã, eu acho que tá sendo um mal mordomo (informação verbal).³⁵

Essa é a concepção de João Leandro Neto. Para ele, é necessário ser sóbrio e vigilante com suas atitudes e pensamentos como se Jesus voltasse agora. Entretanto, isso não o isenta de cumprir com suas obrigações terrenas. Pelo contrário, João acredita que tem que se preocupar com sua imagem, com seu nome. Ele mesmo descreve que uma outra pessoa até falou das suas conquistas materiais e o questionou por que isso se Jesus está prestes de voltar. Para João Leandro Neto, cada um deve ser um fiel mordomo daquilo que adquiriu, mas sem estar com o coração focado nessas coisas materiais. Esse seria o equilíbrio ideal. Segundo ele, “para se tornar adventista tem que ter muita fé em Deus. Ele me abriu várias portas depois disso. Eu agradeço Ele até hoje. Não é fácil ser adventista, mas se a pessoa realmente quer fazer a vontade de Deus, Deus, Ele não vai te deixar na mão. Eu sou prova viva. Eu sou prova viva disso” (informação verbal).³⁶

Com certeza. E eu estímulo meus filhos a isso. É, eles têm que estudar e tem que fazer pós e tenho que ter netos. Quero netos. Então, assim, não me importo se Jesus, não importo não, da seguinte maneira: Jesus, Ele pode voltar amanhã ou pode voltar daqui a 50 ou 100 anos, mas a nossa vida, ela tem de estar de acordo com a vontade Dele em todos os sentidos, em todos os dias da nossa vida. Então, todos os momentos eu vivo preparada como se hoje fosse o último dia, mas sonhando e, éh, ampliando os meus negócios, e construindo, e progredindo, com meus filhos, com meus netos, e sonhando,

³⁵ Entrevista com João Leandro Neto em 11 de abril de 2021.

³⁶ Entrevista com João Leandro Neto, em 11 de abril de 2021.

assim, como se Ele fosse demorar uns 50, 100, 200 anos ainda para voltar (informação verbal).³⁷

Para a empreendedora Ester, os projetos aqui na Terra - ampliar seus negócios e estimular seus filhos ao progresso - devem continuar porque Jesus poderá voltar amanhã ou daqui a 100 anos. Ela vive preparada a cada dia e ao mesmo tempo continua com seus sonhos, como a ampliação dos seus negócios materiais. Sua segunda loja de produtos naturais, por exemplo, foi recentemente inaugurada. Ela procura passar essa visão para suas outras gerações e declara que “ser adventista é um estilo de vida, é algo maravilhoso, que a gente vê que é muito de Deus” (informação verbal).³⁸ Sobre seus negócios e a dedicação ao trabalho Ester declarou que:

quando eu me propus a abrir as lojas, sempre pensei que se me sobrasse o valor equivalente ao que eu ganhava antes, ou um pouco mais, já estaria bom demais. Porque trabalhar, nós temos que trabalhar e sempre trabalhar, não é? Então, assim, mas só que, com com o trabalho, com esse trabalho, e você vê, quando você é o dono, do próprio negócio, você vê que quando você se propõe a trabalhar, a mais trabalhar, lógico que a sua renda é maior, não é? Quanto mais você faz, mais você tem como rendimento (informação verbal).³⁹

Esse pensamento tem uma certa sintonia com outros adventistas da cidade, como a jovem Sara:

Quando eu vi essa pergunta falei: nossa! Que interessante! E é verdade. E é realmente isso. Eu nunca imaginei que eu colocaria isso em prática e é isso. A gente tenta ser um bom cristão, tenta ser uma boa pessoa, tenta se dedicar ao trabalho, aos estudos, ter um projeto, ter um foco. Mas, a gente fica tão feliz em saber que pode ser que Jesus possa voltar amanhã, ou hoje, ou daqui a pouquinho. E, também, a gente fica muito animado em realizar projetos daqui 10, 20 anos. Eu mesma tenho, eu tenho projetos, eu tenho sonhos, sim, prá metas daqui a 10, 20 anos. Mas, eu tenho, também, meu coração queria, arde como cristã, em fôlego, como se Jesus volte amanhã. E dá para conciliar realmente isso. Dá pra ter éh, essa questão, assim, bem, bem nítida na nossa mente cristã (informação verbal).⁴⁰

Sara, como os demais adventistas, vive com o dilema de projetar seus sonhos seculares e, ao mesmo tempo, ansiar pela volta de Jesus. Ela acha que é possível a conciliação e tem

³⁷ Entrevista com a senhora Ester (pseudônimo), em 08 de abril de 2021.

³⁸ Entrevista com a senhora Ester (pseudônimo), em 08 de abril de 2021.

³⁹ Entrevista com a senhora Ester (pseudônimo), em 08 de abril de 2021.

⁴⁰ Entrevista com Sara, em 1º de maio de 2021.

planos e metas para curtos prazos entre 10 e 20 anos. Assim, vive com seus sonhos e projetos aqui na Terra, mas com a esperança da breve volta de Jesus.

É assim que tem que ser. É, não é porque Jesus vai voltar que a gente cruza os braços. Tanto que pode ser que Ele não volte na nossa geração, né? Nós devemos viver nossa vida, viver os sonhos. É, a gente, eu trabalhei com jovens muito tempo em igrejas, né. O que a gente ensinava e o que a gente via de dúvidas em relação a eles é isso, né. Poxa! Se Jesus vai voltar porque que eu vou me dedicar demais numa faculdade? Por que eu vou me virar um doutor? Eu falei assim: mas isso não é uma forma muito depressiva de se pensar, né. Você tem que fazer da sua vida aqui, dá o máximo. Você tem que aprender inglês, tem que aprender um instrumento musical, você tem que se esforçar pra se graduar, pra se pós graduar. Eu acho que aqui o conhecimento é assim. Você tem que ter essas, eu digo, esses projetos, né? Mas sempre conciliado com a palavra de Deus (informação verbal).⁴¹

Já as palavras do pragmático Douglas Martins indicam que, para ele, pode acontecer de Jesus nem voltar na geração atual e, por isso mesmo, cada um tem que continuar sua vida e seus sonhos. Assim, ele orienta os jovens com os quais trabalha a fazer sempre o máximo e ter projetos para seus crescimentos. Tudo isso, contudo, deve ser feito em harmonia com a palavra de Deus. Quanto aos seus planos, Douglas os descreve de forma bem clara:

Vamos dizer assim: eu conheço muitos adventistas lá de Curitiba e eles são loucos pra irem pra o UNASP (Centro Universitário Adventista de São Paulo). Porque lá eles têm tudo; eles podem lá, né, eu mesmo, eu mesmo trabalhei 10 anos em 3 escolas cristãs, interdenominacional, evangélica, confessionais. E, eu mesmo gostaria muito de trabalhar na escola adventista, vou dizer assim, dar educação física escolar lá, né. [...] Quais são os meus projetos? Oh, eu pretendo dar aula numa faculdade, esse é um projeto meu, né. É, eu estou fazendo duas pós-graduação, aí, eu iniciei o mestrado, mas teve que ser interrompido. Então, são projetos que eu tenho. Eu tenho e eu não vou parar (informação verbal).⁴²

Douglas fala de trabalhar na Universidade Adventista de São Paulo ou de dar aulas em uma outra faculdade. Além disso, está fazendo duas pós-graduações e chegou a cursar o mestrado, mas não conseguiu concluí-lo. Esses projetos serão continuados por ele e, de certa forma, isso se concilia com a ideia de trabalhar e dar sequência aos projetos de vida intramundana como se Jesus voltasse daqui a 100 anos.

Sim. Na minha opinião é possível, se você não colocar o trabalho em primeiro lugar e ficar aquela agonia pra, nossa!, eu tenho que ganhar

⁴¹ Entrevista com Douglas Martins, em 1º. de maio de 2021.

⁴² Entrevista com Douglas Martins, em 1º. de maio de 2021.

dinheiro e trabalhar, trabalhar e não tirar o tempo pra vir na igreja, prá falar com Deus, orar. Se você fica naquela agonia de só querer ganhar dinheiro, ganhar dinheiro, aí não dá, tem que colocar Deus em primeiro lugar, na minha opinião que eu acho que é. Colocar Deus em primeiro lugar porque dinheiro, no caso, você tem que ter o dinheiro pra sobreviver no caso, né. Não é se acomodar, falar que não preciso trabalhar porque vai acabar o mundo, tal, eu não preciso, tem que viver, trabalhar como se Deus viesse, no caso, viesse daqui 50 anos, 100 anos, mas está preparado como se ele viesse hoje, na minha opinião, no caso (informação verbal).⁴³

Essa é a opinião do Edson Duarte. Para ele, é necessário que o membro da Igreja saiba conciliar a sua busca incessante por trabalhar e para ganhar dinheiro com a sua espiritualidade. Deus deve ser colocado em primeiro lugar, e o dinheiro deve ser visto como sendo uma necessidade para a sobrevivência das pessoas. Ele ainda acrescenta que não se deve acomodar porque o mundo vai acabar. Jesus poderá vir daqui a 50 ou 100 anos e, por isso mesmo, tem que trabalhar e viver sempre preparado como se Ele viesse hoje mesmo. Edson Duarte descreve ainda sobre seus planos futuros e desafios de ser adventista na contemporaneidade:

Não, é, eu pretendo, assim, continuar no mesmo ramo que eu tô, assim, pra fazer minhas casinhas devagarzinho, e o meu objetivo mais é, procurar, estudar os meus filhos porque eu tenho 3 meninos, daí eu procuro, meu objetivo agora é só estudar eles, né. Dá um estudo bom pra eles, pra eles conseguir uma carreira no futuro, assim, bom né. Confortável no caso, né. [...] O recado que eu dou é que se você coloca nas mãos de Deus, você não vai ter nenhum obstáculo. Você vai ter obstáculo, mas Deus vai abrir as portas para você. Porque, que nem no meu caso, eu não tenho nem estudo, não tenho estudo, mas daí Deus abriu as portas, as portas pra mim, e apareceu essa oportunidade de ir para o Japão e lá deu tudo certo. Não precisei trabalhar nenhum sábado e daí eu consegui sobreviver até hoje, né (informação verbal).⁴⁴

Edson planeja continuar no ramo da construção civil, construindo e vendendo casas, e tem como objetivo maior oferecer boas condições de estudo para seus três filhos pequenos. Ele está pensando no futuro dos seus filhos e almeja que alcancem uma carreira promissora e, assim, possam viver confortavelmente. Ele relembra ainda que, quando se coloca tudo nas mãos de Deus, as portas se abrem, citando sua própria experiência no Japão e de como a guarda do sábado nunca foi um empecilho para o exercício profissional, mesmo não tendo estudos.

⁴³ Entrevista com o senhor Edson Duarte, em 10 de julho de 2021.

⁴⁴ Entrevista com o senhor Edson Duarte, em 10 de julho de 2021.

Existe uma frase que eu acho que, é, define bem essa situação, ah, oh Milton, é assim: a gente tem que estar com os pés na Terra e os olhos no céu. Nós estamos aqui nesse mundo, nós temos os nossos compromissos, pessoais, profissionais, éh, todos nós seres humanos temos vontade de nos desenvolver, crescer como pessoas, como profissionais, até financeiramente; não há nada de errado nisso, mas a gente tem que ter a noção bem clara de que nós estamos aqui de passagem. E a nossa esperança de verdade não é o que vai acontecer nessa, nessa vida, mais é a vida eterna. Como Paulo disse, devemos olhar não para as coisas que se veem, mas para as coisas que não se veem. Porque o que se vê é passageiro. E aquilo que a gente não consegue ver, que é aquilo que Deus tem preparado pra gente, a vida eterna, é o que realmente vai valer a pena de verdade. Então, é a gente tem que ter esse equilíbrio pra conciliar a vida aqui na Terra, o crescimento familiar, pessoal, profissional, mas sempre com a ideia muito clara de que essa vida não é o fim, não é o fim tudo. Aqui nós estamos de passagem. O que realmente importa é o preparo pra vida eterna. [...] Deus sempre honra a fidelidade dos seus filhos. Eu acredito muito nisso, confio nisso, e assim que procuro seguir a minha vida pessoal e a minha vida profissional, sempre buscando a presença de Deus em todos os aspectos da minha vida (informação verbal).⁴⁵

A fala do Dr. Antônio reflete, de um modo geral, a essência do *adventismo*: ter os olhos no céu para aguardar a chamada bendita esperança da volta de Jesus, mas com os pés na Terra, no sentido de continuar os projetos, os sonhos e as vidas profissionais. Segundo ele, faz parte da realidade humana a ideia de que as pessoas devem desenvolver-se profissional e financeiramente. Não há nada de errado nisso. Entretanto, é preciso ter a consciência de que, aqui na Terra, tudo é passageiro, e a busca pela vida eterna é o que realmente vale a pena. Ele cita que o crescimento profissional e pessoal na Terra não pode ocultar a ideia de que a vida terrena é o fim de tudo. A presença de Deus em todos os aspectos da vida dele é a sua essência, porque Deus sempre honra a fidelidade dos seus filhos.

Diante de todas essas entrevistas e dos levantamentos dos dados estatísticos, deduz-se que existe uma busca incessante por um equilíbrio entre a essência fundamental do *adventismo*, ou seja, a volta de Jesus à Terra, de um lado, com os compromissos profissionais e os afazeres intramundanos, por outro. Nesse frágil equilíbrio, o capitalismo surfa em ondas favoráveis para seu pleno desenvolvimento. A realização da pesquisa de campo, os referenciais teórico-metodológicos e o confronto com as ideias weberianas permitiram a construção de algumas considerações e conclusões objetivas, acrescidas, obviamente, da visão subjetiva do historiador.

⁴⁵ Entrevista com o Dr. Antônio, em 11 de abril de 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu em meados do século XIX nos Estados Unidos após um grande desapontamento com o não cumprimento da profecia *milerita*. A crença nessa profecia se contextualizava com um momento de graves crises econômicas e sociais e que sacudiram a jovem nação norte-americana. A mensagem do *advento* do messias, tal qual está inserida no próprio nome dessa denominação religiosa, continuou e continua sendo propagada nesses 177 anos após 22 de outubro de 1844. Todavia, nesse período, o adventismo não deixou também de demarcar território terrestre e promover o crescimento da instituição e dos seus membros. Uma trajetória que se seguiu paralelamente ao desenvolvimento do capitalismo.

Para a execução desta pesquisa, com o tema *A construção da cultura capitalista na religião Adventista do Sétimo Dia: décadas de 1980 a 2020*, foi feito inicialmente um levantamento de diversas fontes bibliográficas que abordam a temática da religião e sua correlação com a economia. Isso foi precedido e realimentado a partir da *ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Weber (2004), que foi utilizado como principal referencial teórico-metodológico. Assim, vários autores (historiadores, sociólogos, economistas, filósofos) forneceram informações imprescindíveis para o entendimento do problema que a pesquisa se propôs a solucionar. Foi necessário, para isso, historicizar o tema dentro do contexto da cultura cristã ocidental a fim de obter uma melhor compreensão das hipóteses previamente elencadas. Desse modo, foi possível perceber as afinidades eletivas entre o protestantismo, e especificamente o *adventismo*, e o desenvolvimento do capitalismo.

Posteriormente, buscou-se entender como surgiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos em meados do século XIX. Um novo levantamento bibliográfico, especificamente sobre o *adventismo*, foi realizado. A compreensão da profecia das 2.300 tardes e manhãs, trazida à luz pelos estudos de Guilherme Miller, exigiu uma análise do contexto socioeconômico dos Estados Unidos do período a fim de entender como uma sociedade em movimento e em crises fez com que o movimento *milerita* tivesse uma grande aceitabilidade. Em seguida, tornou-se imprescindível a busca de dados estatísticos e informações sobre o *adventismo* após os acontecimentos de 1844, e como a propagação dessa religiosidade para além das terras norte-americanas inseria-se na nova dinâmica de expansão do capitalismo monopolista.

A parte final desta pesquisa ocorreu mediante trabalho de campo, com coleta de dados por meio de pesquisas, informações das secretarias das três igrejas adventistas da cidade de Assis Chateaubriand (PR) e, sobretudo, das entrevistas com alguns membros. A tabulação dos dados e o tratamento do material das entrevistas permitiu a redação do último capítulo e deu embasamento para as considerações finais. O estabelecimento e a consolidação do *adventismo* em Assis Chateaubriand (PR) seguiu o mesmo movimento populacional de fluxo e refluxo que caracterizou essa cidade desde seu nascimento, em 20 de agosto de 1966.

Assim sendo, foi possível constatar a existência de uma cultura capitalista na religião Adventista do Sétimo Dia e em grande parte dos seus membros nessa cidade. Foram adotadas estratégias pela Igreja e por seus membros a fim de se adaptarem à economia de mercado, a despeito dos óbices oriundos da peculiaridade dessa religiosidade. A demarcação de território nos diversos espaços de ocupação profissional foi uma característica marcante do *adventismo*, e isso permitiu a convivência harmoniosa entre a espiritualidade e a vida material. Desse modo, com os olhos no céu e os pés na Terra, o *adventismo* chateaubriandense inseriu-se integralmente à economia de mercado em um movimento que exigiu muita disciplina e resiliência por parte dos sujeitos. A contradição de tudo isso é a tentação que pode ocorrer no sentido de se perder o cerne da doutrina identitária do *adventismo*, o advento do Messias, como bem lembrou Knight (2015, p. 316):

A riqueza também tem influenciado a crença de alguns membros quanto à esperança do Advento. A ética protestante de empreendedorismo e poupança tem levado muitos adventistas do sétimo dia em direção a uma crescente mobilidade social intergeracional. Os efeitos dessa mobilidade em várias gerações podem desenvolver membros que implantem seu reino na Terra e sentem pouca necessidade do reino do Céu. É simples para eles se sentir mais confortáveis com a cultura geral do que com suas raízes sectárias.

Weber (2004) preocupou-se em entender como as concepções e as ambições da burguesia harmonizavam-se com o desenvolvimento econômico do capitalismo. Para tanto, procurou mostrar de forma racional como a questão teleológica, no caso o *calvinismo* e suas ramificações, contribuiu para impulsionar o capitalismo por meio da remoção de obstáculos que até então eram incompatíveis com a economia de mercado, a saber, a identificação de afinidades eletivas entre o pensamento religioso e o comportamento do capitalismo como modo de produção. Entretanto, aqueles grupos que deram lastro, isto é, tinham o espírito do capitalismo para o desenvolvimento econômico, acabaram, paradoxalmente, presos às teias do próprio sistema. É a chamada gaiola ou jaula de ferro que acabou aprisionando os homens a

um sistema do qual eles não têm o controle. E esse é o pessimismo e a resignação de Weber (2004, p. 165), ao constatar que, ao final, o capitalismo trilhou um caminho em contraste aos valores religiosos do qual se formou na sua gênese:

[...] O cuidado com os bens exteriores devia pesar sobre os ombros de seu santo apenas “qual leve manto de que se pudesse despir a qualquer momento”. Quis o destino, porém, que o manto virasse uma rija crosta de aço {na célebre tradução de Parsons: *iron cage* = jaula de ferro}. No que a ascese se pôs a transformar o mundo e a produzir no mundo os seus efeitos, os bens exteriores deste mundo ganharam poder crescente e por fim irresistível sobre os seres humanos como nunca antes na história. Hoje seu espírito - quem sabe definitivamente? - safou-se dessa crosta. O capitalismo vitorioso, em todo caso, desde quando se apoia em bases mecânicas, não precisa mais desse arrimo.

Nesse sentido, o espírito do capitalismo identificado na religiosidade protestante, e que outrora foi indispensável para o desenvolvimento econômico, agora já não é mais necessário. O capitalismo adquiriu musculatura própria e passou a andar com seus próprios pés. Em outras palavras, antes, o capitalismo era dependente de um espírito ou de uma cultura de determinados sujeitos, e teve no protestantismo calvinista e suas ramificações os tipos ideais. Agora, contudo, é o capitalismo que tem o controle desses próprios sujeitos e consegue aprisioná-los em sua própria gaiola de aço. É justamente esse o grande dilema no qual se encontra o *adventismo*: a dificuldade de equilibrar-se entre a essência da mensagem *milerita* do advento de Jesus e o cumprimento dos deveres intramundanos e dos negócios profissionais. De acordo com Oliveira (1992, p. 05-09),

O liberalismo entrou na Igreja e escancarou as portas da Igreja de Deus a outros inimigos: o secularismo, o mundanismo, o conformismo, o nominalismo, o imobilismo, e uma série de outros ismos. [...] A Igreja se divide hoje em dois grupos: os supranaturalistas e os secularistas. Os supranaturalistas possuem uma religião vertical, os secularistas, uma religião horizontal. Os secularistas se ocupam com as coisas desse mundo. [...] A trindade secularista é: móveis, imóveis e automóveis. [...] Para os secularistas há sempre um espaço crescente para o mundo e um espaço menor para Deus.

Essa afirmação foi feita em um sermão na Igreja Adventista Central de Curitiba (PR) pelo pastor Enoch de Oliveira, que chegou a ser vice-presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas também se aplica aos adventistas de Assis Chateaubriand (PR). No sermão intitulado *Cavalo de Troia na igreja*, o referido pastor chamava atenção para a prosperidade econômica dos fiéis e, paradoxalmente, a consequente diminuição da

espiritualidade e da essência maior do *adventismo*: o advento de Jesus à Terra. Esse fato também não passou despercebido por outros líderes religiosos de outras denominações, que apontavam para uma atuação fortemente marcante do adventismo nas questões seculares, a despeito da pregação da mensagem do fim do mundo a qualquer momento (LIMA, 1987, p. 05). Assim, estaria predominando um movimento horizontal (materialismo) em detrimento de um crescimento vertical (espiritualidade). Essa foi a mesma preocupação em um passado não muito remoto do líder metodista John Wesley, que notou que a riqueza dos membros havia aumentado na mesma medida em que havia decrescido a essência da religião.

Em suma, os sujeitos dessa religiosidade estão em uma encruzilhada e incorrem ao risco de se verem em uma espécie de síndrome do *adventismo prometeico*: ter o “fogo dos deuses” (o conhecimento da mensagem milerita de 1844) para transmitirem ao mundo, mas, paradoxalmente, viverem anestesiados e acorrentados aos encantos e às seduções do capitalismo em suas jaulas de aço (trabalhismo, consumismo, individualismo, prosperidade econômica, disciplina rígida, competitividade, materialismo etc.). Esse difícil equilíbrio, com a tendência de pender mais para o último lado, poderá acarretar o cumprimento da advertência profética que se aplica à última Igreja do Apocalipse – Laodiceia – da qual o *adventismo* considera-se fazer parte: “*Dizes: rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta. Mas não sabes que és um coitado, e miserável, e pobre, e cego, e nu.*” (APOCALIPSE 3:17).

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias

BÍBLIA SAGRADA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora SBB, 2007.

LIÇÃO ESCOLA SABATINA. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

MANUAL DA IGREJA. 22. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

REVISTA ADVENTISTA, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, abril de 2021.

Fontes Orais

ALBUQUERQUE, Sara. **Entrevista concedida a Milton Aparecido Azevedo**. Assis Chateaubriand, 1º. mai. 2021.

CARNIATTO, Antônio. **Entrevista concedida a Milton Aparecido Azevedo**. Assis Chateaubriand, 11 abr. 2021.

CARNIATTO, Dalila Visoto. **Entrevista concedida a Milton Aparecido Azevedo**. Assis Chateaubriand, 11 set. 2021.

DUARTE, Edson. **Entrevista concedida a Milton Aparecido Azevedo**. Assis Chateaubriand, 10 jul. 2021.

ESTER (pseudônimo). **Entrevista concedida a Milton Aparecido Azevedo**. Assis Chateaubriand, 08 abr. 2021.

LEANDRO NETO, João. **Entrevista concedida a Milton Aparecido Azevedo**. Assis Chateaubriand, 11 abr. 2021.

MARTINS, Douglas. **Entrevista concedida a Milton Aparecido Azevedo**. Assis Chateaubriand, 1º. mai. 2021.

NEIDE. **Entrevista concedida a Milton Aparecido Azevedo**. Assis Chateaubriand, 08 mai. 2021.

THIAGO. **Entrevista concedida a Milton Aparecido Azevedo**. Assis Chateaubriand, 08 mai. 2021.

Dissertações e Teses

GALDINO, M. **A irradiação do Adventismo do Sétimo Dia no oeste do Paraná**. Foz do Iguaçu, 2015. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

KOLLN, L. A. B. **O Adão Prometeico – Mundo do trabalho nos Estados Unidos em fins do século XIX e início do XX a partir da literatura de Sherwood Anderson e Jack London.** São Paulo, 2018. 466 p. Tese (Doutorado História Econômica) – Universidade de São Paulo.

LOPES, R. B. **A miséria da teologia:** um estudo sobre práticas e praticantes da religiosidade pentecostal. Uberlândia, 2016. 159 p. Tese (Doutorado em História) -Universidade Federal de Uberlândia.

LORENSETTI, E. **A relação da dinâmica populacional de Assis Chateaubriand com a modernização da agricultura e a apropriação da terra.** Marechal Cândido Rondon, 2017. 107 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

TEIXEIRA, C. F. **A teologia do compromisso no pensamento de Ellen White: uma perspectiva da liberdade cristã.** São Paulo. 2012. 453 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo.

Fontes Secundárias

BENJAMIN, W. **Capitalismo como religião**, org. LOWY, M. São Paulo: Boitempo, 2013.

BIELER, A. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana S/C, 1990.

BORGES, M. **A chegada do Adventismo ao Brasil.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

BOSI, A.P. **Saúde, Política e Vida Acadêmica:** um ensaio sobre Max Weber. 2020.

CALVINO, J. **As Institutas da Religião Cristã:** edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CAMPOS, B. M. Convergência de Interesses: Liberalismo e Protestantismo no Brasil no século XIX. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, RS, v. 29, 2012, p. 2-13. DOI: <http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v29i0.347>

COLLINS, N J. **Retrato dos pioneiros:** detalhes inspiradores dos primeiros adventistas. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

CORRÊA, M. E. L. Ideologia e educação: o pensamento liberal e a educação protestante adventista de origem norte-americana no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.22, p. 93 –104, jun. 2006. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4898/art07_22.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

DOUGLAS, H. E. **A mensageira do Senhor**, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

- FRANCO JR, H. **O Feudalismo**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GREENLEAF, F. **Terra de Esperança: O crescimento da Igreja Adventista na América do Sul**. Tatuí, SP: CPB, 2011.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HERMANN, J. História das religiões como disciplina. *In*: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História, ensaios sobre teoria e metodologia**, Rio de Janeiro, Elsevier, 1997, p. 25-40.
- KNIGHT, G. R. **Adventismo: origem e impacto do movimento**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Estampa, v. III, 1984.
- LE GOFF, J. **Mercadores e banqueiros da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LE GOFF, J. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1993.
- LE GOFF, J. **A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LIMA, D. **Os demônios descem do Norte**. São Paulo: Editora Francisco Aves, 1987.
- LOUGHBOROUGH, J. N. **O Grande Movimento Adventista**. Adventist Pioneer Library, 2014.
- LOWY, M. **A jaula de aço**. Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo, Boitempo, 2014.
- LUTERO, M. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Concórdia, v. 5, 1995.
- MARSHALL, A. **Princípios de Economia**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.
- MARX, K. **Le Capital**. Garnier-Flamarion, Paris, v. 1, 1969.
- MARX, K. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Bom Tempo editorial, 2005.
- MAXWELL, C. M. **História do Adventismo**. São Paulo: Casa Publicadora brasileira, 1982.
- McGRATH, A. E. **A vida de Calvino**. Tradução de Marisa Lopes, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- MONTESQUIEU. **Do espírito das leis**. Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural Ltda, 1997.
- MOUSNIER, R. **Os séculos XVI e XVII**. *In*: CROUZET, M. **História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difel, Tomo IV, V. 1, 1973.

NEWTON, I. **Observações sobre as profecias de Daniel e o Apocalipse de São João**. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.

OLIVEIRA, E. **Cavalo de troia dentro da igreja**. Revista Adventista. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992.

PIRENNE, H. **História econômica e social da Idade Média**. 6. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

RESILIENTE. *In*: DICIO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/resiliente/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SCHWARZ, R.; GREENLEF, F. **Portadores da Luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 1. ed. Engenheiro Coelho/SP: UNASPRESS, 2009.

SMITH, A. **Riqueza das nações: Uma investigação sobre suas naturezas e suas causas**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Revisão técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VOLVELLE, Michel. **Imagens e Imaginário na História**. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Editora Ática, 1997.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WHITE, E. **Educação**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1968.

WHITE, A. **Elena de White: Mujer de visión**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2003.

WHITE, E. **Obreiros Evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. G. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

WHITE, E. G. **Conselhos sobre saúde**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Tradução de Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WOOD, E.M. **Democracia contra capitalismo**. São Paulo: Bointempo Editorial, 2003.